

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

LUIZ FERNANDO FERREIRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória de Manguinhos II

Entrevistado – Luiz Fernando Ferreira (LF)

Entrevistadores – Wanda Hamilton (WH) e Nara Azevedo (NA)

Data – 07/12/1999

Local – Sem informação

Duração – 4h51min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

FERREIRA, Luiz Fernando. *Luiz Fernando Ferreira. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos II*, 1999. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 112p.

Sumário

Fita 1

Origem familiar; a formação do pai em medicina e a especialização em cardiologia na Santa Casa de Misericórdia; a amizade do pai com Francisco Laranja e Genard Nóbrega; as pesquisas de Francisco Laranja em cardiopatia da doença de Chagas; as atividades literárias do pai; a influência religiosa da mãe na pré-adolescência; o gosto pela leitura e a escolha da profissão médica; influências na escolha da profissão médica; os primeiros contatos com Manguinhos; a opção pela pesquisa científica; o contato com o professor Hugo de Souza Lopes em Manguinhos; o trabalho com José Rodrigues da Silva; o heroísmo dos cientistas de sua época; sua dedicação à pesquisa básica na Faculdade de Medicina; as aulas na Faculdade Nacional de Medicina; sua admiração por Aloísio de Castro; a infra-estrutura da Faculdade de Medicina; a admiração por Thales Martins; o estágio no laboratório de radiologia do Instituto de Biofísica; o trabalho no laboratório do Hospital Moncorvo Filho; a publicação do primeiro trabalho na revista *Vida Médica*; o estudo de eletroforese em esquistossomose; o pioneirismo do Instituto de Biofísica; as dificuldades de se especializar fora do Brasil no tempo de seu pai; a bolsa concedida pelo Conselho de Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil; as publicações na revista *O Hospital*; o vestibular para a Faculdade Nacional de Medicina; os estudos no Colégio Zacharias e no Colégio Juruena; a amizade com José Rodrigues Coura; a trajetória na Faculdade e sua inclinação para as áreas de microbiologia e parasitologia; o concurso para monitor oficial da cadeira de Medicina Tropical; a chefia do laboratório de diagnóstico em parasitologia da cadeira de Medicina Tropical e as pesquisas em esquistossomose; o curso de protozoologia do INERu de Belo Horizonte.

Fita 2

O curso de protozoologia oferecido pelo INERu em Belo Horizonte; os institutos do INERu; a importância de trabalhar com pesquisadores experientes; a volta de Belo Horizonte para terminar a Faculdade; perfil do professor Fróes da Fonseca; o trabalho em esquistossomose com Héllion Póvoa e a aproximação com o professor José Rodrigues da Silva; o convite para permanecer na cadeira de Medicina Tropical após a formatura; a efetivação como instrutor de ensino em 1960; a dedicação do professor Rodrigues da Silva à cadeira de Medicina Tropical; os laboratórios da Faculdade de Medicina; suas pesquisas em isosporose humana; a defesa da tese de doutorado e o Prêmio Ganning; perfil de Adolpho Lutz; a amizade com o Dr. Olímpio da Fonseca; a imagem do cientista; a fundação e os objetivos da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; a revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; a liderança do professor Rodrigues da Silva na área de doenças tropicais e na Sociedade de Medicina Tropical; a admiração pelo professor Rodrigues da Silva e o Dr. Lutz; perfil do Dr. Mário Aragão; a indicação para a cátedra de parasitologia na Faculdade de Ciências Médicas; perfil anarquista de sua biblioteca particular; o curso de entomologia em Manguinhos; a entrada na Fundação Oswaldo Cruz; sua admiração pelo Dr. Manoel Frota Moreira; o trabalho desenvolvido na Fundação Oswaldo Cruz; o trabalho no Hospital São Francisco ligado à cadeira de Medicina Tropical da Faculdade; considerações sobre a Medicina Tropical.

Fita 3

História da cadeira de Medicina Tropical da Faculdade Nacional de Medicina; a antiga sede da Escola Nacional de Saúde Pública; o curso de Parasitologia Médica da Escola de Saúde Pública; a criação do Departamento de Parasitologia na Escola Nacional de Saúde Pública; o trabalho no Hospital São Francisco de Assis; perfil do Dr. Edgar Cerqueira Falcão; a admiração por Gaspar Vianna; Manguinhos como pólo de atração e centro de referência para os estudantes de medicina; perfil dos professores da Faculdade Nacional de Medicina; a diversificação dos cursos de universitários; a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em São Paulo e no Rio de Janeiro; o convite para trabalhar na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) em 1966; gestão de Edmar Terra Blois como diretor da ENSP; a criação da ENSP; a decisão de deixar a cadeira de Medicina Tropical da Faculdade Nacional de Medicina para chefiar o Departamento de Ciências Biológicas da ENSP; os cursos oferecidos pela ENSP; a criação dos departamentos da ENSP; a saída de Edmar Terra Blois da direção da ENSP; a importância da ENSP como centro de referência em saúde pública; a organização do Departamento de Ciências Biológicas; a criação da Fundação Oswaldo Cruz e a posterior transferência dos pesquisadores do Departamento de Ciências Biológicas para o IOC; a experimentação de novas drogas para esquistossomose e as pesquisas sobre transfusão sanguínea da doença de Chagas desenvolvidas na Faculdade de Medicina; as pesquisas desenvolvidas no Departamento de Ciências Biológicas; a escola de Lauro Travassos e o Departamento de Helmintologia do IOC; o aspecto aplicado das pesquisas em parasitologia médica; o papel de Unidade Sanitária da ENSP; a relação dos alunos dos cursos de Saúde Pública da ENSP com o Departamento de Ciências Biológicas;

Fita 4

Os avanços da pesquisa científica a partir da década de 1950; a criação da Fundação Oswaldo Cruz; a indicação de Vinícius da Fonseca para ocupar a presidência da Fundação Oswaldo Cruz; a importância da gestão de Vinícius da Fonseca na Fiocruz; o convite de Vinícius da Fonseca para ocupar a direção da ENSP; a relação com Vinícius da Fonseca; a criação dos cursos de pós-graduação durante sua gestão como diretor da ENSP; a transferência dos cursos de pós-graduação em virologia e parasitologia para o IOC durante a gestão de José Rodrigues Coura como vice-presidente de Pesquisa da Fiocruz; a indicação de Guilardo Martins Alves para ocupar a presidência da Fiocruz; os problemas com o SNI para contratação de pessoal; a pesquisa sobre a origem da esquistossomose mansoni no continente americano; a criação do termo paleoparasitologia; a pesquisa sobre esquistossomose em roedores realizada em Sumidouro, RJ; a Medalha Samuel Pessoa pelo melhor trabalho apresentado no Congresso de Parasitologia de Belo Horizonte; o reconhecimento científico de suas pesquisas em paleoparasitologia; as pesquisas em paleoparasitologia desenvolvidas pelo seu grupo; os grupos internacionais em paleoparasitologia; perfil de Carl Reinhart; o uso das técnicas da biologia molecular nas pesquisas em paleoparasitologia a partir da década de 1980; comentários acerca da origem do homem americano; perfil de Maria Beltrão; o trabalho de Nied Guidon no Piauí; as hipóteses acerca da expansão histórica da esquistossomose; a relação com grupos internacionais de paleoparasitologia; perfil de Aidan Cockborn; a amizade com Sergio Arouca e o convite para ocupar a vice-presidência de Ensino da Fiocruz; suas inclinações anarquistas; a relação com os pesquisadores do IOC; a fundação da Sociedade Brasileira de Paleoparasitologia; a opção por permanecer na ENSP.

Fita 5

As mudanças introduzidas nos cursos para formação de sanitaristas; os motivos para a permanência do Departamento de Ciências Biológicas na ENSP; a introdução das ciências sociais na formação dos sanitaristas e a criação do Departamento de Ciências Sociais da ENSP; a escola parasitológica de Samuel Pessoa; perfil científico de José Rodrigues da Silva; os concursos para catedrático da cadeira de Medicina Tropical da Faculdade Nacional de Medicina; a admiração do pai por Miguel Couto; o convite para ocupar a chefia do Departamento de Helminologia do IOC; as pesquisas de Miriam Tandler e Naftale Katz para o desenvolvimento da vacina contra a esquistossomose; a relação científica com os pesquisadores do Departamento de Helminologia do IOC; os motivos da criação da Sociedade de Parasitologia; a criação da Sociedade Brasileira de Paleopatologia; as perspectivas no campo da paleopatologia; as dificuldades do transporte de material científico; a opção pela não militância política; a ascensão à presidência interina da FIOCRUZ e as dificuldades enfrentadas na época do Governo Fernando Collor de Mello; a recusa de novos cargos administrativos e sua situação atual.

Data: 07/12/1999

Fita 1 – Lado A

LF- ... Fernando Henrique ou coisas da política de hoje, eles discutiam a Proclamação da República! E evidentemente haviam os monarquistas, haviam os republicanos e tinham discussões assim. E ainda conheci, nesse negócio de família longeva, uma amiga da minha avó, que recebia uma pensão do pai, da Guerra do Paraguai.

WH- Você nasceu quando, Luiz Fernando?

LF- Eu nasci em 23 de setembro de 36.

WH - 1936. Na rua Clarisse...

LF- Clarisse Índio do Brasil, 34. Hoje tem um apartamento que o meu pai construiu, onde era a casa, e mora meu filho e a minha primeira mulher. Moram lá até hoje.

NA- Seu avô fazia o quê?

LF- Meu avô herdou uma grande fortuna. E torrou essa grande fortuna. (*risos*) Vocês agora estão vendo a novela, todo mundo está vendo a novela...

WH- Dos imigrantes?

LF- ...vem a grande crise do café, e o meu bisavô perdeu dinheiro nessa questão do café.

NA- Aqui do Vale do Paraíba?

LF- O Vale do Paraíba, é São Paulo...

NA- Era São Paulo?

LF- É. Meu bisavô é um sujeito que veio de Portugal, chegou aqui ganhou dinheiro que não acabava mais; recebeu a Ordem da Rosa; foi banqueiro. Chegou a ser banqueiro. (*risos*) Conforme eu vou contar, tinha além da mulher, mais duas casas montadas com mulher e filhos, etc... Fazia parte daquela época...

WH- Patriarcado...

LF- ...daquela época. Então meu pai ainda se dava com essas outras famílias e tal, depois a gente perdeu contato. Quando ele morreu, deixou um dinheiro bom para os filhos. E os filhos torraram esse dinheiro todo. Eu me lembro de contarem, que eu não conheci, do tio Juca. Tio Juca foi para Paris e torrou tudo o que tinha. Ele era amigo do Timóteo, um pintor que teve nome, ganhou prêmios aqui da Academia de Artes, da Escola de Belas Artes, essa coisa toda. E

eles ficaram lá, entendeu, farreando com mulheres. E o tio Juca - eu tenho em casa pinturas do tio Juca - perdeu...

WH- Ele foi para Paris para pintar?

LF- Foi para Paris para pintar! Ele era pintor!

WH- Nessa época, Paris era a Cidade Luz?

LF- Era a Cidade Luz! Era um colosso o tio Juca e tal. E ficou tuberculoso como também era...

WH- De praxe.

LF- ...o padrão da época. Quando ele ficou tuberculoso, acabou o dinheiro, ele veio e morreu, aqui. E o meu avô também torrou o dinheiro, etc. Quando ele tinha ainda algum dinheiro, ele foi para São Paulo para o café. Mas ele era intermediário. Ele não plantava café.

WH- Ele trabalhava com o comércio, basicamente.

LF- Com o mercado, com a exportação do café. Aí veio a crise do café. Ele perdeu tudo e o meu pai começou tudo do zero. Minha avó, a mãe do meu pai, era uma matriarca terrível, daquele modelo bem tradicional, antigo, que resolveu que os filhos iam ter que estudar, iam se formar. E formou meu pai em medicina, meu tio engenheiro e uma tia que se formou na Escola de Música, apesar de detestar tocar piano, (*tosse*) mas ela fez o curso completo e recebeu diploma de piano da Escola de Música. Tanto que quando o meu avô morreu, o primeiro troço que ela fez foi vender o piano (*risos*) e comprou uma jóia e disse: “Eu guardo essa jóia de lembrança de papai, mas piano eu não toco”. Vocês lembram da Úrsula, de *Cem Anos de Solidão*?

WH e NA- Ah, sei!

LF- A minha avó Olga é a imagem da Úrsula...

NA- Mas quando você nasceu, seu pai exercia medicina então?

LF- Meu pai exercia medicina. Meu pai começou tudo de novo, porque acabou o dinheiro e (*tosse*) ela formou os filhos com muito sacrifício, a minha avó. Tanto que ela contava...

NA- Ela tinha quantos filhos?

LF- Três. Estou falando do lado do meu pai. Tanto que ela contava que tinha um irmão que morava também com eles nesse casarão, nessa casa de família.

NA- Sei.

LF- ...ela esperava quando o irmão ia para o banheiro, ia no bolso do irmão e roubava moedas para eles pagarem a passagem do bonde para ir para a faculdade e tal. Então, meu pai começa tudo com esforço, com sacrifício. A vida era modesta, era de luta. E refez, enfim, não ficou rico como era o bisavô. Meu bisavô, apesar de ter três mulheres, tinha um retrato na Candelária porque ele tinha dado dinheiro para a construção da Candelária, essa coisa toda.

NA- Qual era o nome do seu bisavô?

LF- Era Antônio Ferreira da Silva. É uma figura que marca muito a minha infância. Quando meu pai falava o nome dele, tinha muita admiração. Porque ele tinha saído de uma aldeia em Portugal e vindo para cá, ganhado dinheiro, ficado rico. Começou como caixeiro, empregado e acabou como dono de um banco. Mas depois eles perdem. E aí meu pai começou tudo...

NA- Ele emigrou quando? Início do século XIX?

LF- Não, antes! Ele vem para cá em 1840 e pouco ...

NA- Metade do século...

LF- Ele morre antes do século. Ele morre em 1890, mais ou menos, nessa virada do século...

NA- Casou aqui.

LF- Casou aqui com a minha bisavó.

WH- E teu pai foi estudar medicina. Quer dizer, a geração do teu pai é uma geração que já entrou na faculdade, já tinha essa visão trazida do teu avô de que estudar era a forma de...

LF- É...

NA- Era a avó que tinha essa cabeça.

LF- É, a minha avó tinha essa cabeça. Minha avó era terrível!

WH- Qual a especialidade do seu pai?

LF- Meu pai? Era cardiologia. Meu pai foi um dos pioneiros da especialidade da cardiologia no Brasil. Está ali o retrato¹. Está aqui o meu pai. Era professor da Escola de Medicina.

NA- Bonitão ele.

¹ A entrevista foi realizada no laboratório do entrevistado, cujas paredes estão cobertas de fotografias. Neste momento ele mostra o retrato do pai. Esta atitude se repete em vários momentos da entrevista.

LF- É, igual ao filho (*risos*). Ele começa a Sociedade de Cardiologia, começa a eletrocardiografia. Ele é dos primeiros que começa a escrever. Fazia clínica médica como todo mundo fazia, e começa a se especializar em cardiologia.

WH- Isso foi na década de 40, mais ou menos?

LF- Não! Antes! Meu pai se formou em 1925.

WH- Mas a especialização dele é em cardiologia?

LF- Não, isso ao longo da vida. Eu não sei. Porque não era especialização de se fazer um curso...

WH- Como hoje, residência.

LF- Como hoje residência. Não tinha nada disso. Você começava e ia aprendendo e coisa. Ele vai dar na faculdade um curso de eletrocardiografia, que ele repete muitos anos.

NA- Você lembra quando começou isso?

LF- Isso só vendo, Nara, mas...

NA- Eu só estou perguntando isso sabe por quê? Por causa da doença de Chagas. Porque a gente estava esses dias conversando sobre quando é que começaram esses métodos, aplicação de eletrocardiografia...

LF- Mas isso eu localizo...

NA- Ah! Porque isso era interessante!

LF- ...porque o Laranja era muito amigo do meu pai.

NA- Por causa dele.

LF- E eles começam juntos. Laranja era amicíssimo...

NA- Na Santa Casa?

LF- Na Santa Casa. O Laranja era muito amigo. O Laranja falava muito do meu pai e tal... E gostava muito. Era muito amigo.

NA- O Laranja estará no livro. A gente tem a entrevista dele.

LF- É, o Laranja é importante nisso. E ele era muito amigo de meu pai. Por aí você localiza. Eram companheiros. Foram juntos fundadores da Sociedade de Cardiologia, do começo dos estudos de eletrocardiografia. Tanto que meu pai conhecia Emanuel Dias. Uma vez ele me

disse: “Não, o Emanuel Dias foi lá ver negócio de eletrocardiografia.” Mas quem adere é o Laranja.

WH- É, o Laranja é que vai lá para Bambuí fazer toda...

LF- Que vai para Bambuí, que vai ter aquela série Laranja, Dias e Nóbrega.

NA- É. Série de trabalhos.

LF- Outro sujeito também interessantíssimo era o Genard Nóbrega que vocês não conheceram também.

WH- Não.

LF- Foi diretor do hospital aqui durante muitos anos e também era amigo do meu pai porque eles eram cardiologistas. Por isso é que eles vão se juntar com o Emanuel Dias. Porque o Emanuel é um cara mais de laboratório, de curso de Manguinhos. E eles compõem para estudar a cardiopatia chagásica. Que vai sair essa série, vai sair no *Circulation*...

NA- Isso!

LF- ...vai sair no *American Art Journal*, a questão da definição do traçado eletrocardiográfico na doença de Chagas, não é?

WH- Esses trabalhos são clássicos, não é?

LF- Esses trabalhos são clássicos, são muito importantes.

NA- É, porque o que nós estávamos tentando saber é se o Carlos Chagas, havia usado algum tipo de técnica eletrocardiográfica nos anos em que ele estava vivo, evidentemente. O João Carlos Pinto Dias disse que sim, mas a gente não tem essa confirmação. Porque você sabe que a primeira pessoa que começou a usar esses métodos para Chagas foi o próprio Laranja, não é?

LF- Isso é o que eu tenho...

NA- É o que você sabe também.

LF- O que eu sei é isso.

NA- É, está.

LF- Agora a minha fonte é a mesma do Laranja. Quer dizer, ele e o meu pai. Porque o meu pai era muito amigo do Laranja. O Laranja, depois que a minha mãe ficou viúva, telefonava lá para minha mãe, ficava falando do meu pai, elogiando, lembrando... minha mãe chorava. Ele já estava morrendo também! Estava velho. Eles eram amigos. Eles se davam.

NA- Bom, esse pai influencia a sua escolha pela medicina?

LF- Terrível! Eu vou te contar. Primeiro, deixa eu contar um detalhe que talvez interesse a vocês. Ela perguntou como é a especialidade. A especialidade você aprendia! Na época, em geral todo mundo fazia uma especialidade qualquer e urologia. Todo mundo fazia urologia também. Por quê?

WH- Doenças venéreas?

LF- É. Por quê? Porque gonorréia era um troço que os caras ganhavam dinheiro! (*tosse*) Primeiro porque estava espalhado, não tinha penicilina; então a gonorréia se tratava com lavagem de permanganato de potássio. Se fazia aquelas lavagens e que o sujeito ficava durante um ano, dois anos, indo duas, três vezes por semana ao consultório para fazer lavagem com permanganato de potássio. E ainda tinha um problema: muitas vezes na hora de cicatrizar, aquilo estenosava o meato. Então, tinha que se fazer um negócio que se chamava Beniquê, que era um ferro que tinha uma curvatura e que passava um fininho e depois passava outro maior, outro maior... Então aquilo era uma boa fonte de renda. Você tinha cliente garantido por muito tempo. Então todo mundo na época fazia. Quer dizer, não tinha essas coisas de especialidade como é hoje, de curso de especialização.

WH- Ele ia se especializando na prática também?

LF- É! Aprendia com o outro! Que aliás é o único método de você aprender...

NA- Mas você sabe por que o seu pai escolheu cardiologia? Algum interesse específico ou a Santa Casa... Ele trabalhava na Santa Casa?

LF- Ele trabalhava na Santa Casa nesse tempo e lá começam a se interessar, aí ele começa nisso...

NA- Ah, não é uma coisa específica.

LF- Alguém comprou um aparelho de eletrocardiografia, que não era esse aparelho de hoje que sai gravado. Era uma fotografia. Aquilo corria com a fotografia e aí tinha que revelar.

NA- Um filme!

LF- Era um filme. Tanto que no apartamento onde hoje mora o meu filho e a minha primeira mulher, tem uma câmara que o meu pai fez, porque foi ele que desenhou aquilo para revelar. Ele revelava porque não tinha slide, esse negócio pronto. Então, ele fotografava de livro para as aulas. E revelava, ele é que fazia esse negócio todo.

WH- Como era o nome do seu pai?

LF- Oscar Ferreira Júnior.

WH- Oscar Ferreira Júnior. Bom, mas voltemos para a sua vocação. Como é que foi sua relação com a medicina? Você foi estudar medicina, não é isso?

LF- Eu vou te contar. Aí entra outra mulher forte. Toda a minha história é cercada de mulheres fortes. Por isso eu nunca acreditei nesse negócio de mulher oprimida, (*risos*) que a mulher é coisa. Isso é uma brincadeira, é um jogo! Exatamente porque eu nunca vi mulheres oprimidas. Eu conheci a minha bisavó, que era uma mulher terrível! As minhas duas avós - uma é essa que eu já contei -, a minha mãe. E as diferentes mulheres que eu tive – vocês conhecem algumas. O que muda o estilo. Uma é mais suave, a outra é mais assim... Mas no fundo todas... Mulher é terrível! E minha mãe é uma figura fortíssima nessa história toda, embora sempre a grande imagem que ela joga é do meu pai: “Você tem de ser igual ao seu pai”. Ela constrói aquilo e me empurra dentro daquele modelo. Meu pai era um homem que quando estava em casa, estava no gabinete de estudo. Nunca me lembro do meu pai andando pela casa. Ele chegava, jantava. Ele tinha um horário rigorosamente certo de jantar. Depois, ia para o gabinete, estudava até meia-noite e ia dormir. De manhã, ele saía. Mas era o exemplo, não é? Vocês querem saber o que funcionou em casa? Aquilo lá era o exemplo! Quer dizer, a casa era sempre cheia de livros por tudo quanto era lugar e eu aprendi desde menino a ler e a gostar de livros; a gostar dessa coisa toda. (*tosse*) Meu pai fazia poemas também. Como não eram publicados, ele publicava como eu publico os meus poemas. Ele tinha poemas. Você sabe (*tosse*), Nara, que eu tenho lá em casa hoje umas vinte peças de teatro, todas em manuscrito. Porque ele fazia peça de teatro. Ele era dado a...

WH- Agora eu fiquei curiosa (*risos*) com essas peças...

NA- Dramaturgia...

LF- Uma vez, ele me disse que levou para o Procópio.

WH e NA- Ferreira?

LF- Procópio Ferreira. Mas é que ele inventava uns cenários que tinham de rodar e o Procópio disse a ele que aquilo era muito caro, que não tinha como montar. E fazia poesias. Tem livros de poesias...

NA- Sua mãe fazia o quê?

LF- Minha mãe tinha estudado na Escola de Enfermeiras Ana Néri, numa das primeiras turmas. Evidentemente, quando o meu pai foi casar com ela, disse: “Mulher em casa. Não tem esse negócio de mulher ficar trabalhando.” E botou ela para casa e ela gostava também. Então, ela largou a Escola Ana Néri e foi cuidar do meu pai e de mim. Tinha que cuidar de mim.

WH- Você teve outros irmãos?

LF- Não.

NA- É, você é filho único.

LF- Graças a Deus! (*risos*) Já tinha que dividir ela com o meu pai, você queria que eu dividisse com outro, ainda por cima! Eu ia ficar uma fúria!

NA- Como é o nome dela?

LF- Isolete, Isolete. O que mais que você quer saber? Senão eu me perco.

NA- A partir de um certo momento, você diz: “Não, é influência dele para escolher medicina ou não.” Essa era a pergunta.

LF- Eu vou te explicar: a influência que passa é uma influência cultural geral. Quer dizer, é ler os filósofos, é ler Heckel. No meu tempo de adolescente, era o negócio do Heckel, os enigmas do universo, era Darwin. Eu tenho um trajeto que começa profundamente religioso, quando menino, por influência da minha mãe. Eu ia à missa, fui Congregado Mariano até a pré-adolescência, aí a identificação passa a ser com o pai. Aí eu adoto um positivismo, que se você quiser dar um nome arcaico, já inteiramente superado, mas era o que pairava e é o que vocês vão ver pairar nessa geração antes da minha. Não é um positivismo ler Auguste Comte, defender. Mas é um negócio que paira, o pano de fundo no sentido de que a ciência que responde a tudo. É a ciência absoluta e o que a ciência diz é verdade. Isso vai marcar! Vocês sabem, eu tinha parentes militares, isso vai marcar os militares. Os militares é que vão fazer a República, vocês sabem isso mais do que eu. E vai marcar todo o pessoal de ciência. Eu conheci gente de gerações bem anteriores à minha. Porque eu disse a você, conheci esse meu parente Eduardo Marques, conheci o Olímpio. Conheci gente daqui de Manguinhos: Magarinos Torres, Lauro Travassos, esses da outra geração. E são marcados por essa idéia que a ciência te responde tudo. Então, eu faço essa passagem da ciência e da filosofia como valor. Meu pai lia, meu pai era um homem culto. Meu pai era um homem que sabia latim, sabia grego, sabia várias línguas e lia literatura. Essa biblioteca era muito boa, e existe até hoje lá na rua Clarisse, com o meu filho. A biblioteca ficou lá, tem uma parte comigo e outros livros que foram ficando pelas casas das minhas ex-mulheres. Mas como eu me dou bem com todas elas, eu posso voltar e apanhar os livros a qualquer momento. Então a influência é muito por isso. O que é que me encaminha? Duas coisas muito importantes: uma é Eduardo Marques. Aquele artigo do Aragão fala dele, dá o nome dele. Eduardo Marques é tio do meu tio, casa com a irmã do meu pai. Esse que casa com a irmã do meu pai é meu tio por afinidade. Era médico também e era muito meu amigo, muito meu amigo. E o tio dele, Eduardo Marques também. Eduardo Marques era professor de microbiologia na Faculdade de Medicina e tinha um laboratório na cidade, na rua São José. (*tosse*) Quando eu era garoto ele me trazia aqui em Manguinhos. O caminho vai mais por aí. Me trazia em Manguinhos e eu me apaixonei por esse troço aqui. (*tosse*) Eu ia na cidade, quando eu era garotote, com 14, 15 anos, comprava cigarros Cairo Ovaes na Tabacaria Londres...

WH- Cigarro o quê?

LF- Cairo! A marca Cairo, como os egípcios. Na verdade, a fantasia crescia com o harém ou coisa que você quiser...

WH- Você ainda veio para o Castelo então...

LF- Claro, claro! E depois eu ainda ia andar pelos sebos da rua São José. Comprava alguma coisa, depois eu ia no laboratório do Dr. Marques. Conversávamos e depois vínhamos para casa com o meu tio que tinha consultório lá. Meu tio era cirurgião.

WH- O laboratório dele era no Centro da cidade.

LF- Na cidade, na rua São José! Embaixo tinha uma joalheria, era um sobrado.

WH- Mas ele te trazia aqui?

LF- Não, filha, para casa!

NA- Para casa dele. Não, o tio trazia ele de vez em quando aqui, não é isso?

WH- Aqui em Manguinhos.

LF- Não. São duas coisas. O velho Eduardo Marques me trazia algumas vezes a Manguinhos, quando garoto.

WH- Para passear!

LF- Passear. Essa é outra parte da história que eu era já mais velho, ia à cidade já sozinho, ia ver os sebos e passava no laboratório. Ele me contava história, a gente conversava muito e depois o meu tio tinha automóvel, porque nesse tempo nem todo mundo tinha automóvel.

WH- Era raro.

LF- Nesse tempo, eu estou, agora, pelos anos 50.

NA- Começavam a aparecer os automóveis, não é?

LF- Tinha poucos.

NA- Nem todo mundo tinha.

LF- Meu tio tinha. Então, ele me trazia e me deixava em casa. É o final desse passeio pelos sebos. Então, Eduardo Marques tem uma marca forte especificamente na questão de uma definição por pesquisa científica, laboratório de microbiologia, etc.

WH- Quer dizer, quando você decide fazer medicina você já sabe que teu caminho é pesquisa?

LF- É.

WH- Não era clínica, não era...

LF- Nunca foi! Eu gostava de ciência, gostava dessa coisa...

WH- Laboratório...

LF- Tanto que eu cheguei a ter uma vacilação de estudar história natural que hoje é biologia. Naquele tempo era história natural e incluía: geologia, mineralogia, essas outras coisas. Mas aí houve uma pressão familiar, me disseram: “Ah, porcaria, negócio não sei quê...! Medicina. Depois você faz a besteira que você quiser, mas agora...!”

WH- É como se fosse uma faculdade de segunda, comparada com a medicina, não é?

LF- Naquele tempo, Wanda, as grandes faculdades para homem que se prestasse eram: medicina, direito e engenharia. É claro que eu estou dando um panorama meio viciado, mas era basicamente isso. O resto era o resto!

NA- Não importava.

LF- O resto era uma coisa secundária.

WH- Profissões não valorizadas.

LF- Não eram valorizadas. Não eram valorizadas mesmo! Quando eu estiver falando demais vocês me cortem.

NA- Não, a gente vai cortar mesmo senão você não vai conseguir falar tudo o que a gente quer que você fale. Bom, aí: “Vou fazer medicina.”

LF- Antes tem uma outra coisa que eu queria contar. É um livro chamado *Caçadores de Micróbios* de Paul de Kruif. Conhecem o livro?

NA- Ele é famosíssimo em todo mundo, muita gente fala.

LF- Famosíssimo. Esse livro me cai na mão quando eu tinha 15, 16 anos e é o negócio dos heróis. Os caçadores de micróbios são os caras que se sacrificam, que vão em busca. Têm uma mistura qualquer de religiosidade não assumida nesse negócio.

NA- No sentido missionário.

LF- No sentido missionário! Mas também da ciência, que é a grande descoberta. É aquele negócio da comissão americana em Cuba, se infectando, um deles morre: Reed, Carrol, Lazear e Agramonte. Vocês conhecem essa história, um deles morre. É aqui o Dr. Lutz se deixando picar pelo mosquito. Conhecem a história do Daniel Carrillón?

WH e NA- Não, não.

LF- Daniel Carrillón é um peruano. Havia duas doenças no Peru: uma era a verruga peruana, que era uma doença localizada, benigna, e a outra era a Febre de Orroya, que era uma doença generalizada. Daniel Carrillón queria provar que a Febre de Orroya e a verruga peruana eram a mesma doença. Ele se inoculou com verruga peruana e teve Febre de Orroya e morreu. *(risos)* Esse era um herói que vai marcar fundo. Vocês podem me achar ridículo, mas é verdade, tanto que na minha tese de doutorado eu me inocular com o parasita para fazer o estudo da evolução do vírus.

NA- Deixa eu fazer uma pergunta, porque essa história que você está falando te tocou profundamente, não é? A gente já ouviu essas histórias. Era comum entre cientistas, pesquisadores. O imaginário está povoado por essas experiências que parecem únicas, singulares e que os cientistas colocam para si, como uma coisa pessoal: “Vou fazer a mesma coisa, vou me inocular “. A gente sabe de várias histórias, mesmo aqui em Manguinhos, não é isso?

LF- É.

NA- Não é uma coisa acidental. Quer dizer, passa como acidental mas na verdade o sujeito já está procurando aquilo!

LF- O Dr. Lutz pegava os ancilóstomos e punha na boca para o bicho chupar.

NA- Por que isso?

LF- Para ver se chupava mesmo.

WH- O senhor dá um parênteses aqui na entrevista. *(risos)*

LF- Olha, o que acontece é o seguinte: a motivação para a pesquisa científica, naquele tempo, era muito diferente de hoje. Você ia ser o sacerdote do grande culto da grande verdade, era como se você estivesse entrando no templo da iniciação. Você passava pelas provas e qualquer coisa assim. Tanto que ninguém se preocupava com salário. Ninguém queria saber quanto ia ganhar, quanto não ia ganhar. Você fazia. Hugo Souza Lopes, que vocês ainda conheceram, foi meu professor aqui em Manguinhos. E o Hugo Souza Lopes dizia: “Eu sou um homem feliz. Eu brinco com meus bichos e ainda me pagam por isso. E ainda me pagam por isso” . E o primeiro salário que eu recebi do meu mestre, José Rodrigues da Silva - que era o catedrático em medicina tropical – era o seguinte: ele botou eu, o Coura, a Léa, o Sérgio Coutinho, o Argento e todos os outros. Ele falava assim: “O Argento é solteiro, mas o pai morreu e ele tem que sustentar a mãe”. Então deu 20 mil réis. Aí dizia assim: “O Coura e a Léa são uma família só, então dá 10 mil réis para cada um. O Luiz Fernando é casado, mas o pai dele é bem...” O meu pai era colega dele. Aí me deu 10 mil réis também e assim por diante. Foi pagar cada um, e ele pagava porque estava pagando do bolso dele também, aquilo era dinheiro dele. Ele tinha clínica ainda nesse tempo e ele pagava. Então eu digo que é a coisa mais marxista que eu já vi no mundo: “A todos de acordo com as suas necessidades, a todos de acordo com as suas possibilidades.”

WH- Mas você estava fazendo esse paralelo, Luiz Fernando...

LF- Quer dizer, não tinha ninguém reclamando: “Eu faço trabalho igual, tenho que ganhar igual!” Não, não tinha nada disso! O Coura e a Léa era um casal, então ele ganhava a mesma coisa que eu, porque eu era casado. O Sérgio Coutinho ganhou menos porque o pai dele era médico e ele era solteiro. O pai dele era bem; era um médico em Barra do Piraí. Era assim que a gente ganhava salário. Isso quer dizer o seguinte: a motivação era diferente. Ninguém ia fazer uma profissão para ganhar dinheiro, não reclamava salário, não reclamava.

WH- Não era uma profissão como é hoje.

LF- Não. É diferente. É isso que eu quis dizer. Então, era muito diferente.

NA- Quer dizer, essa coisa de se inocular tinha um pouco desse espírito mais geral...

LF- Tinha um pouco disso e tinha um pouco dos caçadores de micróbios que iam para África.

NA- É um mundo heróico.

LF- É um mundo heróico. Uma vez eu escrevi e disse – teu pai sabe disso – “Se não houver o heróico e o romântico no pano de fundo do sagrado, a vida não tem graça.” A vida é morna. A gente tinha um heroísmo.

WH- Você estava falando que você leu o livro *Caçadores de Micróbios*...

LF- Foi, isso me marcou profundamente. Todas essas histórias e mais a influência do Dr. Marques, que me trazia desde garoto aqui em Manguinhos, fez com que quando eu entrei para Escola de Medicina quisesse me dedicar à pesquisa básica, porque eu nunca quis ser clínico, ter consultório, nem nada disso. O meu pai ficava danado com isso! Dizia: “Ah, você é idiota! A clínica é soberana!” Porque ele tinha aqueles valores da confraria de clínicos. Tinha um jogo de que quando o exame não concordava com o diagnóstico clínico, dizia: “O exame está errado, repete o exame porque a clínica é soberana!” Nas discussões dos casos clínicos sempre teve essas coisas. Então o meu pai dizia: “Não, que besteira e tal!” E tinha mais, porque tinha vários colegas de turma de meu pai aqui em Manguinhos: Oswaldinho Cruz Filho, Oliveira Castro, Gilberto Villela e Guilherme Lacorte. Então tudo isso me marcou para que eu me encaminhasse para a Escola de Medicina para fazer isso. Eu queria fazer isso. Eu não queria outra coisa.

NA- Mas na Faculdade de Medicina você teve oportunidade de exercitar num laboratório, já existiam laboratórios montados.

Fita 1 – Lado B

NA- ...havia condições e infra-estrutura para que você crescesse?

LF- A Faculdade de Medicina, no meu tempo, tinha uma coisa muito boa.

WH- Qual era a faculdade? Só para deixar registrado.

LF- Ora, qual é que podia ser!

WH- Era Faculdade Nacional de Medicina.

LF- Nacional de Medicina. Está lá².

NA- Um belíssimo prédio. Está demolido.

LF- Demolido.

NA- Infelizmente.

LF- Os anfiteatros reproduziam anfiteatros medievais: de Pisa, de Pádua, de Bolonha. Você subia por trás, ficava lá em cima...

NA- Era lindo.

LF- Tinha aquilo tudo trabalhado em madeira. Era uma beleza! Foi feito pelo Aloísio de Castro, um sujeito que também merece uma história. Aloísio de Castro era filho do Francisco de Castro...

NA- Um grande mestre.

LF- ...o divino mestre que reproduzia no perfil nazareno e nas brilhantes aulas... – por isso que era o divino mestre – e que morreu mártir também.

WH- Morreu como?

LF- Morreu quando num gesto de carinho se debruçou sobre um paciente com pneumonia pestosa. O paciente tossiu nele e contaminou as barbas; ele pegou pneumonia pestosa e morreu de peste, Francisco de Castro.

WH- Não sabia da morte dele não.

LF- Morreu de peste, ele se contaminou. Ainda conheci o Aloísio de Castro já velho. “Aquele ali é o professor Aloísio de Castro...” Ele já era aposentado, meu pai se dava com ele. O Aloísio era um sujeito refinadíssimo que fazia poemas em francês... Porque essa geração era muito...

² O entrevistado mostra a fotografia do edifício da Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, que foi demolido.

WH- Culta.

LF- ...requintada, é. Depois é que tudo se barbarizou, por um lado. Por outro lado, tem coisas positivas, mas hoje, depois da gente chegar lá, eu não sou saudosista. Mas isso fica para a hora certa. (*tosse*) Então, o Aloísio de Castro fez aquele prédio e eu estudei lá. Porque o resto era o resto, não é? Negócio de gente que estuda em Niterói, gente que estuda na Faculdade de Ciências Médicas, isso tudo era... Eram muito orgulhosos dela.

WH- E quando que o senhor entrou na faculdade?

LF- Em 1955. Eu me formei em 1960.

WH- Mas a Nara tinha te perguntado sobre...

NA- Quais eram as condições que a faculdade te oferecia, nessa época, para exercer a pesquisa mesmo?

LF- As faculdades do meu tempo tinham um troço ótimo: ninguém enchia o saco com as aulas. Em geral, todo mundo passava em todas as matérias e se você não passasse eles te empurravam, com raríssimas exceções. Quer dizer, um sujeito que entrou no vestibular precisava espancar o professor, enlouquecer de vez para não sair. O negócio ia passando, todo mundo ia passando. Agora, quem queria fazer uma especialidade qualquer, tinha onde fazer e era bem recebido. Quem queria ser cirurgião ia para o serviço de cirurgia, quem queria ser clínico... O sujeito que tinha se definido começava a frequentar o serviço cedo, logo no primeiro ano. E era bem recebido e tinha bons serviços. Da parte básica, já funcionava um Instituto de Biofísica, um Instituto de Microbiologia - que era mais recente - e tinha algumas cadeiras que se dedicavam também à pesquisa como a cadeira de Bioquímica, que tinha o professor Paulo Lacaz. Meu professor de fisiologia era Thales Martins; uma figura fabulosa que eu adorava; era um dos ídolos do meu tempo de estudante. Em geral, os alunos não gostavam muito das aulas porque não tinha um curso de fisiologia do coração, fisiologia aquilo, tudo certinho. Ele entrava em aula e falava tudo o que ele queria! Em geral, eram os tópicos que ele estava estudando. Ele é um pioneiro. Thales Martins era muito importante aqui em Manguinhos - você sabe disso. Ele montou o negócio de endocrinologia de comportamento animal. Ele estudava comportamento animal.

WH- Ele chegou a trabalhar com os irmãos Osório de Almeida aqui.

LF- É. Ele era um pouco independente mas era do departamento de Fisiologia. Aqui era Miguel Osório.

NA- Miguel Osório. O Álvaro nunca teve aqui.

WH- Mas o Álvaro era lá da Faculdade.

LF- Álvaro Osório era na Faculdade e sempre falava mal da faculdade.

NA- Você não conheceu Álvaro e Miguel?

LF- Não.

NA- Eles são muito mais velhos.

LF- Não, não conheci talvez por falta de oportunidade. Mas conheci outros que talvez sejam tão velhos...

NA- Acho que o Haity trabalhou com o Thales aqui.

LF- O Haity trabalhou com o Miguel Osório.

NA- Mas com o Thales também, não?

LF- Aí eu não sei dizer. O chefe do laboratório era o Miguel Osório, que começa em casa³. Aquela história toda da fisiologia no Brasil. Lá não funcionava pesquisa nenhuma, mas você podia vir para cá que tinha. E ainda tinha algumas cadeiras básicas que abriam, davam aula e depois fechavam.. O professor tinha laboratório de análise na cidade. Mas de qualquer maneira se abria um caminho e eu logo no primeiro ano que entrei na faculdade, fui fazer estágio no Instituto de Biofísica e fiquei lá aprendendo. Trabalhava no laboratório de radiobiologia. Estudava radiação, sistemas biológicos e tal. Eram o Elias César Antônio e o Luiz Renato Caldas. Elias está vivo ainda, deve está aposentado. Caldas foi reitor, depois morreu num desastre de automóvel. Eu fiquei lá uma temporada fazendo estágio no Instituto de Biofísica, depois estive na cadeira de bioquímica também. Depois estive no laboratório do Hélon Póvoa no Hospital Moncorvo Filho. Hélon Póvoa está vivo; era daqui também; trabalhou com o Villela que começou a fazer eletroforese. Aí, eu publiquei o meu primeiro trabalho científico, orientado pelo Póvoa. Ele é um pouco mais velho que eu; ele estava recém formado e eu estava começando o curso do 2º ano na faculdade.

WH- Mas o método de eletroforese, seu trabalho é esse?

LF- Era o estudo de eletroforese em esquistossomose, separando os hepatoesplênicos da esquistossomose benigna. Esses foram os primeiros aparelhos, era eletroforese em papel. Antes tinha um aparelho enorme de eletroforese, que era o aparelho XL, que corria em papel, que tinha na Biofísica um calhamaço. Nessa época, por 1956, 1957, qualquer coisa assim, o professor Feijó, que um dos professores de clínica médica, tinha esse aparelho no laboratório e eu fui lá e trabalhei com o Póvoa. Fiz o meu primeiro trabalho científico (*tosse*) publicado na revista *Vida Médica*, que evidentemente aceitou o meu trabalho. Primeiro porque era muito bom, segundo porque o meu pai era o redator da revista. (*risos*) As coisas eram mais ou menos fáceis. Tinha muito essa coisa familiar. Era fácil entrar no jogo, o meu pai já era amigo do pai do Hélon Póvoa e nós éramos amigos. É evidente que isso facilitava. Tem uma história muito engraçada. Você perguntou como é que era a faculdade? Passava todo mundo - eu vou contar

³ O entrevistado refere-se à casa da família Osorio de Almeida à rua Machado de Assis, onde funcionava um laboratório de fisiologia.

sem nomes - mas às vezes o catedrático chegava de mau-humor no dia do exame e se ele chegasse de mau humor reprovava todo mundo, não é? Reprovava todo mundo por causa de mau-humor. Aí depois, na 2ª época, passava todo mundo. Eu fui prestar exame de uma determinada matéria, aí o sujeito fez lá duas ou três perguntas que evidentemente que eu não sabia; tentei dar uma resposta mais geral, aí disse assim: “Aquele idiota que está passando ali – o servente que tinham na Santa Casa – também sabe Eu quero tudo direitinho”. Bom, não sabia, me reprovou. Aí, eu ia saindo encontrei um amigo do meu pai que era também amigo desse professor que tinha me reprovado. “Está chateado!”, ele falou. “Puxa, eu fui reprovado em dermatologia.” Aí ele disse: “Mas como reprovaram você?! Que absurdo!” Aí foi lá e falou com o cara: “Fulano, como é que você reprova o filho do Oscar?!” Aí ele virou e disse: “Mas esse garoto é um idiota, ele não disse para mim que era filho do Oscar, pô!” (*risos*)

WH- Era assim descarado? (*risos*)

LF- É. “Ele não me disse! Como é que eu vou saber, como é que eu vou adivinhar?”

WH- É ótimo. É ótimo (*risos*)

LF- Aí ele disse: “Vem aí, menino, numa 2ª época que eu te aprovo. Agora não vou mudar tudo, tem que refazer ata, vai me dar muito trabalho. Eu tenho que ir num almoço no Jôquei Clube.” Tinha o Jôquei Clube na cidade, eu acho que ainda tem, não é?

NA- Tem.

LF- Tinha um almoço. Disse: “Garoto, você vem aqui que eu te aprovo. Não precisa estudar mais nada não! Agora eu sei. Agora me lembra, me lembra que você...” (*risos*) Era assim: “E o resto também, você se não souber, depois...” Ninguém sabia oftalmologia, otorrino, essas especialidades mas eles aprovavam todo mundo.

NA- Nessa época, não era comum ainda estudar fora do Brasil? Ou fazer estágio em algum lugar? Isso não existia?

LF- Fora do Brasil, só quem era muito rico. O Instituto de Biofísica é pioneiro, ele anda na frente. Aí é o mérito do Carlos Chagas Filho. Então, sempre tinha uns que iam para fora. Que eu me lembre, (*tosse*) na Biofísica, fora isso, não, você estudava aqui. E começou a ter a residência médica nos Estados Unidos, que uns caras iam. Eu me lembro que tinha uns que iam fazer residência.

NA- Mas iam com recursos próprios.

LF- Alguns arranjavam bolsas mas era muito escasso. Uma coisa, por exemplo, que progrediu enormemente neste país é essa facilidade de viajar que essa geração de vocês tem. O meu pai contava que no tempo dele, portanto formado em 1925, o médico que quisesse se especializar lá fora, usava um truque que era – se não tivesse dinheiro naturalmente para a família pagar – arranjar um emprego de médico do Lloyd, dos navios. E ser lotado no navio que ia passar por reforma no porto de Hamburgo. Porque a Alemanha nessa época era importante...

NA- Claro, claro...

LF- Enquanto o navio consertava, o sujeito aproveitava para freqüentar as clínicas. Não tinha nem CNPq! Não tinha nada! O CNPq é de 1945! E começa também devagarzinho.

NA- Quando você estudava, nem tinha bolsa do CNPq, nem nada.

LF- Tinha, já tinha.

NA- Já tinha a bolsa do CNPq, mas você teve alguma bolsa do CNPq, por exemplo?

LF- Não. Eu tive depois de formado! Tive para pesquisa. Essa história é mais tarde...

NA- Nos anos 60?

LF- Mas logo depois. Eu tive primeiro uma bolsa do Conselho de Pesquisa da Universidade. A Universidade tinha um Conselho de Pesquisa. Então (*tosse*) foi a primeira vez que eu me candidatei a uma bolsa. Eu, o Coura, Léa, nós começamos juntos. Eu me esmerei para fazer o meu projeto. Eu não sei se hoje é muito diferente...

NA- O projeto era sobre o quê?

LF- Esquistossomose.

NA- Você começou com esquistossomose?

LF- Esquistossomose, é. Passou um tempo, eu não tinha resposta. Então o meu catedrático - está lá o retrato dele - disse: "Vocês vão lá e falam com o Clementino Fraga". Ele é quem comandava...

NA- Filho?

LF- Clementino Fraga Filho! Já aposentou, tem 80 anos o filho e tal... Aí, eu me lembro que fomos lá eu, o Coura, o Sérgio e não sei mais quem. A gente chegou assim na porta de fora, aí o Coura fez: "Professor, o professor Rodrigues pediu para saber o resultado." O Fraga virou para o assistente dele, um secretário, disse assim: "Separa os do Rodrigues da Silva!" (*risos*) O sujeito separou, aí pegou aquilo: "Manda dizer que está tudo aprovado!" Não sei se hoje é muito diferente.

NA- Será que é? Eu não sei! Não faço parte desse comitê do CNPq! Eu não sei! (*risos*)

LF- Pode ser. Assim como esse negócio desses trabalhos que hoje a gente manda para revista, revista internacional, passam pelo *review*. É assim que se publica isso. Melhorou. Isso foi bom porque melhorou o nível das publicações. Antigamente, naquele tempo, ou era a revista que o meu pai fazia (*risos*), era a *Vida Médica*, ou então era uma revista chamada *O Hospital*.

NA- Essa é famosíssima.

LF- Era famosíssima. *O Hospital* publicava assim... (*tosse*) A gente escrevia, porque também não tinha *review*. Vocês conhecem a revista. Cada um punha a bibliografia do jeito que queria. Era um negócio assim! O professor Rodrigues me mandava: “Entrega ao Jabour!” Era o Jorge Jabour, um médico que fazia *O Hospital*. Eu ia lá, dizia: “Dr. Jabour!” “Ah, sim, meu filho! Vem cá.”, “O professor Rodrigues mandou entregar ao senhor.” Contava as páginas que ele estava mandando, mas estava lembrando quantas páginas já tinha para o próximo número. “Diz ao Rodrigues que sai no próximo número!” ou “Está cheio! Vai demorar dois números.” Qualquer coisa que a gente fazia, saía. Eu estou falando desse ambiente médico que eu andava, não é?

NA- Bom, mas aí termina a faculdade...

LF- Não. Aí tem coisa mais importante... Eu tenho um resumo que eu fiz quando me candidatei à Academia de Medicina Militar.

NA- Nesse período?

LF- Não, muito depois! Agora, há três ou quatro anos atrás. Você pode ficar com isso, está aqui. (*ruído de papel*) Tem muita coisa está aí.

WH- Sobre o quê o senhor fez na faculdade?

LF- Sobre tudo! Não, um panorama.

WH- Ah, um apanhado.

LF- Do tempo da faculdade. Bom, aí vem um vestibular complicadíssimo, um vestibular aonde tinha provas práticas. Tinha que fazer. Não era feito hoje, porque o número de candidatos era menor e não tinha isso de fazer vestibular para várias faculdades. A gente tinha que fazer prova em química. Eram só três matérias: física, química e biologia.

WH- Você está falando do vestibular para entrar na faculdade.

LF- É, para entrar na faculdade. Tinha prova escrita, prova oral e prova prática. Na prova de química eles mandavam fazer dosagem; mandavam fazer uma porção de coisas; você tinha de fazer. A biologia dava bichos para você classificar. Era complicado, o vestibular.

NA- Você estudou o 2º grau aonde?

LF- Eu estudei quase todo no Colégio Zacharias. Aí minha mãe, era colégio de padre e tal... Até que, quando chegou no curso científico, eu fiquei um cientista positivista; comecei a não dar bola. Um dia os padres me pegaram lendo Voltaire - que era do meu pai - embaixo da carteira. Tinha 15 anos. Tomaram-me o livro, não podia ler. (*espirro*) Até então, tinha um padre

que achava engraçado o garoto discutir, os garotos em geral. Então ele dava trela, discutia, a gente fazia aquelas questões clássicas: como é que Adão e Eva tiveram só três filhos? E depois como é que reproduziram? Era bobagem, estava lá na bíblia, tinham uma porção de filhos. Enfim, ele discutia teologia, discutia os questionamentos que nós, pretensamente livres pensadores... Ele era um sujeito simpático. Esse padre foi embora do colégio. Veio outro, que achou que aqueles garotos chatos estavam enchendo o saco dele e aí começou a me castigar. Eu não dava bola e me deram nota baixa em religião. Aí disse que eu ia ser reprovado em religião. Aí meu pai disse à minha mãe: “Olha, se ele for reprovado em matemática, em português, tudo bem, é burro. Agora se for reprovado em religião, eu vou lá” Ah, tinha mais! O pai do reitor até uma certa época era colega de colégio do meu tio – esse meu tio Eduardo que está ali o retrato, que era sobrinho do Eduardo Marques. O reitor do colégio nas festas lá em casa. Quando mudou isso tudo, meu pai disse: “Se ele for reprovado, eu vou e quebro a cara desse padre!” (*risos*) Minha mãe ficou apavorada e me tirou do colégio. Aí eu fui para o Colégio Juruena que ficava na Praia de Botafogo. Matriculei-me nesse colégio à noite, porque todo mundo passava fácil e me matriculei num curso para me preparar para fazer o exame. Eu me preparei durante dois anos para fazer o vestibular.

NA- Na época, não era um vestibular. Eram provas que você fazia, como você estava falando: química, física...

LF- Era chamado vestibular.

WH- Ah, já chamava vestibular nessa época?

LF- É, era o vestibular. Os cursinhos não tinham essa coisa que têm hoje, era meia dúzia de alunos numa sala e tinha um laboratório para você praticar. Então, eu me preparei e aí fui para o Colégio Juruena. A maior parte do meu curso secundário é com os padres. Era um bom colégio, eu aprendi muita coisa, não tenho do que me queixar. Aí fizemos o vestibular, entramos na Faculdade de Medicina. Fomos comemorar aquilo com...

WH- Você fala em plural porque tinha já um grupo?

LF- No vestibular? É. Estou falando porque tinha um grupo: o Sérgio Coutinho, o Argento e o Delvaux que morreu, que era nosso companheiro. Era um grupo. Nós éramos um grupo. Por isso que escorregou dizer: “Nós estudamos”.

WH- Já tinham essa perspectiva de fazer medicina, de trabalhar com pesquisa?

LF- Não. Não. De entrar para Escola de Medicina, depois lá cada um seguia um caminho. Delvaux foi um grande pediatra de consultório, ganhou muito dinheiro. Morreu. Um outro colega nosso era o Márcio. Esse se preparou para ir para o interior. Ele foi ser médico no interior. Ele fazia obstetrícia, pequenas cirurgias, clínica. Depois também ficou muito rico, tem fazendas na Ilha de Bananal, sei lá mais aonde, em Goiás. O Argento foi para cadeira de medicina tropical comigo - ele ficou enquanto não acabou - e está lá até hoje; não quis se aposentar também. Era um grupo que estudava junto o vestibular e depois de formado cada um

seguir uma direção. O Sérgio Coutinho, eu e o Argento é que ficamos nessa área. Porque o Coura é formado antes de mim. O Coura e a Léa se formaram antes.

WH- Você conheceu o Coura na faculdade? Ou antes?

LF- O Coura foi aluno do meu pai, porque ele foi cardiologista primeiro. Na época que todo mundo falava mal do Coura, eu o defendia com unhas e dentes porque ele é meu irmão duas vezes (*risos*): primeiro, por causa do meu pai. (*tosse*) Ele foi cardiologista um tempo, depois foi médico do exército.

NA- Sim, mas quando você entrou na faculdade ele já estava.

LF- Já! Ele já era formado.

NA- Ah, sim!

LF- Ele estava se formando. Porque, primeiro, foi cardiologista, ficou com meu pai. Depois largou para vir para a medicina tropical. Mudou o programa.

NA- Completamente.

LF- A Léa também é formada uns quatro anos na minha frente. E tinha outros. Eu estou falando desses que vocês conhecem.

WH- Agora, Luiz Fernando, eu queria te fazer uma pergunta. Você estava falando nessa época da faculdade dos estágios que você fez em laboratórios na Biofísica. Você trabalhou com essa questão da radiobiologia. Enfim, como é que você foi, a partir do momento que você entra na faculdade, se definindo. Porque o campo da pesquisa básica também é inesgotável e gigantesco.

LF- É.

WH- Eu queria que você pensasse na trajetória que você fez na faculdade. Como é que você foi definindo uma área, dentro de todas essas áreas, que começou a te interessar mais profundamente.

LF- Eu vou te contar. Quando chegou no 3º ano mais ou menos, eu fui fazendo cadeiras básicas, olhando uma coisa e outra. Eu estava com uma inclinação muito grande com o estudo de microbiologia, porque era uma área próxima do que eu gostava.

WH- A microbiologia era o que exatamente nessa época?

LF- Era o Instituto de Microbiologia, que o Paulo de Góes tinha feito juntando a farmácia com a medicina e...

WH- Pois é, mas que tipo de pesquisa desenvolveu?

LF- Pesquisas em microbiologia em geral. Tinha um Departamento de Imunologia, um Departamento de Microbiologia Médica. Eu não sei te dizer detalhes. Eu tinha um primo que trabalhou lá muito tempo e tinha amigos, tinha colegas. Ítalo Suassuna, que depois foi catedrático aqui na UERJ, era do Instituto de Microbiologia; Ivone... Então eu estava com essa tendência. Aí o professor Rodrigues, meu mestre, fez o concurso para catedrático de Medicina Tropical, a cadeira que foi do Carlos Chagas e depois do Moreira da Fonseca. E ele se dava com meu pai porque era do Hospital dos Servidores. Aí ele abriu um concurso para monitor da cadeira de medicina tropical. Eu conversei com ele, ele disse... Eu podia ir para a microbiologia, podia ir para a medicina tropical. Era mais ou menos o que estava...

WH- Te atraindo.

LF- ...me atraindo. Porque eu queria parasitologia ou microbiologia. Ele chegou para mim, eu disse para ele: “Olha, eu quero fazer esse concurso, quero ir para o laboratório – porque a medicina tropical tinha um laboratório grande -, eu não quero fazer clínica de doença infecciosa. Eu gosto de microbiologia”. Esse concurso tinha um peso muito grande. Você tinha um quadro de formatura; ele tinha um quadro geral de formatura, com aqueles retratos de todo mundo, paraninfo. Você tinha uma formatura à parte, dos monitores. E cada cadeira abria uma ou duas vagas para monitor oficial. E para quem estava com pretensões à carreira acadêmica, era o primeiro título que valia mais; era o título que você podia ter como estudante. Então, eu me inscrevi nesse concurso para monitor oficial da cadeira de medicina tropical. Eram duas vagas e quem tirou o primeiro lugar foi o Edson Saade, que era um ano à nossa frente, depois foi fazer cardiologia e hoje é um grande cardiologista. Eu tirei o segundo lugar, o Argento tirou o terceiro lugar. Eram duas vagas. Ficamos eu e o Edson. Depois o Edson se formou, saiu, e o Argento entrou nessa vaga. Ficou eu e o Argento. Lá eu trabalhava lá no laboratório e fui fazer curso com o dr. Lobato em Belo Horizonte - está lá o retrato se interessa a vocês. (*mostra a coleção de fotografias*) Tem Zigman... Quem é que vocês conhecem aqui?

NA- Deixa eu ver...

LF- Tem gente aqui que já morreu. Tem uma história boa também desse curso, eu conto a vocês. Tem o Lobato, o Zigman... Conhecem o Zigman?!

NA e WH- Claro!

NA- Fizemos entrevista com ele!

LF- Com ele é? Grande cientista.

NA- E essa moça, qual é o nome dela?

LF- Bom, não sou eu machista, mas essa moça desapareceu, nunca ninguém soube mais dela. (*risos*) Os outros todos são iminentes. Esse foi reitor da Universidade do Paraná, catedrático. Esse era Bahia, professor de parasitologia. Esse era um veterinário que foi catedrático da Escola de Veterinária e morreu há pouco tempo, o Hélio. Nós examinamos juntos o concurso aqui. O Dr. Lobato, o Chaia que depois foi trabalhar na indústria farmacêutica.

NA- Isso é em Belo Horizonte.

LF- Isso aqui é em Belo Horizonte, no que hoje é o René Rachou, mas que naquele tempo não era René Rachou.

NA- Era o quê?

LF- Era o Instituto de Endemias Rurais.

NA- Era o INERu.

LF- INERu. Cadê o outro retrato? Tem um outro curso... Ah, esse aqui também! Esse eu vim fazer aqui em Manguinhos. Esse na época era marido da Delir. Essa é a Delir. Conhecem a Delir?

NA- Delir? Claro! Nossa!

LF- A Delir era uma loucura... (*risos*)

WH- O Herman Lent...

LF- Herman Lent, José Jurberg...

WH- Esse é o Dr. Sebastião.

LF- Sebastião “Sebastopol”. Sebastião melhorou com a idade (*risos*). Ficou mais...

NA- Quem é essa aqui?!

LF- Essa moça era de Belo Horizonte. Depois perdeu também...

WH- Era de Belo Horizonte. E aqui?

LF- Esse também era da polícia militar, um veterinário da polícia. Eu não me lembro o nome dele, veio fazer o curso.

NA- Essa foto é do Castelo!.

LF- É, está aqui .

NA- Eu estou vendo ela. Exatamente. Esse foi um curso aqui já.

LF- Esse foi aqui em Manguinhos.

NA- Esse curso foi na época da faculdade?

LF- Esse curso foi logo que eu me formei, no ano seguinte. Naquele tempo, você podia fazer esses cursos ainda estudante.

NA- Sim.

LF- O curso de Manguinhos você fazia estudante ainda. O Curso de Aplicação...

WH e NA- O Curso de Aplicação.

LF- ...você fazia estudante ou recém-formado.

NA- Bom, mas aí você entrou na monitoria na medicina tropical.

LF- (*tosse*) Monitoria. Por isso que eu tenho orgulho de dizer: “Eu nunca procurei emprego.”

WH- Começou a trabalhar em quê?

LF- Em laboratório de parasitologia.

NA- Com o quê?

LF- Parasitologia, esquistossomose. Era a linha de trabalho. O professor Rodrigues era o consultor da Organização Mundial de Saúde para os programas de tratamento de esquistossomose. Ele era muito amigo do Candau que foi o eterno diretor geral nessa coisa toda. Esse era o programa que a gente tinha. Então, eu chefiava um laboratório que fazia uma rotina de diagnóstico de parasitologia. É outra coisa que as pessoas desprezam, mas é muito bom você ter um laboratório de rotina, porque aparecem os casos, aparecem as coisas interessantes. O professor Olímpio costumava dizer que... Tanto que a minha tese de doutorado foi sobre isosporose que não era esquistossomose. Porque apareceram uns casos, eu aí eu me inoculei, inoculei o Sérgio Coutinho. Todo mundo gostou, aquilo foi um negócio assim! (*risos*) Bom, aí começa a concentrar...

NA- Você abandonou a microbiologia de vez.

LF- Abandonei a microbiologia, é. (*interrupção da gravação*) Quer dizer, nessa época a gente ainda fazia um pouco de tudo, fuxicava. Eu quis aprender um pouco das outras coisas... mas aí eu tinha definido. Tanto que é quando o velho me manda para Belo Horizonte.

WH- O velho?

LF- O velho Rodrigues. Era um estilo de época completamente diferente de hoje. Ele um dia me chamou, não perguntou se eu queria, nem se não queria: “Você vai a Belo Horizonte estudar com o dr. Lobato.” Bom, eu fiquei contentíssimo, eu conhecia o Lobato de nome. Ele meteu a mão no bolso – você nunca imaginou que isso acontecesse – tirou um bolo de dinheiro desse tamanho. Dinheiro dele! Porque ele tinha dinheiro. Me deu. Disse: “Você vai na cidade e

compra um microscópio para você porque cada aluno que vai para esse curso tem que levar o seu microscópio. Compra um microscópio bom. Pode gastar isso tudo.”, “Bom, tudo bem”. Eu fui na cidade, comprei um microscópio bom, voltei, mostrei a ele. Ele: “Está, está bom.” Depois, ele tirou um bolo de dinheiro assim pequenininho, desse tamanhinho e falou: “Isso aqui é para você comer lá. (*risos*) Você fica na pensão ‘X’. É a pensão onde eu fico.” Era uma pensãozinha bem vagabunda, sabe!

NA- Bem mixuruca! (*ri*)

LF- Bem mixuruca!

WH- Agora, o microscópio era de primeira, não é?

LF- O microscópio era de primeira. E dizia: “Vai de ônibus!” Porque era para economizar o dinheiro. (*risos*) E a pensão era daquelas que tem comida até uma certa hora, depois não tem...

Fita 2 – Lado A

LF- Quando eu ficava no laboratório até mais tarde, eu perdia o jantar, não é? Aí o Lobato pagava o jantar para mim. (*ri*) Ele pagou muito jantar para mim na Camponesa. Eu não tinha dinheiro para pagar um jantar na Camponesa. Então ele dizia: “Não, vamos comer, vamos jantar!”

NA- Quanto tempo você ficou lá?

LF- Quatro meses.

NA- Tudo isso?! O curso então era puxado!

LF- É.

WH- Que curso era esse, aliás?

LF- Era curso de protozoologia!

WH- Era oferecido pelo INERu na época.

LF- É, pelo INERu, porque nessa época o professor Rodrigues, meu mestre, era o diretor do INERu. Ele acumulava a faculdade com o INERu. O INERu juntava os institutos de pesquisa do DENERu, o Departamento de Endemias Rurais, que juntou as campanhas de peste, febre amarela... O Pinotti fez isso. E dentro do DENERu tinha o INERu que tinha em Recife, o

Aggeu Magalhães; tinha na Bahia o Gonçalo Moniz; tinha em Belo Horizonte o que hoje é o René Rachou. Eu conheci o René Rachou...

WH- Eu acho que também tinha no Pará, não é?

LF- Não. No Pará tem o Instituto Evandro Chagas, em Belém.

WH- Também era do INERu, na época?

LF- Eu acho que não, Wanda. Mas aí eu não tenho certeza. Eu sei que tinha o Evandro Chagas que foi da Fundação Oswaldo Cruz por um tempo. Aquele Instituto que o Evandro criou. Vocês têm na história. Deane, Lobato, essa gente...

WH- Todos passaram por lá.

LF- ...conheceu o Evandro Chagas, em Belém. Eu me lembro desses três. E tinha aqui em Jacarepaguá, que fazia parte...

WH- O Instituto de Leprologia?

LF- Não. Não, Instituto de Leprologia não. Aonde trabalhava Alina Perlawagora, que fazia estudo de barbeiro.

WH- Era o INERu também.

LF -Era do INERu. Era um posto em Jacarepaguá. Era um laboratório pequeno. Isso tudo era INERu. E o professor Rodrigues era o diretor do INERu. O Dr. Lobato, então, montou esse curso de protozoologia que era um curso excelente! A gente chegava de manhã no laboratório, saía de lá às vezes, 10:00, 11:00 h da noite. Limpando lâmina...

NA- Quer dizer, na verdade, até então, você não tinha sido exposto a esse tipo de curso. Porque a faculdade não oferecia isso! Esse é o teu primeiro contato com o laboratório, trabalho permanente, constante...

LF- Não! Tinha lá na Biofísica...

NA- Mas dentro de medicina tropical ou da parasitologia, foi aí.

LF- É. Porque o catedrático da parasitologia na Faculdade de Medicina era o Olímpio. Mas o Olímpio não tinha pesquisa lá, ele tinha aqui.

NA- Minha pergunta é a seguinte: a gente pode considerar essa sua iniciação, de fato, dentro de um laboratório na parasitologia nesse teu curso de Belo Horizonte?

LF- Isso é difícil de marcar. Isso vem acontecendo ao longo de todo caminho, eu venho um pouco aqui, um pouco ali... É difícil. Não sei.

NA- É, mas como estudante ainda.

LF- Pois é, mesmo como estudante. Porque quando eu estou lá trabalhando com o negócio de esquistossomose com o Hélio Póvoa, com eletroforese, já é...

NA- Também é.

LF- Isso. Eu entrei na Faculdade de Medicina, fui me meter em laboratório; como naquela época os meus amigos que queriam ser cirurgiões iam para o serviço de cirurgia, ficavam limpando ferida, ficavam tirando ponto, depois começavam a suturar... Aquele sistema. Porque eu estou convencido que você aprende qualquer coisa trabalhando com quem sabe! Fazer mestrado, doutorado... eu estou cansado de dizer: “O fundamental é você trabalhar com alguém que sabe e te ensina; você aprende vendo sujeito fazer.” Vocês agora estão montando um curso de pós-graduação. Tudo isso é importante, tudo bem, mas como é que você se torna um grande pesquisador seja em história, seja em biologia? É trabalhando com alguém que te ensina! Você vê como é que ele faz. Eu acho que é isso. Uma vez, aquela revista *Interciência*, publicou o que eles chamavam ‘umas gerações Nobel’ – como é que é? – uma série Nobel. Era assim: “Fulano foi Nobel porque trabalhou com fulano que tinha sido Nobel, que trabalhou com...” É claro! Você pode ser brilhante mas, além de brilhante, você ter um Nobel com quem você trabalha, você vai embora.

WH- É uma linhagem, uma escola, não é ?

LF- É uma linhagem. Linhagem o termo eu troquei. Linhagem em vários setores que é Nobel. Quando a Bianca fez aquela tese sobre pesquisa em Manguinhos, no mestrado, eu estava casado com ela nesse tempo, então eu dava palpite. Eu disse: “É, você vai ver que a coisa é mestre e aprendiz, é o modelo medieval.” Quer dizer, esse é o modelo que funciona seja para você ser pesquisador, para ser cirurgião, para ser historiador. Não é verdade? Isso é o que é que eu acho. Uma figura muito marcante para mim foi o Lobato. Isso é verdade. Aí você passa a fazer uma série de identificações emocionais e afetivas. Eu vi o Lobato fazendo aqueles troços, aí disse: “Bom, agora não tenho mais nenhuma dúvida, eu quero fazer o que esse cara faz.” Uma vez o Herman Lent me contou – o Herman era de uma geração antes da minha, foi meu professor – ele me disse: “Não, eu também andei aqui em Manguinhos vendo umas coisas e outro dia encontrei o Travassos e disse: Eu quero ser igual a esse cara! É o que vou eu fazer.” E foi. Isso é importante. Lobato é importante! Meu pai traz já uma marca; Eduardo Marques traz; e professor Rodrigues.

NA- Bom, e volta de Belo Horizonte, termina a faculdade logo depois...

LF- É. Volto de Belo Horizonte, termino a faculdade. Aí faço a minha tese de doutorado. Eu tinha estudado uns bichos com o Dr. Lobato, que eram as isósporas...

NA- Isóspora?

LF- Deixa eu ver se eu tenho aqui para mostrar. Aqui, pronto⁴.

NA- Ótimo.

LF- Uma obra maravilhosa!

WH- Isosporose Humana Experimental. É isósporas?

LF- É, o bicho é isósporas. Hoje, principalmente nessa área de vocês, a tese tem ser um calhamaço, não é. Alguém me disse que em Paris tem que ter no mínimo 500 páginas. Mas as coisas mudam. Na minha faculdade, pelo menos no meu tempo, era assim. Havia um orgulho de fazer um troço pequenininho, mas era original! E isso estava no bojo de uma tese do professor Fróes da Fonseca, que é avô de uma menina que trabalha com vocês.

NA- Raquel!

LF- A Raquel. Esse sujeito era o professor de anatomia. Era um sujeito por quem os alunos tinham uma admiração muito grande, e quando trabalhou no museu com antropologia, também. Era um velho – porque sabe que era velho, eu era garoto – porque sabia tudo; era um gênio. Como a gente via tempos depois. Mas ele sabia, por exemplo, alemão medieval; era o grande sujeito que sabia alemão medieval. Ele dizia que tinha ganho todos os concursos que fez. Ele é personagem de um livro do Jorge Amado sobre um médico embarcado. Ele, uma época, é médico de bordo. E aí se inscreve na Bahia... eu acho que é... Bom, agora não me lembro. Mas é um daqueles últimos livros do Jorge Amado, em que ele vai lá, faz concurso e ganha. Faz para anatomia, a cadeira era de anatomia. Ele disse: “Eu só perdi um concurso, que era o de sujeito mais feio que estava ali.” Ele era um político, era feio. (*risos*) Ele era muito feio. Era um sujeito pequenininho, narigudo e tinha uma voz gutural. Bom, eu nunca consegui ver a tese em que o professor Fróes da Fonseca ganhou o concurso de catedrático na minha faculdade. Mas se falava nisso como se todo mundo tivesse lido. Porque o concurso estava todo armado para um outro candidato, tudo preparado. E ele chegou de maneira tão arrasadora que tiveram que dividir a cadeira e fazer uma cadeira de anatomia topográfica e outra de anatomia descritiva. E a tese dele era sobre o osso externo. E que alguns diziam que a tese tinha 15 páginas, outros diziam que não, que tinha 11 páginas e uns diziam que a tese não tinha bibliografia. Não tinha bibliografia! E quando a banca perguntou: “Mas o sr. não tem bibliografia?”, ele: “Mas isso tudo é original, eu não tenho quem citar!” (*risos*) Essa história é interessante. Aí, disseram a ele: “Não, esse ângulo não existe.” Ele fazia um sinal assim, aí entravam 10 sujeitos, cada um carregando na cabeça um saco enorme cheio de ossos externos! Aí abriu aquilo... “O sr. disse que não iria citar aqui!” Era uma lenda muito carinhosa. Eu andei atrás dessa tese. Eu pedi àquele menino que trabalha no museu para ver, nunca acharam. Pedi à Raquel.

NA- Ela não sabe?

LF- Não sabe. Tinha um conhecido meu, que era filho de um assistente do Fróes há muito tempo, contava muita história, também nunca achou. Eu acho que valia à pena vocês tentarem

⁴ O entrevistado mostra sua tese de doutoramento para as entrevistadoras.

ver onde é que está. Pedi à Diana Maul para ver lá na biblioteca da faculdade, nunca achou a tese de concurso para catedrático do professor Fróes da Fonseca. Isso merece um artigo contando essas lendas e essas coisas todas.

NA- Mas por que não existia? Por que você acha que essas coisas nunca foram publicadas. Deve existir, não é ?

LF- Não, existiu, claro! Mas sumiu! Aquilo sumiu! E depois, para falar essas coisas, não precisava ter lido, não é , bastava... (*tosse*) Um sujeito dizia que uma época se discutia a questão da evolução com tanta ênfase, a favor e contra a evolução, que no fim os caras acreditavam que tinham lido *A Origem das Espécies!* (*risos*) Mas não precisavam ter lido, podiam discutir no botequim! E essa tese é assim. Além do mais, ele crescia muito no prestígio com os alunos porque ele foi júri de Miss Brasil.

NA- O Fróes da Fonseca?

LF- É. Num daqueles anos, ele foi júri de Miss Brasil. Miss Brasil! Aquilo era um colosso. E era também professor de anatomia na Escola de Belas Artes. Quer dizer, discutia o músculo e Leonardo da Vinci. Era um sujeito fabuloso e um sujeito que era só anatomista, ao contrário do modelo de época, onde os professores de anatomia eram cirurgiões, tinham clínica, operavam! Tanto que ele se separa da mulher num certo momento e o dinheiro era muito pouco. Naquele tempo, se ganhava menos do que hoje. Eu digo e o pessoal do meu filho não acredita. Não tinha tempo integral, não tinha nada disso. Tinha salário. Ora, ser professor na Escola de Medicina dava prestígio porque a clínica aumentava. Então ninguém fazia questão. Ele não, ele vivia só daquilo. (*tosse*) Aí ele foi morar na faculdade. Sei que dava um dinheiro para mulher, não é? Provavelmente tinha filha e se separou; e ele não tinha dinheiro para pagar o aluguel de um apartamento para ele. Eu sei que ele morava lá. De manhã você, chegava na faculdade ele estava usando aquele banheiro, escovando os dentes, fazendo a barba. Durante um tempo ele morou lá

NA- Que figura fantástica, não é?!

LF- Fantástica! Fantástica! Nara, tem uns caras que eu conheci que merecem uma história. Depois não morava mais. Mas um tempo ele morou lá. O mesmo aconteceu com o meu mestre, José Rodrigues da Silva. José Rodrigues da Silva tinha uma clínica grande, que eu contei que ele pagava do bolso dele. Depois...

WH- Como é que foi a aproximação com ele? Você não nos contou.

LF- Quando ele abriu o concurso para monitor da cadeira de medicina tropical (*bate na mesa*).

WH- Ah, foi aí que você o conheceu?

LF- Ele era amigo de meu pai.

NA- Isso você já tinha falado. Eles se conheciam. O pai dele já conhecia.

WH- Mas a relação mesmo com ele...

LF- Eles eram do Hospital dos Servidores. Meu pai era da fundação do Hospital dos Servidores.

WH e NA- Ah!

NA- Sim, mas o seu contato profissional com ele foi na cadeira de medicina tropical?

LF- Antes. Teve antes, quando eu fiz esse primeiro trabalho sob orientação do Hélión Póvoa sobre esquistossomose e eletroforese: “Alterações no perfil eletroforético na esquistossomose mansoni”, publicado na *Vida Médica*. Eu procurei por ele porque o Póvoa era bioquímico e ele era um homem que sabia esquistossomose. E a pergunta na época, que até hoje ainda se discute, era: por que alguns pacientes fazem forma hepatoesplênica grave e outros não? Você tem uma minoria de doentes infectados com esquistossomose que fazem barriga d’água, varizes de esôfago e esse pessoal tem mania de falar: “Esquistossomose é uma doença gravíssima!” Não é verdade! A esquistossomose é grave numa percentagem pequena, 6%, em torno disso. O resto de esquistossomose não tem nenhuma gravidade, não tem!

NA- Vivem muitos anos e bem.

LF- Vivem muito bem. É. Então eu já tinha procurado por ele para levar meu trabalho, para ele opinar. Ele achou interessante. Aí houve uma aproximação. Ele abriu o concurso... Ele fez o concurso para catedrático. Foi tudo nessa época. Ele era regente. Naquele tempo, tinha regente de interino, de cátedra. E aí logo depois ele abriu o concurso...

WH- Foi aí que você se aproximou dele.

LF- ...que eu fiz. Aí eu fui trabalhar lá. Quando a gente se formou – outra coisa que eu queria dizer – ele disse.... Ele era um sujeito secarrão, não falava muito; aí o Fróes chamou eu, o Argento que estava se formando: “Vocês querem continuar na cadeira, tem lugar para vocês aqui.” Pronto, foi só isso. Nós fomos comemorar. Fomos comemorar! Nós fomos convidados para continuar na cadeira! Ninguém perguntou quanto ia ganhar, qual era o horário de trabalho! Pronto, estava resolvido o nosso problema, nós fomos convidados. E aí ele pagou o começo com esse dinheiro dele. Depois veio essa bolsa, até que eu fui nomeado quando todo mundo foi nomeado. Todo mundo que prestava serviço ao governo foi efetivado.

WH- Foi uma lei? Saiu algum decreto na época, não é ?

LF- É, uma lei, em 1960 e poucos. Eu acho que era o Jango. Aqui em Manguinhos, a Delir foi, o Herman Schatzmayr foi. Toda a minha geração. Uma lei quem tinha bolsas, quem de alguma maneira estava trabalhando...

WH- ...no serviço público.

LF- ... foi efetivado. Eu fui efetivado como instrutor de ensino. Era o primeiro cargo lá.

WH- Lá na faculdade.

LF- Era o primeiro cargo da carreira. Mas ia contar o seguinte: o professor Rodrigues começa a se dedicar à cadeira e à pesquisa e vai largando a clínica. No fim, eu não lembro... mas ele era caturro e eu não quero derivar demais. (*risos*) Ele foi ficando sem dinheiro também, só tinha o dinheiro do salário. Aí, ele também separou da mulher, foi morar lá no hospital porque não tinha... Disse: “Não, eu moro aqui muito bem!” Então, ele morava no escritório dele; ele botou uma cortina assim separando; tinha um banheiro; botou um catre para dormir. Ele dormia ali, tinha chuveiro para fazer a barba, e comia a comida do hospital. E dizia: “A comida aqui é muito boa.” E ficou morando lá também.

WH- Você fez todo esse comentário sobre o tamanho das teses porque você estava falando da sua.

LF- Aí eu fui fazer o doutorado. Por isso eu tinha dito, também, como era boa a rotina. Tinha um laboratório de rotina e tinha os técnicos. Eu dava uma supervisão e tinha o laboratório de pesquisa. Nesse tempo, a cadeira de medicina tropical era um lugar muito bom de pesquisa e os laboratórios também eram muito bons. Tinha de anatomia patológica, excelente, que era o Domingos de Paula que depois foi catedrático lá no Fundão. Tinha a microbiologia, tinha a imunologia, etc. Os laboratórios foram separando; cada especialidade tinha um laboratório com uma parte de rotina e uma parte de pesquisa. Dessa rotina apareceu o primeiro caso de isosporose. Isso era um negócio raríssimo! Nesse tempo também se valorizava o raro, não é? Coisa rara causava boa impressão. Agora não! Você muda para o que é mais freqüente, mais importante. Então apareceu o primeiro caso, e era raro, e tinha uma discussão sobre as formas encontradas: se eram dois bichos, aparecia esse com duas formas morfológicas. E a pergunta era se eram duas espécies diferentes ou se eram estágios evolutivos da mesma espécie. Essa era a questão. Tinha um trabalho do professor Alves Vieira, tinha um trabalho daquele que era do Instituto Adolpho Lutz, Marcelo Álvares Correia..Eu disse: “Bom, agora então vamos estudar isso!” O que eu fiz? Peguei a coisa e me inoculei. Depois inoculei o Sérgio Coutinho – eu acho que já falei! –, o Argento...

WH- Eu vi. Você agradece...

LF- É. Inoculei um técnico do laboratório que trabalhava comigo e que depois se formou, hoje é um médico do Fundão. E aí fiz o estudo da evolução desses bichos. Eu queria fazer o ciclo evolutivo. Porque nessa época, o professor Rodrigues trouxe a sonda para biopsia duodeno jejunal. Aí foi a coroação do martírio! (*ri*) Engoli a sonda e fazia a coisa. Quem sabia fazer isso era o Sérgio. E aí mandei a glândula para o Lobato...

NA- Você fez isso?!

LF- O Sérgio fez em mim. E depois fizemos nele também, no Argento. Nós fizemos a inoculação do bicho para estudar a evolução. A gente queria ver se as formas mudavam ou não. Então, partindo de uma fonte única você podia ter a resposta, não é? (*tosse*) Essa tese foi um

colosso na época, modéstia à parte. Quando chegou no dia de marcar a banca – marcar a banca para tese era uma complicação muito pior do que hoje porque eram os catedráticos que examinavam – um podia, outro não podia. Era um inferno! E você tinha que se virar para marcar aquilo. Aí, o professor Rodrigues disse assim para mim: “Olha, o Olímpio vai está na banca e ele não gosta de mim. Você abre o olho que ele vai te pegar lá.” Eu disse: “Está bom, o que é que eu vou fazer?” Era a primeira vez, depois eu fiquei amigo do Olímpio. Aí fui lá, falei: “Professor, de noite fica mais fácil” Porque os caras tinham consultório, milhões de atividades. Aí disse: “De noite eu não saio de casa.” Ainda falou meio frio assim. Eu disse: “Está bom!” Bom, aí consegui se armar a banca de tese, também, ninguém entendia muito desse assunto nem fazia muita questão. Eu tive um examinador, que eu tinha certeza que não abriu a tese. Claro, ele era amigo do meu pai, então ele fez um discurso sobre o meu pai! (*risos*) Era um sujeito que tinha um charme extraordinário – não vou dizer nome. Os alunos adoravam, era um sujeito brilhante! Então ele examinou sem ter aberto, sem ter lido. Quem entendia do assunto era o Olímpio. E o Olímpio ficou entusiasmado quando ouviu a minha tese, e me elogiou e disse que a nota era 10 e todo mundo acompanhou a nota 10 e me deu o Prêmio Ganning, que é um prêmio que o Olímpio disse de público lá: “Ganhei eu, em 1915 - com a tese sobre flagelados de mamíferos onde descreve uma espécie nova parasita do homem. Depois ganhou o Emanuel Dias com o ciclo do *Trypanosoma* no Barbeiro. E agora é o senhor que vai ganhar essa tese” Nara, você pode imaginar que eu fiquei...

NA- Vaidosíssimo.

LF- É. Ninguém me agüentava! Nem a minha mulher, nem os filhos... (*risos*) Ninguém me agüentava! Depois de um troço desses ninguém me agüentava.

WH- O que é que aconteceu com você com a inoculação?

LF- Ah, deu diarreia, mal-estar abdominal. E depois fiz biópsia, andava com um fiozinho amarrado no dente porque tinha o guia da sonda. Você tinha que engolir o guia, eu conto a história para você entender a época, não é? Tinha que engolir um fio que ia guiar a sonda. Ficava com aquilo preso aqui. Agora, acontece que o Dr. Lutz que sempre foi o meu ídolo e é até hoje um dos meus grandes ídolos e que foi o maior cientista de Manguinhos! O melhor! Mas, o Dr. Lutz, e eu sabia disso, capturou umas larvas no Nordeste, umas larvinhas que ele precisava trazer aqui para o Rio, mas ele tinha que trazer as larvinhas a 37 graus para... Aquela viagem era de navio, vinha pela costa durante uma porção de tempo. Bom, ele colocou aquelas larvinhas num tubo de vidro, fechou, amarrou, engoliu e amarrou no dente. Eu estava fazendo a mesma coisa! (*ri*) Eu estava orgulhosíssimo com isso. Você pode imaginar, eu estava me sentindo o próprio Dr. Lutz, não é? Deu um quadro de mal-estar, deu...

NA- Mas curou isso!

LF- Curava sozinho. Esse parasita agora está muito em moda por causa do Aids. Porque com o Aids esse bicho começou a se disseminar e a invadir as pessoas. Então voltou um pouco à moda dessa coisa, por causa do Aids, ele faz uma porção de infecções secundárias, concomitantes. E uma é isosporose. É isosporose.

WH- Bom, depois da tese você continua na cadeira de medicina tropical.

LF- É. Depois da tese continuo na cadeira de medicina. isso foi um sucesso na época! Você pode imaginar. O Olímpio ficou meu amigo, o outro ficou meu amigo. Bom, aí tinha duas coisas que eu preciso contar sobre a personalidade do meu mestre: uma é que eu nessa euforia – ele era um sujeito caturro e falava pouco – chego no dia seguinte de manhã, Wanda, entro na sala... Pôxa! Eu quero que o cara me abrace e me... Ele estava lendo jornal. O Coura conta essa história, o Coura se lembra...

NA- Eu vou entrevistá-lo amanhã.

LF- Pergunta, ele lembra dessa história. (*ri*).

NA- Eu vou perguntar a ele.

LF- Se ele lembra da história do Luiz Fernando no dia seguinte da tese. Aí estava lendo jornal. Aí virou para mim e disse assim: “Agora eu estou muito ocupado” (*risos*) Aí, bom, essa história Coura conta. Catuca ele que ele conta.

NA- Por que é que ele fez isso?

LF- Porque ele era assim! O temperamento dele era assim!

WH- Isso me chama a atenção porque a gente já fez várias entrevistas e muitos cientistas, muitos pesquisadores têm essa característica, não é? Por que será? Como é que eu poderia te fazer a pergunta? Era uma imagem do cientista que eles faziam, do homem mais seco, mais dedicado, que não dava muita atenção às coisas mundanas... Isso fazia parte de um imaginário da profissão?

LF- Isso fazia parte do imaginário, mas não era específico do cientista. Isso era o mais velho que estava ensinando. Isso era assim generalizado, não é, não tinha a menor... Meu pai era assim! E se você fosse em outro tipo de ensino, o professor não dava colher de chá.

WH- Não, não é?

LF- Se você fosse menina, moça, mulher, aí tinha sempre um tratamento mais...

NA- Diferencial.

LF- ... especial, mais diferenciado. Mas o menino, era do processo educacional, eu acho. O menino que você queria fazer um cara igual a você, você tinha que tratar com dureza.

WH- Com severidade.

LF- Com severidade. Você não dava essa colher de chá que de dá hoje. Meu pai era assim. Meu pai ia me ensinar latim. No meu tempo de colégio, latim eram uns textos que você tinha de

saber para entrar em exames. Caíam aqueles textos, um pedaço de César, um pedaço de Virgílio, um pedaço de Heráclito, era aquilo. Ele me chamava para estudar latim, para me ensinar latim. Aí eu dizia: “Não, mas o texto...”, “Não interessa! Se você vai decorar o texto, não tem graça.” No meu tempo era assim. Pegava o velho Gálico e abria, não é? Era na página que caísse. Você tinha que fazer a ordem direta e a tradução. Bom, eu errava, não é?! (*risos*) “É um idiota!” Ele chamava a minha mãe: “Tanto trabalho para fazer desse sujeito um idiota!” Era sempre assim. Agora, ele tinha carinho comigo? Tinha, claro que tinha! Quando meu pai morreu, Wanda, eu encontrei na gaveta dele um envelope – eu sempre fui metido a escritor, desde os meus cinco ou seis anos de idade, eu escrevia. Menino, no colégio, escrevia! Escrevi um negócio que se chamava: “Os crimes do Cadáver”, quando eu tinha meus dez anos ou 11 anos. (*risos*) Copiava com aquela letra de menino. Ele tinha tudo isso guardado! Ele tinha tudo isso guardado. Ele me chamava Dunga!. Agora, no trato era assim, era de época. E além de tudo o professor Rodrigues era um homem caturro, calado...

NA- Ele disse: “Eu estou muito ocupado lendo o jornal”, você fez o quê?

LF- Eu fui me embora! O que é que eu ia fazer? (*risos*) Isso aqui não tinha conversa não! A gente trabalhava sábado, nesse tempo já tinha começado o negócio de “semana inglesa”. Porque antes todo mundo trabalhava sábado! Sábado era um dia comum. Depois veio a “semana inglesa”, quer dizer, você trabalhava só de manhã e de tarde não trabalhava. Depois é que veio o sábado não trabalhado. E ele fazia a reunião no sábado, às 5:00, 6:00 horas da tarde. E não tinha essa conversa. O Nelson Ferreira, hoje é professor de lá, é um dos últimos que ainda tem daquele meu tempo que ainda não aposentou. O Nelson ia saindo, tinha dado plantão – não tinha esse negócio de dar plantão, no outro dia sair! Você dava plantão, no dia seguinte emendava ou na véspera emendava. Aí o Nelson ia saindo, todo de banho tomado, tinha dado um plantão. (*ri*) O professor Rodrigues ia chegando, disse para ele: “Aonde é que o sr. vai?” Disse: “Ah, professor, eu vou namorar, eu dei plantão”. Ele: “Volta, volta! Você vai ver aqui coisas que você nunca viu na sua vida! Namorada tem muita por aí!” Eram casos de peste que ele estava trazendo para internar, que deu aqui perto de Friburgo. Eu vi doente de peste dessa época e é difícil, caso clínico de peste, peste bubônica e peste pneumônica! “Volta, Volta!” Ele voltou! E deixou a namorada lá esperando, sei lá o que aconteceu! (*risos*)

NA- Não tinha conversa.

LF- É. Essa coisa tinha as suas vantagens. Por exemplo: há uns anos atrás eu fui homenageado, eu, o Coura, a Léa e mais uns como os fundadores da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. Aí veio uma mocinha: “Professor, como é que foi?” Aí eu contei lá: “Você sabe por que é que eu fui? Pelo seguinte, o velho chegou para nós e disse: “Amanhã vocês vão para São Paulo – deu o dinheiro para comprar a passagem de trem – e depois lá tem um ônibus para Ribeirão Preto.” Era menino, não sabia nem o que era. Cheguei lá ele pegou um livro e disse: “Assina aqui.” Aí eu assinei. Ele é que tinha feito tudo, não é? Era a ata da fundação da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical”. Que ele fez! Ele, Aloísio Prata, que é mais velho, o Aquiles...

NA- A gente quer entrevistar o Aloísio Prata.

LF- É, o Aloísio Prata é importante. Era Aloísio Prata, o Achilles Scorzelli. Esses eram mais velhos, mas quem liderava tudo era o professor Rodrigues.

Fita 2 – Lado B

LF- A gente foi assim, não sabia nem o que é que era. Aí fiquei fundador da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. (*risos*) Tinha as suas vantagens. De vez em quando, ele não perguntava não, dizia: “Sábado vamos viajar. Vamos para...”

NA- Você lembra quando foi isso?

LF- A Sociedade de Medicina Tropical? Ela fez 30 anos. Pergunta ao Coura, ele sabe essas datas melhor do que eu.

NA- O Coura estava junto?

LF- Estava! Ele também foi. A mesma coisa. Bom, claro que ele fundou a Sociedade e não era para fazer eleição e vir outro depois dele! Enquanto ele foi vivo, o presidente da Sociedade era ele! (*risos*) E o Coura, depois...

NA- Agora, e a Sociedade começou a funcionar para quê? Como? Com quem? Qual era o objetivo dessa Sociedade?

LF- O objetivo era as reuniões e os congressos e...

NA- Começou a ter congressos a partir daí?

LF- A partir daí. Tem os congressos todos.

NA- Até então não tinha?

LF- Até então tinha o congresso mas não assim juntando pessoal de medicina tropical. Eu me lembro quando foi o cinquentenário da doença de Chagas, em 1959, tem um congresso. Foi um dos primeiros congressos que eu participei; foi aqui em Manguinhos. O Olímpio foi quem organizou essa coisa toda. Já trouxe um trabalho com o pessoal...

NA- Você veio?

LF- Vim! Vim aqui em 1959. Mas não tinha a Sociedade de Medicina Tropical, Congresso de Medicina Tropical. Isso começa com essa reunião de Ribeirão Preto há 30 e alguns anos. O

professor Rodrigues era o presidente eterno e o Coura era o secretário, porque ele decidia que era o Coura e o Coura... (*risos*)

WH- Havia uma revista da Sociedade?

LF- Tem uma revista. A revista é *Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*. Eu tenho até hoje.

NA- Ela existe até hoje, Luiz?

LF- Tem, é claro!

NA- Essa revista é famosa.

LF- Está aqui. Quem faz isso é o Aluizio Prata.

NA- Mas essa revista não criou uma concorrência com as *Memórias*?

LF- Não, não. As pessoas publicam aí, publicam nas *Memórias*. Tem até hoje, é.

WH- Porque essa Sociedade, eu até queria te perguntar, ela juntou grupos de pesquisa em várias doenças tropicais que estavam meio soltas naquele momento, não?

LF- Eu não sei se a Sociedade chegou a juntar isso. Os grupos se reuniram e o professor Rodrigues tinha uma liderança muito grande nessa área, então ele juntava nos congressos também. Depois continuava cada grupo a trabalhar, as pessoas é que se integravam. Isso é outra coisa também que eu tenho muito clara. O pessoal tem mania: “Ah, porque tem que botar tudo no lugar para se integrar” A integração num programa de pesquisa é uma integração afetiva: você se integra ou não! Eu tenho um sujeito que trabalha aqui no meu lado, eu não me integro com ele! No entanto um dos momentos de integração muito boa, eu tive foi com o Aduino e o Ulysses. Nesse tempo, eu trabalhava aqui, o Ulysses trabalhava na Universidade Rural e o Aduino era do Fundão! E no entanto a gente trabalhava toda a semana. A gente se reunia na minha casa à noite! Aduino fez duas teses, Ulysses fez o doutorado. Não tem que necessariamente estar... E eu também acho que integração é uma coisa que você vai com a cara do sujeito, trabalha junto, se integra... Ou não vai, pode estar do lado... Às vezes você vai com a cara, mas o cara tem um caminho, o outro tem outro... Eu acho que essa questão de integrar grupos passa muito...

WH- É pessoal.

LF- ...muito pessoal, é. A gente estava contando a homenagem. Sim, mas o professor Rodrigues, além da época, era um sujeito caladão, ele não falava muito. (*tosse*) E tem uma história clássica que o Coura provavelmente vai contar para vocês amanhã: o professor Rodrigues ia muito a Genebra por causa da Organização Mundial de Saúde. Um dia, ele ia pegar o avião, encontrou o Nelson Moraes - eu não sei se vocês conheceram.

NA- Não.

LF- Nelson Moraes foi daqui, da fundação da Escola...

WH- Sanitarista da Sociedade Brasileira de Higiene.

LF- Foi da Sociedade de Higiene...

WH- Foi presidente muito tempo, não é?

LF- Isso! Nelson Moraes. Conheci muito. Era mais velho que eu. Então Nelson foi levar um amigo dele para viajar. E chegou lá, encontrou o professor Rodrigues, apresentou e eles viajaram. Aí passou um tempo, o Nelson encontrou com esse amigo, aí o amigo disse para ele: “Ô Nelson, eu viajei com o Rodrigues, acho que ele não gostou de mim, não foi com a minha cara, porque ele quase não falava e tal”, “Ah! Deixa para lá, o Rodrigues é assim meio esquisito mesmo!” Aí passou um tempo, o professor Rodrigues encontrou o Nelson, aí disse: “Nelson, eu viajei com aquele teu amigo. Eu gostei muito dele, ele fala pouco!” (*risos*)

NA- Uma figura singular, não é ?

LF- O professor Rodrigues? Figura única! Sem dúvida nenhuma.

NA- O Dr. Adolpho Lutz também tinha essas características, não é?

LF- O Lutz tinha. Pois não tem várias histórias do Lutz... Uma é a do fotógrafo J. Pinto. O Lutz estava doente. O Pinto foi lá visitá-lo. Aí o Pinto entrou e tal: “Ô Lutz, como é que está o senhor?” Ele: “Não, eu estou melhor.”, “A família, como é que está?”, “Não, a família está bem. E a sua família, Pinto, como é que está?”, “Está bem e tal.” Aí ele disse assim, apertou a mão do Pinto: “Agora você vai embora porque eu vou dormir um pouco.” (*risos*) Já disse tudo que precisava dizer. (*tosse*) O Castro contava muito! Eu gostava muito do Castro. Ele foi um dos poucos, além da Bertha, que se entrosou com o Lutz. O Dr. Lutz era um sujeito complicado!

WH- A Bertha e o Venâncio...

LF- Joaquim! Joaquim Venâncio era um negócio com o Lutz! Ninguém agüentava o Lutz e o Joaquim Venâncio ... Mas o Lutz gostava do Joaquim Venâncio. Joaquim Venâncio, quando o Lutz estava muito velho, andava com o Lutz nas costas. Porque o Venâncio era robusto, um sujeito forte. Então, ele carregava o Lutz para andar aqui nesses charcos e apanhar os sapos. Porque ele tinha descolamento de retina e já tinha dificuldade no microscópio, então ele olhava sapos. Qualquer pessoa de hoje vai dizer que aquilo era uma coisa opressiva, não é , que o Lutz fazia o Joaquim carregá-lo nas costas, mas era amizade. Tem uma história que compõe isso (*tosse*). Quando o Rei Alberto veio ao Brasil, em 1922, era uma data fundamental na história do Brasil, na história do Rio de Janeiro. Por quê? Primeiro: 1922 é a fundação do Partido Comunista; 1922 é a fundação da Universidade; 1922 é a “Semana de Arte Moderna” em São Paulo; 1922 é a fundação do Centro Don Vital e é a fundação da zona do Mangue. (*risos*) A

Universidade e a Zona do Mangue, pelas mesmas razões. (*risos*) Queriam dar ao Rei um título de ‘Professor *Honoris Causa*’. Então fizeram a Universidade. E como o Rei ia desfilar pela rua do Catete tinham que tirar os prostíbulo da rua do Catete, para ele não passar ali de caleça e as prostitutas... (*risos*) E então criaram a zona do Mangue e empurraram as mulheres para a zona do Mangue. Isso em 1922. Bom, a Rainha era uma naturalista amadora, então fizeram uma comitiva para ir na Floresta da Tijuca com a Rainha, para Rainha ver a natureza. E eles puseram o Dr. Lutz na comitiva dela. O Dr. Lutz e o Joaquim Venâncio (*inaudível*). E o Dr. Lutz ia muito contrariado, mal-humorado naquele cavalo - ele era mal-humorado. Aí, uma daquelas meninas encantadoras, delicadíssimas, da corte, dama da rainha, procura ser gentil e puxa assunto com o Lutz e o Lutz responde: “Precisamente, os homens é que deviam montar de lado, porque as mulheres não têm certos órgãos que ficam esmagados contra a cela dos cavalos!” (*risos*) Porque as mulheres montavam de lado, com aquela saia comprida e tal... Aí contam também o final, que é para compensar o negócio do Venâncio carregar o Lutz. Eu sei quando eles chegam na Floresta, para fazer o almoço, o piquenique e tal, fazem uma mesa para rainha, para as pessoas ilustres e fazem uma outra para os empregados. E o Lutz então levanta e protesta: “Precisamente, ou me sento eu e o Joaquim Venâncio aqui ou eu e o Joaquim Venâncio lá!”...

NA- Ele era tihoso. A lenda...

LF- Eu não sei se isso é verdade mas mostra como ele era. Ele era um camarada estranho. Bom, o Dr. Lutz tem histórias que não acabam mais: a das bananas. Um dia - o Castro contava - eles foram viajar no interior. (*tosse*) Estavam viajando e aí começaram a ficar com fome. Sentaram embaixo de uma árvore, o Joaquim Venâncio meteu a mão no bolso e tirou um pacote de banana e o Lutz começou a comer - ele e o Joaquim. E os caras olhando, não é? Aí disse: “Os senhores gostam de banana?”, “Ah, gostamos sim, Dr. Lutz!” Estava todo mundo morrendo de fome. Ele disse: “Pois, precisamente, da próxima vez, tragam bananas!” (*risos*) E eles comeram, ele não ofereceu! E contam que quando o Lutz estava muito cansado nas viagens, ele sentava embaixo de uma árvore e declamava Homero no original. No original! (*tosse*) Eu fui aluno do filho do Lutz (*bate na mesa*) na faculdade. Se chamava Gualter Lutz. Era um sujeito fabuloso! Sabia tudo! Mas ele era tímido. Era um sujeito assim meio encabulado, ao contrário da Bertha – conhece a Bertha? Os alunos gostavam dele; dava o curso de medicina legal. E o professor Lacai me contou que quando ele morreu, ele estava fazendo uma nova tradução da *Iliada*, porque nenhuma das traduções eram boas. Nem as em alemão! Ele dominava essas línguas todas! Já tinha estudado na Alemanha. Então, ele fazia. E ganhava prêmio, ganhou prêmio de violino, o Gualter Lutz.

NA- O filho.

LF- É. E isso é interessante, vocês podem me explicar isso. Em geral, se apresenta uma imagem do Lutz como um cara centrado só em ciência. Trancado, só pensava em ciência e tal. Não é verdade! O Lutz era um sujeito de uma visão, de um interesse muito mais forte. Por quê? Porque ele era uma figura muito marcante nos dois filhos, não é? Se você for ver, a Bertha com todo o movimento político, essa coisa, era com ele. Tem retrato da Bertha eleita deputada com ele lá! Ele incentivava essas coisas. E esse negócio de saber grego, saber latim, saber música, tocar violino...

NA- Tinha a ver com ele.

LF- Isso tinha a ver com ele. Eu disse isso. Eles comemoraram lá em São Paulo o aniversário do Lutz, do Instituto Adolpho Lutz, e eu fui lá e fiz uma palestra. Depois mandei material para que está publicado num volume sobre o Adolpho Lutz. Eu disse isso. Ele tinha muito mais... mas criou-se essa imagem como se ele só tivesse preocupado com ciência. E mais do que isso! Ele vivia uma parte enorme da vida dele de clínica, do seu consultório. Sobrevivia dando consulta em Petrópolis, em Limeira, em São Francisco da Califórnia... (*tosse*) Ele foi para São Francisco da Califórnia no século passado. Deve ser próximo - você podiam saber isso - daquele negócio da corrida de ouro...

WH- Sei.

LF- Ele vai lá, ele era um aventureiro! Ele vai para o Havaí para cuidar do negócio de lepra, pago pelo governo inglês, não é? E ele atravessa também um período de mudança, porque ele estudou com o Lister. Puxa!

NA- Você lembra quando ele faleceu quando?

LF- Em 1940. Eu não conheci o Dr. Lutz. Dr. Lobato conheceu.

WH- Quer dizer, você essas histórias conta de ouvir as pessoas com quem você trabalhou passarem para você?

NA- Que conheceram ele, não é ?

WH- Essas histórias do Lutz! Essa admiração que você tem...

LF- É. O Lobato trabalhou com ele, é.

NA- O Lobato conheceu ele?

LF- O Lobato conheceu. Mas conheceu assim pouco tempo, porque o Lobato veio para cá em 1939 - ele me contou - e o Lutz morreu em 1940! Mas ele conheceu o Lutz! Mas é um cara difícil! A Maria Deane, uma vez me contou: “Dr. Lobato, o sr. conheceu o Dr. Lutz?” Ele disse: “Eu conheci mas assim meio de longe.” Ela era jovem, não é, mocinha e ele era... Mas eu tenho impressão que esmiuçando, você vai ver que o Dr. Lutz era um homem de um largo espectro de interesse: político, artístico...

WH- Cultural...

LF- ...cultural...

WH- Inclusive científico, não é , Luiz Fernando?

LF- Além do científico!

WH- Porque ele é um homem que faz uma trajetória...

LF- Na ciência ele faz uma trajetória que... Ele escreve uma tese sobre *Crustáceos Cladróceros do Lago de Genebra*. Quer dizer, um negócio de biologia puríssima! Até os estudos da doença de Lutz, os estudos da ancilostomose, caramujo, esquistossomose...

NA- Doenças aplicadas, não é?

LF- Doença, coisa aplicada! Tem uma história: eles estavam viajando, aí um dia chegaram numa pequena cidade do interior. Havia um parto complicado, que não se resolvia; a curiosa não conseguia...

WH- A parteira curiosa.

LF- É. A criança não nascia, um negócio assim num lugar miserável. As pessoas falaram: “Vem uns médicos do Rio de Janeiro”. Foram lá chamar. Aí o pessoal que estava com o Lutz ficou apavorado. Ele foi lá. Era um negócio de apresentação de pé, tinha uma manobra para fazer rodar a criança e botar a cabeça. Ele foi lá e fez! Ele foi lá e fez, a criança nasceu! Aí ele disse: “Precisamente, todos os médicos deviam saber fazer essas coisas!” Ele sabia! Fazia obstetria. E contam também que uma vez o Dr. Henrique Aragão - pai do Mário que morreu agora há pouco...

WH- A gente não conseguiu entrevistá-lo. Na época que a gente o procurou, ele não quis dar entrevista e não conseguimos entrevistar o Mário.

LF- Ele era ranhetíssimo, não é? Só a Márcia Chame foi ao enterro dele em Paquetá. Foi a única pessoa que foi no enterro dele, porque as outras pessoas também tinham morrido. A irmã tinha morrido. Mas o Dr. Aragão encontrou com o Lutz – o laboratório do Lutz é onde fica a sala do Coura, a sala do diretor do Instituto. Quando o pessoal fazia barulho, o Lutz gritava. (*risos*) O pessoal saía dali de mansinho, ninguém falava alto porque ele saía e dava uma espinafração! Aí o Aragão disse: “Não, eu vou ao médico, estou com uma dor aqui. Não sei o que é que eu tenho. Ele disse: “Precisamente, o sr. deve fazer uma revisão nos seus estudos médicos para ser capaz de fazer o diagnóstico!” (*risos*)

NA- Assim mesmo?

LF- Assim mesmo. Ele sabia tudo. Não tinha esse negócio de medicina...

NA- Luiz, como é que você entra no Instituto Oswaldo Cruz?

LF- Deixa eu contar. Eu estou na universidade e vaga uma cátedra de parasitologia na Faculdade de Ciências Médicas. São essas histórias de época. Então, o meu mestre que era caturro, pega a mim, que sou um menino de 26 ou 27 anos e me indica para regência da cadeira. Foi lá e bancou! Bom, concorri com outro sujeito que era 50 anos mais velho do que eu

e que era filho de um antigo catedrático da casa e fundador da Faculdade de Ciências Médicas, que era meu amigo também. Esse cara era meu amigo.

NA- Essa Faculdade de Ciências Médicas é de onde?

LF- A UERJ.

NA- Não chamava UERJ.

LF- Não! Não tinha UERJ, era uma faculdade particular que o Rolando Monteiro tinha feito. No começo, os professores ainda davam dinheiro para poder levar aquilo. Bom, e aí foi a congregação e eu perdi... ganhei desse... desse cara que era meu amigo. Tudo bem. Aí ele chegou para mim e disse: “Luiz Fernando, eu não quero fazer o concurso – teria um concurso – eu não quero fazer esse curso, você me ajuda a dar esse curso?”, (ri) “Ajudo!” Eu queria porque eu ia ganhar uma experiência enorme. Afinal, eu dei o curso inteiro sozinho, esse cara nunca apareceu lá. E fui paraninfo da turma do Tenório.

NA- Luiz Tenório.

LF- O Luiz Tenório. Tenório do sindicato! Tenório, Eduardo Costa, Mariani...

NA- Clemente Mariani Filho.

LF- É, Clemente Mariani Filho. E acabei sendo paraninfo. Fiquei contente à beça. Foi uma história complicada (*tosse*) porque os meus amigos de esquerda tinham uma biblioteca... Bom, isso foi em 1968 no meio de um tumulto! Vocês não conheceram o Sávio Antunes aqui da Escola, não é ?

WH e NA- Não.

LF- Bom, eu tinha uma belíssima biblioteca anarquista, com jornais anarquistas. Eu tinha uma autobiografia do Kropotkin. Na véspera da festa de paraninfo, o Tenório foi preso. Vocês se dão com ele, não é ? Tenório é conhecido.

NA- Conheço o Tenório há muitos anos.

LF- Há muitos anos? Pois é. Aí o Tenório foi preso, ficou um negócio confuso. Aí o Hugo Tomasini e aqueles meus amigos todos de esquerda, vão lá na minha casa – nesse tempo eu morava com a Dayse. A cerimônia era de noite e ainda era no Teatro Municipal. E aí falaram o seguinte: “Nós vamos ter que ir e é melhor levar esses livros aqui de Marxismo, porque senão a polícia vem aqui e vai achar esses livros, o Luiz Fernando vai ser preso” A Dayse ficou apavorada, não é ? Eu sei que nessa brincadeira a minha biblioteca anarquista sumiu. Nunca me devolveram! (*risos*) O Higino - não sei que fim levou - tinha um jornalzinho anarquista, antes de 1922, que se chamava *Ajuda Mútua* ou *Auxílio Mútuo*, qualquer coisa assim. Era interessante, tinha uma porção de coisa de anarquismo. Aí sumiram. Aí fui ser o paraninfo dessa turma.

NA- Mas teve a cerimônia?

LF- Teve!

NA- Só que o Tenório não foi.

LF- Foi! Foi! Soltaram na última hora e teve a cerimônia. Eu fiz discurso, ele fez discurso. O reitor... quem era? Eu me lembro do nome do diretor: Piquet Carneiro. Acabou tendo a cerimônia. Na última hora, soltaram o Tenório, ele foi lá. Depois, eu fiquei esperando abrir o concurso, para eu fazer esse concurso lá. Aí não abriu o concurso. Passou um ano, passaram dois anos...

NA- E você dando aula.

LF- Eu dei dois anos de curso só. Aí o Blois fundou aqui a Escola. Eu tinha feito um curso de entomologia, lá no Instituto. Esse curso do....

NA - Do Lobato?

LF - Não, do Herman Lent. Do Lobato era endemias, não era ainda fundação. E vinha aqui, tinha amigos. Porque essa tese foi feita no tempo que não tinha xerox; então para ler os artigos tinha que vir na biblioteca e eu tinha os amigos: a Delir, tinha um monte de amigos, contemporâneos e tal. Mas eu não era do Instituto. Aí o Blois fez a Escola. Aí ele disse: “Vamos fazer aqui um concurso de títulos” Mas aquilo para mim era tudo armado, não é? Porque os caras que tinham mais títulos do que eu, eram homens muito mais velhos do que eu, que já tinham outro emprego, já tinham outra coisa e era tempo integral. Aí ele disse para mim: “Não, você, eu quero você - era dedicação exclusiva. Agora, você vem para cá, você vai ser o titular, e vai ser o chefe do departamento.” Aí eu vim, foi assim.

NA- Deixou as Ciências Médicas e veio para cá?

LF- Eu trabalhei nas Ciências Médicas e nunca ganhei um nenhum tostão! Isso tudo era porque eu estava preparando uma cama para mim.

NA- Sim. E você quando ficou na cadeira lá na Medicina tropical na Faculdade, depois de formado, você passou a receber alguma coisa.

LF- Não, aí eu recebia salário, claro! Fui incorporado nesse decreto. Eu ganhava bolsa; ganhávamos essas coisas que eu contei para vocês, e aí tinha uma bolsa. E tinha também ajuda para pesquisa do CNPq

NA- Você já tinha ajuda?

LF- É! Tinha! Para doença de Chagas, é. Nesse tempo quem girava aquilo era o Dr. Manoel Frota Moreira. É preciso vocês recuperarem a história do Manoel Frota Moreira – ele morreu já.

NA- É, já sei.

LF- O Dr. Frota Moreira foi um homem muito importante para minha geração porque a gente era garoto, estava começando, a gente pedia bolsa e ele...

NA- Ele era do CNPq?

LF- Primeiro, ele era da Biofísica. Ele tinha uma carreira de pesquisador, depois ele foi - se eu não me engano - vice-diretor do Instituto de Biofísica, começou a girar as coisas do Instituto de Biofísica e depois ele foi do CNPq, um cargo importante lá no CNPq.

NA- É que você falou do auxílio que você tinha em doença de Chagas, era ele que fazia isso?

LF- É, era Chagas.

NA- Ele trabalhava com Chagas?

LF- Que eu saiba não. Eu tenho impressão de que ele trabalhava na Biofísica, eu não sei direito com o que, e depois ele passou a ser administrador, gerente de ciências. Mas ele tem uma importância enorme. Ficou esquecido, ninguém fala. Porque a gente era garoto, ia lá ele ajeitava tudo. Eu me lembro que depois, na hora de prestar conta, tinha uma história da 5ª via do que você comprou. Tinha 5ª via! Ele chamava um funcionário – a Delir lembra dessa história – “Fulano, resolve aí para o Dr. Luiz Fernando!” Aí você vai dizer: “Mas que burocracia da prestação de conta!” Aí ele ajeitava aquilo...

NA- Mas esse auxílio para pesquisa era para comprar coisas para o laboratório, era isso?

LF- É, é.

NA- Isso não pagava salário de ninguém.

LF- Não. Eu nunca tive do CNPq. Teve gente que teve. Eu tive um auxílio de pesquisa da universidade.

NA- Sim, você falou.

LF- Tive o dinheiro que o professor Rodrigues pagava do bolso dele. E depois fui nomeado e entrei no quadro da universidade.

WH- Essa época, Luiz Fernando, teu tema ainda era a esquistossomose ou você foi mudando o teu foco?

LF- Não...

NA- Nessa época que você veio para cá estava fazendo o quê?

LF- Só passando o olho no currículo. Tinha as doenças parasitárias, porque lá no hospital eu trabalhava muito com o controle de medicamentos, nesse caso da esquistossomose. Mas tinha outras parasitoses também, que eles faziam tratamento. A tese do Coura de docência foi em doença de Chagas, aqui em Santa Teresa. A gente ia junto, trabalhava em doença parasitária em geral, mas muito em esquistossomose.

WH- Você falou que nessa época você veio fazer um curso aqui.

LF- De entomologia.

WH- O que te levou a fazer esse curso?

LF- Porque eu estava me preparando para fazer um concurso para professor de parasitologia das Ciências Médicas.

WH- Das Ciências Médicas. É esse foi um curso...

LF- Ou esse ou outro que aparecesse. Por isso que eu disse a você: “Eu nunca fui sanitarista!” Eu nunca fiz curso de Saúde Pública. Eu fazia parasitologia e me preparava para ser professor de parasitologia, aonde houvesse uma chance, porque lá eu era assistente na Medicina Tropical. E lá também eu não ia fazer carreira para catedrático; não ia fazer concurso para catedrático, porque o concurso para catedrático tinha a parte clínica e eu não queria.

NA- Deixa eu te perguntar uma coisa que eu não entendi: a cadeira de Medicina Tropical tinha uma parte de clínica em que hospital?

LF- São Francisco. Em plena zona do baixo meretrício.

NA- Você tinha trabalho no hospital?

LF- Eu trabalhava no laboratório do hospital. O hospital tinha um laboratório.

NA- Isso estava ligado à cadeira de medicina tropical da faculdade.

LF- Isso era da cadeira, é. Era o serviço. Se vocês quiserem eu conto essa história. É o seguinte: o que é medicina tropical? Até hoje se discute isso. (*tosse*) Em 1963, teve o Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária, um congresso que se reúne de três em três anos, de quatro em quatro anos – tem até hoje! O professor Rodrigues foi o presidente do congresso e foi um momento extremamente rico para mim e para os outros, porque, em 1963, eu tinha três anos de formado e ele jogava a gente no fogo, não é? As grandes figuras estavam aí: o Short Gartner do Ciclo Hepático da Malária, o ciclo exoheritocitário da malária, o ciclo fora da hemácia. Isso dá motivos a uma discussão enorme, na qual o Dr. Lobato tem uma contribuição

importante. Mas aí isso foi fechado, a discussão era aonde ia o plasmódio depois que o mosquito inoculava, antes de ir para hemácia, se ia para algum lugar. O Schaudinn, o grande protozoologista alemão, dizia que o plasmódio ia direto para a hemácia, juntava e depois, então, fazia o anel na hemácia. Mas começaram a se acumular algumas evidências de ordem clínica-epidemiológicas de que não era bem assim. Mas o Schaudinn era o “*Papa*” do negócio. Pensa que cientista não tem valor, cientista também tem! O Schaudinn falou e ninguém falava, e o Lobato começou a ver o negócio do plasmódio de aves e tal. Mas afinal, os ingleses fecharam isso. O que eu quero dizer agora é que era um sujeito famosíssimo. Teve o Pavlovsky da Teoria da (*inaudível*).

WH- Teoria do quê?

LF- Dos focos naturais de doença. Eles estudavam na Rússia aonde ia entrando, para abrir cidades, qualquer coisa assim. Eram áreas onde não tinha o homem; o homem entrava e se infectava. Então, ele vai fazer um estudo magnífico, completo, porque entra a parte de zoologia, botânica. Enfim, tinha uma porção de gente famosa! E ele botava a gente de secretário das seções. De forma que foi um momento importante, esse Congresso de Medicina Tropical e Malária. Bom, nesse congresso Samuel Pessoa disse: “Não, precisamos mudar o nome! Medicina Tropical é um nome do tempo da Colônia! Precisa acabar!” A verdade é essa: a chamada Medicina Tropical começa com as colônias, sem dúvida alguma. O Dr. Lutz tem um diploma de Hamburgo que chama de Medicina Colonial. Não pode se chamar de Medicina Tropical pois a doença não está restrita ao Trópico; é restrita à Colônia. E são esses que vão desenvolver. Eu, uma vez, disse para provocar que a maior financiadora de pesquisa na área parasitologia e Medicina Tropical foi a rainha Vitória! A rainha Vitória financiou aqui. Tanto que você vai ver que nesse primeiro grande trabalho: Laveran, da malária, era coronel do Exército Francês, Lishman, Donovan, Manson, Bruce, todo mundo era ligado à coisa. Então é isso. E esse pessoal, basicamente, ia para a África. Eles faziam o quê? Se vocês pegarem a história, eles faziam clínica, porque examinavam os doentes; faziam o laboratório que existia e faziam epidemiologia.

Fita 3 – Lado A

LF- ...a Keila gosta de comprar essa briga de infectologistas. Além disso, complica mais porque, se você pensar classicamente, as especialidades são divididas por aparelho: cardiologia, neurologia. As doenças infecciosas passam por vários aparelhos! A doença de Chagas está no coração. Então isso é meio confuso. Vocês tinham me perguntado o que era, nesse tempo, a cadeira de medicina tropical da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade no Brasil? Era a cadeira que tinha sido do Carlos Chagas! Essa cadeira foi criada para o Carlos Chagas. O quê se fazia lá? Internava-se doente, se fazia laboratório e se

fazia a epidemiologia da época. Uma das especialidades que cresceu enormemente foi a epidemiologia, com a matemática e outras coisas.

NA- Esses pacientes do hospital eram do Rio de Janeiro ou vinham de outros lugares?

LF- (*ri*) Esses pacientes vinham de acordo com o interesse dos médicos que trabalhavam no hospital (*batendo na mesa*). Se alguém estava fazendo uma tese sobre uma determinada doença enchia aquilo de doentes daquela doença. Todo esse código de ética ainda não estava bem consolidado. Agora está melhor, sem dúvida nenhuma. A minha parte era o laboratório em parasitologia, era o que eu fazia. Aí o Blois veio, eu vim para cá, porque nesse tempo, sim, eu já dava aula para Escola de Saúde Pública. A Escola de Saúde Pública não tinha um quadro de professores efetivos.

WH- A Escola era uma instituição própria, ainda não existia a Fundação.

LF- A Escola era do Ministério da Saúde. Ela tinha uma sede ali no Fernandes Figueira, naquela parte da frente. Ali ficava o diretor e uma ou duas salas. E ele chamava as pessoas para darem as disciplinas e pagavam por hora de aula. E você dava o curso aonde você trabalhava. Eu trabalhava lá no laboratório, os alunos iam lá e eu dava aula lá. O Jorge Valadares, sabe quem é? É daqui, ele foi meu aluno. O Hugo Tomasini foi meu aluno também.

WH- Que tipo de curso eles requisitavam, Luiz Fernando?

LF- Pois é, vou te contar. Primeiro eu era assistente do professor Rodrigues nesse curso, ele era o titular. Depois eu passei a ser o titular desse curso de parasitologia. Porque o curso que eu dava era de parasitologia.

WH- Geral?

LF- Parasitologia médica: doença de Chagas, protozoários. Nesse tempo, tinha cursos separados: era um curso para engenheiros, curso para médicos, para enfermeiras, para farmacêuticos. O Jorge era engenheiro mas tinha aula de parasitologia. Ele ia aprender a saber classificar mosquito. (*ri*) Até hoje: “Eu aprendi a classificar mosquito com você”. A gente dava um curso de parasitologia. O Blois veio botar um quadro de professores da Escola em tempo integral. Tinha esse negócio do currículo e dos títulos mas os outros, como o professor Ruy Gomes de Moraes, já eram catedráticos. Como o Blois fez questão do tempo integral...

NA- Ninguém abandonou...

LF- Ninguém ia abandonar e caía na minha mão.

WH- Quer dizer que você começou a montar o departamento praticamente do zero?

LF- Do zero.

WH- Você estava entrando numa coisa nova.

LF- Do zero. É, duas vezes na minha vida eu montei do zero: uma foi lá no Hospital São Francisco, em plena zona do baixo meretrício - atrás tinha o Pavilhão Carlos Chagas. O professor Rodrigues tinha feito concurso há pouco tempo. Aquilo estava vazio. Eu disse: “Ah, vou montar aquilo” Tanto que (*tosse*) eu fiz um discurso uma vez que deu uma confusão, aliás deu duas confusões... Eu às vezes me meto em confusão, mas é negócio de menino. Quando foi a formatura dos internos do Pavilhão Carlos Chagas, eu fiz um discurso. Falei que nós chegamos aqui e havia salas vazias e nada mais, etc, etc, etc. Porque tinha eu e o Argentó, que éramos os monitores oficiais e havia outros, porque tinha plantão, eram uns sete. O Sérgio era também disso, mas não era oficial, era menos oficial. Aí o antigo catedrático - professor Moreira da Fonseca, uma figura ilustre mas que ia ali, atendia os doentes, eles iam embora - ficou danado da vida. Escreveu uma carta para mim dizendo que não tinha salas vazias e nada mais, que ele tinha deixado... Deu uma confusão danada! E eu quis comprar a briga. Aí, o professor Rodrigues disse: “Ah, deixa para lá!” E a outra briga desse discurso foi que eu, tecendo loas aos heróis, falei que o Gaspar Vianna... eu acho que essa história vocês conhecem?

WH e NA- Não.

LF- Eu disse: “Havia um Gaspar Vianna em Manguinhos que, embora tuberculoso, desde jovem trabalhava até tarde da noite”. Ele tinha uma tuberculose crônica. O dr. Edgar Cerqueira Falcão, que fez aquela sede em Brasília, a documenta e tal, era um sujeito ranheta. Ele era muito amigo do meu pai também. Tinha ligações. Ele era médico em Santos e fazia essas coisas...

NA- História da medicina, não é?

LF- História medicina. Ele era muito ranheta e cismava com uns troços. Ele fazia os livros e depois saía vendendo os livros! E não tinha dinheiro para pagar! (*risos*) Era audacioso, não é? Ficava atrás do professor Rodrigues para comprar 50 exemplares para ele poder pagar. Mas o Falcão gostava de mim, era muito mais velho do que eu, aí escreveu uma carta me espinhafrando: “Ô, menino, você disse que ele era tuberculoso! Mas ele não era, isso é uma mentira. Ele é um mártir da ciência!” Aí volta, Nara, essa história de mártir da ciência! Porque ele foi fazer uma autópsia de um doente de tuberculose e se contaminou. Ele morreu mártir da ciência. Isso também deu uma briga danada. Porque o professor Costa Lima me contou: “Eu conheci o Gaspar Vianna e era uma tuberculose crônica.” O Costa Lima é outro que eu conheci. Vinha aqui no laboratório dele. Ele era muito velho, já enxergava mal. Agora, se houve algum acidente de autópsia ou se não houve...

NA- Ele não soube.

LF- Ele disse: “Eu nunca soube!” Eu fui ouvir ele dizendo isso num necrológico que o Durk escreveu da Alemanha! Não sei! Hoje vem o Abílio Fraia, sabe quem é?

NA- Não.

LF- Abílio Fraia é meu amigo, o Gadelha conhece. O Abílio Fraia era um sujeito muito falante, do Evandro Chagas de Belém. Faz esse negócio: “Foi mártir da ciência!”. (*risos*) Ele quer comprar briga comigo porque eu disse... Mas hoje a gente está muito velho para dar atenção a isso, não tem importância nenhuma, o que importa é a obra dele, não é? Eu dava as aulas para a Escola de Saúde Pública e houve isso. Aí eu vim para cá.

NA- Acho que nós já estamos na sua hora mas deixa eu só encerrar com uma coisa: me chamou a atenção, nessas duas horas em que a gente está aqui com você, que você está falando da Faculdade de Medicina desse tempo em que você é estudante e que, enfim, a sua vida está girando em torno da faculdade, a pergunta é: Manguinhos nesse momento é um ponto, um pólo de atração de estudantes ou não é mais? Você não falou disso!

LF- Para mim era um pólo de atração porque eu queria a cadeira básica, tanto que eu vim estudar aqui, eu freqüentava aqui. Já começavam a escassear, a partir de um certo momento, os estudantes de medicina que vinham para a pesquisa básica. No meu tempo de aluno na Faculdade de Medicina, todos os professores de cadeiras básicas eram médicos! Não tinha isso que você tem hoje: o bioquímico ser professor de bioquímica; o biólogo... A confraria dos médicos segurava aquilo e ninguém entrava para ser professor na Escola de Medicina se não fosse médico! Fosse de anatomia ou fosse de parasitologia, fosse do que fosse! Então, nesse tempo, você vê da minha geração: aqui tem a Delir que é bióloga, o José Jurberg que, acho, é farmacêutico...

NA- Acho que eles fizeram história natural.

LF- História natural, pois é.

NA- Mas você falou que história natural não era um curso muito valorizado, se você fosse comparar com a medicina.

LF- É. Eu estou dando um depoimento também da minha família, que tem aquele negócio. Mas, em geral, medicina era mais valorizado do que...

NA- Sabe porquê, Luiz, eu estou te perguntando isso? Porque no início do século, quando apareceu Manguinhos, os estudantes da Faculdade de Medicina que tinham interesse em fazer pesquisa vinham fazer as suas tese aqui, não é? A gente tem relatos comprovados disso, não é? Você é estudante nos anos 50, isso já não é mais assim; Manguinhos não é mais essa referência para os estudantes da Faculdade de Medicina. Ou é?

LF- Não. Em geral não. Mas você repara que nessas histórias que dizem que Manguinhos era o centro de referência para as faculdades de medicina no início do século, você tem que limpar várias coisas. Primeiro: muita gente vinha para fazer uma tese, não era porque ia ficar na pesquisa.

NA- Não, vinha fazer tese.

LF- E muita gente vinha, olhava, mas ia fazer outra especialidade! Muita gente passava por aqui mas ia fazer clínica, ia ter consultório. Alguns eu identifico. Naquele trabalho, o dr. Aragão, por exemplo, fala numa porção de nomes: Miguel Couto. Miguel Couto tinha que ter! Miguel Couto era um grande clínico e clínico ele continuou e nunca deixou de ser. E tem uns outros nomes: Miguel Pereira, que era professor de clínica, Abreu Fialho, que era professor de oftalmologia! O velho Abreu Fialho! O filho também foi! Não são todos aqueles nomes que ficam fazendo pesquisa, não é?

NA- Pois é, o argumento que se usa ou, enfim, a literatura que trata disso diz o seguinte: é porque Manguinhos, na verdade, tinha uma coisa que a Faculdade de Medicina não tinha naquele momento, e que eram os laboratórios montados para fazer pesquisas! Até para fazer as teses.

LF- É...

WH- Bibliografia também, a biblioteca...

NA- Quer dizer, a gente pode concluir que nos anos 50 a Faculdade de Medicina está aparelhada para isso? Para uma pessoa como você, por exemplo, poder fazer pesquisa lá sem precisar percorrer esse caminho?

LF - Esse corte que você faz não é tão claro, tão limpo assim . Por quê? Primeiro: vinha muita gente fazer a tese aqui e era importante. Dr. Marques faz uma tese sobre histologia do sistema nervoso...

NA- Mas você por exemplo, não veio fazer tese nenhuma aqui.

LF- Não. Eu fiz lá onde eu trabalhava, claro.

NA- Pois é! Pois é!

LF- Agora, primeiro: muita gente dessas listas de nomes vinha ver como é que era, mas não era todo mundo vinha fazer pesquisa! A Faculdade de Medicina sempre atraiu muito os sujeitos que iam para prática médica, não é?

NA- Mas então quem eram os estudantes que freqüentavam Manguinhos nos anos 50?

LF- Manguinhos nos anos 50?

NA- Você conhecia algum? Você tinha conhecidos seus, amigos ou colegas, estudantes como você que freqüentavam Manguinhos nos anos 50?

LF- Você pega esse retrato do curso de entomologia aqui em Manguinhos, não tem nenhum da Escola de Medicina!

NA- Quem são? Pois é!

LF- Não tem. Só tem eu!

NA- Você está...

LF- Eu estou confirmando você. Estou confirmando. Estou pensando alto e estou confirmando. A Delir é da história natural; o Paulo Borray e essa moça eram de história natural; o José Jurberg acho que era farmacêutico; esse cara era veterinário; o Sebastião era veterinário; Herman era médico, mas era de uma outra geração...

NA- Já era de outra geração então.

LF- Aqui nesse retrato essa moça era de história natural; esse cara era médico; esse era médico; o Zigman médico; eu era médico; Lobato; esse rapaz era veterinário; esse era farmacêutico. Mas isso também não é Instituto Oswaldo Cruz. Não tem a menor dúvida de que diminui o afluxo porque os outros centros começam a se formar. Agora, nesse congresso de pós-graduação, o Paulo Buss veio com aquela história: “A Escola é nacional!” Eu falei: “Olha aqui Paulo, o próprio fato dos Estados terem se desenvolvido faz com que a Escola tenha que encontrar outro caminho!” Porque na época que eu vim para cá, vinha aluno do Brasil inteiro! Primeiro, a Escola de Medicina não tinha esses cursos de medicina preventiva, medicina social. Não existia isso. Tinha uma cadeira de higiene (*tosse*) que ensinava um pouco de epidemiologia. Agora esse negócio de planejamento, administração, ciências sociais em saúde não existia! Ciências sociais em saúde não existia! Isso foi existir aqui! Segundo: você não tinha pelos Estados. Então, na minha faculdade vinha gente do Brasil inteiro fazer a graduação. Tinha Faculdade de Medicina no Pará, em Recife, Manaus não tinha...

WH- Bahia.

LF- Bahia e São Paulo tinham...

WH- São Paulo, Minas...

LF- Minas tinha. Tinha poucas, não é? E Rio Grande do Sul tinha. A de Porto Alegre é muito antiga que já aquele do Érico Veríssimo, o Rodrigo, vai estudar medicina em Porto Alegre. Essa é antiga. Mas enfim, eram poucas. Agora você têm faculdades em todos os estados; têm várias faculdades de medicina! Então a coisa começa...

WH- Mas aí também tem um outro fenômeno, não é? Porque muitos estudantes que buscavam uma profissionalização na pesquisa básica, não tinham somente a medicina como curso obrigatório. Quer dizer, vão se criando também cursos alternativos.

LF- É.

WH- História natural, farmácia, bioquímica.....

LF- Tinha farmácia, veterinária...

NA- Veterinária da Rural.

LF- É.

NA- É. Você entendeu a pergunta, Luiz?

LF- Sei... Você tem razão. Porque começam a aparecer outros centros. Você tem razão. E nesse começo de século, é só aqui! Porque as cadeiras básicas abrem para fazer uma demonstração prática e depois fecham. Eu ainda tinha cursos, no meu tempo de faculdade, que eram assim. Abriam naquela hora, três vezes por semana, o catedrático dava uma aula teórica, o assistente fazia uma demonstração prática, depois fechavam, todo mundo ia embora. Está certo. Os sujeitos procuravam aqui que era o único lugar que tinha.

NA- Você tem idéia de quando apareceram esses cursos de história natural? Nos anos 30, 40, não é?

LF- Isso é com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em São Paulo e Rio.

NA- Isso mesmo, foi aí que apareceu.

LF- E que em São Paulo é...

NA- É, porque a biologia está dentro disso, não é?

LF- É, porque chamavam de História Natural, porque além da biologia, botânica, zoologia, tinha geologia, mineralogia, que depois foram se separando. Hoje, Geologia é um curso de cinco anos. Naquele tempo, era o começo desses cursos que preparam professores para o curso secundário. Quando eu era menino, no curso secundário, meu professor de biologia era médico, o meu professor de matemática era engenheiro, o meu professor de história era advogado.

NA- Quem dava física?

LF- Excepcionalmente eu tive um professor de física que era físico.

NA- Formado mesmo?

LF- Formado em física, é.

NA- Eram os engenheiros que davam aula!

LF- Eram os engenheiros que davam física, matemática, química, essas coisas; era assim. Saíram, inclusive, os primeiros pesquisadores da área! Também você vai ver: quem eram os primeiros a fazer pesquisa mesmo em biologia? São os médicos aqui em Manguinhos! Eles

não fazem só doença, tem trabalhos do próprio Olímpio sobre microplankton da Baía de Guanabara. O que é o Travassos? Um zoólogo! O trabalho de helmintologia e essa coisa toda. Então é assim. E a minha ligação com o Instituto propriamente é essa que eu dei e um título do qual eu tenho muito orgulho: ter sido (*batendo na mesa*) chefe do Departamento de Helmintologia do IOC.

NA- Ah, foi?!

LF- É. Fui chefe. Tenho orgulho. Sempre disse isso: fui presidente da Fundação, fui diretor, mas um dos títulos que eu mais me orgulho é ter sido chefe do Departamento de Helmintologia do IOC.

NA- Do grande Lauro Travassos.

LF- Da Escola do Lauro Travassos.

NA- A gente fala disso...

WH- ...na próxima seção.

Data: 09/12/1999

Fita 3 – Lado B

WH- Luiz Fernando, nós tínhamos fechado, na entrevista passada, um pouco da sua trajetória até a chegada aqui na ENSP, na Escola Nacional de Saúde Pública, convidado pelo...

LF- Edmar Terra Blois

WH- Isso, Edmar Terra Blois...

LF- Em 1966.

WH- Em 1966, para montar, praticamente, o Departamento de Ciências Biológicas. Eu queria que você nos contasse como foi esse contato com o Terra Blois? Como foi a tua vinda e como é que você começou a montar mesmo esse departamento?

LF- Bom, eu já disse a vocês que a minha vinda para cá foi para ser professor de parasitologia. Eu nunca fui propriamente um sanitarista, eu nunca tive envolvimento com sanitarismo. Eu me preparei para ser um professor de parasitologia. E eu me preparava para um concurso na Faculdade de Ciências Médicas, num concurso que levou vinte anos para sair e que quando saiu eu não estava mais interessado. Então, eu vim para cá porque eu era parasitologista, eu dava aula de parasitologia naquele modelo onde pagavam por aula e dava as aulas lá no Hospital São Francisco, onde eu tinha o meu laboratório. Tem ali a fotografia do laboratório.

NA- Ah, é aquele lá!

LF- Eu tenho tudo em fotografia. Aqui está o laboratório que eu tinha no Hospital São Francisco, na cadeira de Medicina Tropical. Então eu dava aula de parasitologia e o Blois gostou e etc... Bom, houve essa apresentação de currículos que eu disse a vocês, mas que me favorecia porque era dedicação exclusiva e tempo integral. Isso foi o motivo de enorme orgulho, porque aos 29 anos eu fui professor titular e chefe do serviço, chefe do departamento. *(tosse)* As coisas foram muito agradáveis nesse tempo. Porque o Blois, que estava fazendo isso: primeiro, era um sujeito inteiramente louco e alucinado, e segundo, tinha muito respaldo político, porque ele era amigo... Primeiro, foi o Raimundo de Britto que gostava, que ele tinha uma boa...

WH- O ministro da Saúde Raimundo de Britto, não é?

LF- Ele quem começou; ele também favoreceu muito. Mas depois veio o ministro Leonel Miranda que era amigo do Blois; era grande amigo assim feito eu com o Argento, o Coura, o

Adauto. Mas tinha intimidade e o Blois conseguia tudo que queria. Eu acho que uma das coisas importantes na direção da Fundação de uma maneira em geral, é de que é preciso ter relações com o ministro. Não adianta fazer eleição, eleger um sujeito ótimo, formidável, se o sujeito não tem acesso ao escalão de cima a coisa não anda. E o Blois tinha. O Blois pegava o telefone – eu vi, ninguém me contou – e dizia uma série de desaforos ao Miranda. Desaforos assim carinhosos: “Ô Miranda, eu gastei o dinheiro da verba disso naquilo e tal. E se você quiser e tem coragem me manda para cadeia!” Mas assim entre amigos.

WH- O Terra Blois é médico?

LF- É médico.

WH- Sanitarista especializado?

LF- Ele tinha um laboratório, era de saúde pública. Mas nessa época ainda tinha em saúde pública muita coisa de laboratório que depois foi acabando e veio um predomínio das ciências sociais, que começou aqui e era importante. Porque quando eu vim para cá, dava um curso de parasitologia.

WH- A criação da ENSP é de quando?

LF- Aí tem que ver a data. Eu vou dar um número, é 1950. Nessa fase, não tinha um quadro de professores definitivo; tinha apenas os professores contratados e uma direção, uma sede ali onde é hoje o Fernandes Figueira.

NA- Você falou isso na nossa outra entrevista.

LF- É. Aí teve um diretor que foi o Lincoln Freitas Filho e outro diretor que foi Achilles Scorzelli, um sujeito notável. Foi meu professor na Escola de Medicina. Depois veio o Blois, que resolveu então implantar um quadro de professores, fazer a Escola mesmo.

NA- Mas ainda era aqui.

LF- Aqui!

NA- Pois é, depois é que houve essa transferência de lá para cá, não foi? Foi nesse período que ele te chamou. Mas você sabe por que ele resolveu te trazer para dar esse curso?

LF- É porque tinha...

NA- Você tinha um *campus*. Na verdade, aqui só existia o Instituto Oswaldo Cruz. Como se deu essa passagem para da Escola para cá?

LF- Deu-se essa passagem porque isso aqui era um esqueleto que tinha sido planejado para ser um hospital. Ele aproveitou o esqueleto e reformou e fez...

NA- Do Ministério.

LF- Não! Era separado do Instituto Oswaldo Cruz nesse tempo. A história da junção é depois, quando vem a Fundação. Eu conto essa história, não sei se vocês sabem.

NA- Quero que você conte.

LF- Aí, se instalou aqui. Bom, isso aqui era nababesco! (*tosse*) A primeira coisa que me espantou é que quando eu vim para cá, o Blois disse: “Você vem?”, “Venho.” Eu larguei a universidade, onde eu era efetivo. Hoje não se valoriza isso, mas naquele tempo tinha muito esse negócio de funcionário efetivo, etc, etc...

WH- Claro, claro.

LF- ...e eu larguei para vir, para ser CLT. “Ah, que loucura, você vai largar!”, “Não, eu vou.” Porque eu queria ter o meu serviço. Eu não queria acabar a minha vida assistente, por mais admiração que eu tivesse pelo meu mestre. Eu queria ser o titular! Isso era um valor de época, se alguém disser a vocês que não, pode dizer que é mentira, que está fazendo charme. Eu queria, o Coura queria, todos nós queríamos! E foi isso que me fascinou. Mas aí o Blois ligou para mim e disse assim: “Quanto é que você quer ganhar?” Puxa, nunca ninguém tinha me perguntado. Aí eu disse: “Bom, eu não sei”. Fiquei assim, ele disse: “Quanto é que você ganha na universidade?” Eu: “Eu ganho X”, “Três vezes mais está bom?”, “Ah, está bom.” E assim foi a coisa. Nós tínhamos um carro para o chefe de departamento. O Chefe de departamento tinha um automóvel que o apanhava em casa e trazia. O oitavo e nono andares eram alojamentos, porque nessa época vinham alunos do Brasil inteiro. Então, tinha um andar para as moças e um andar para os rapazes. Tinha restaurante, tinha garçom de capote branco e calça preta, bandejas de prata. Um negócio assim!

NA- Agora, o dinheiro para isso vinha do Ministério.

LF- É, do ministério. O Ministério arranjava o dinheiro. Ele não tinha preço disso.

WH- Agora, nessa época, a ENSP oferecia cursos de formação em quê?

LF- Em saúde pública, Curso de Saúde Pública. Tinha concurso para médico, para...

NA- Era especialização ‘*lato sensu*’?

LF- É. Só tinha isso.

NA- Residência?

LF- Não! O que tinha era o Curso de Saúde Pública para médicos, farmacêuticos...

NA- Quanto tempo? Dois anos?

LF- Um ano só.

NA- E quais eram os departamentos?

LF- Os departamentos eram: Ciências Biológicas, Ciências Sociais – que até onde eu identifico era pioneiro na área. Por isso que uma vez - eu gosto de fazer gozação - tinha um sujeito dizendo: “Não, o Departamento de Ciências Sociais foi uma conquista da esquerda!” Aí eu disse: “Não foi coisa nenhuma! Foi autoritariamente definido por um déspota esclarecido!” Que era o Blois! E montou um Departamento de Ciências Sociais que era paparicado! Esse Departamento de Ciências sociais era tratado a pão-de-ló.

NA- Quem chefiava?

LF- Quem chefiava primeiro era o Sérgio Lemos, morreu há pouco tempo, chegou a sair uma notícia no jornal. Era poeta também.

NA- Sociólogo?

LF- Um sociólogo da PUC. Depois, ele não ficou muito tempo, ai foi a Cássia que era dessa área.

WH- Como é o nome dela?

LF- Acássia Rocha Miranda. O Arlindo costuma brincar, dizendo que aqui era tão progressista além de criar o Departamento de Ciências Sociais, era chefiado por uma mulher e secretariado por um homem. (*risos*) O Abel era secretário assim que nem a Natalina. Então, esse foi o Departamento de Ciências Sociais. E era tão paparicado, porque era um grupo jovem. Então o Blois, um dia, pegou uns três automóveis, daquela Rural Willys que ele tinha na época, disse: “Vocês têm que conhecer o Brasil.” E eles saíram viajando pelo rio São Francisco para conhecer o Brasil. Foi ótimo! Foram até Recife onde houve uma série de seminários no Instituto Joaquim Nabuco. Isso especificamente para que os jovens do Departamento de Ciências Sociais tivessem uma boa formação, etc, etc. Tinha o Departamento de Ciências Biológicas, que eu era o chefe; tinha esse Departamento de Ciências Sociais que era o Sérgio Lemos, depois a Cássia; tinha o Departamento de Administração de Saúde, que era o Bichat de Almeida Rodrigues; tinha o Departamento de Planejamento, que era o Oswaldo Costa – não sei se vocês conheceram

NA- Foi presidente depois, não foi?

LF- Oswaldo Costa foi presidente da Fundação. E tinha o Departamento de Saneamento, que era o Cynamon que está aí até hoje. E o Departamento de Ensino, que era o Sávio Antunes, outra figura notável.

WH- Epidemiologia estava junto com Saneamento?

LF- Ah! E tinha Epidemiologia! Não, tinha mais! Tinha epidemiologia que era o Nelson Moraes.

WH- Que depois foi ser presidente da SBH.

LF- É, Presidente da Sociedade de Higiene; foi presidente do SESP também; e foi professor na UERJ. Dava-se esse curso e aí eu fui montar os laboratórios.

NA- Pois é, como é que era?

LF- Eu era parasitologista e o departamento tinha que dar curso de parasitologia e microbiologia. Aí encontrei o Herman Shatzmayr, que tinha ido para Alemanha estudar e estava no IOC nas piores condições de trabalho e sem laboratório, sem nada! Eu trouxe o Herman para cá: “Herman, você quer cuidar da microbiologia?”, “Quero”. Todo esse Departamento de Microbiologia, começou aqui, com o Herman. (*tosse*) Sempre nos demos muito bem. Eu era professor de parasitologia, o Herman era professor de microbiologia e eu chefiava o departamento.

NA- Mas você não conheceu o Herman antes.

LF- Não, conheci nessa época.

NA- Mas você não tinha contato com o IOC?

LF- Não, eu tinha contato pois eu tinha feito curso de entomologia no IOC antes de vir para cá.

NA- Sim, mas esse contato com o Herman foi nesse período que você veio para cá?

LF- Sim, porque o Herman estava na Alemanha. Nessa época ele vem para cá.

NA- Internamente não tinha comunicação no *campus*.

LF- Não, eram duas coisas separadas! Tinha um muro, não tinha passagem. E aí nós começamos a montar os laboratórios e dar os cursos. E tínhamos bastante facilidade de compra.

NA- Vocês tinham financiamento para comprar?

LF- Não! O Blois dava tudo! Ele tinha recursos: “De que você precisa?”, “Preciso disso, disso, e disso.” Aí falava com ele, ele gritava assim: “Ô Fulano – esqueci o nome do administrador – vem cá! Compra isso, isso e isso para o Dr. Luiz Fernando”. Não tinha negócio de lista, essa burocracia de hoje. Dá a lista, encaminha, passa por um Conselho. “Agora compra isso. Eu quero isso amanhã aqui!”, assim a gente aparelhou os laboratórios. Eu me lembro que ainda tem por aí, em algum lugar, um microscópio para aluno que servia para trabalho de campo e servia para aula. Tinha 20 microscópios. Cada um tinha um

microscópio, tinha tudo! E montamos um laboratório de pesquisa, de parasitologia, de parasitologia, não é? (*Tosse*) Eu vou contar uma história para você ter uma idéia do que era o Blois e do que era essa época. Tinha um sujeito que era um grande virologista, um virologista famoso. Ele era da Organização Mundial da Saúde. Aí quis vir para cá; fez um contato com o Herman, e veio para cá. Eu tinha conversado com ele, disse: “Bom, o sr. vem para cá para nos ajudar”, “Está bem!” Ele ficou aí. Um dia o Herman chegou para mim e disse: “Olha, esse cara está atrapalhando ao invés de ajudar! Ele está montando tudo para trabalhar para ele! Vamos acabar com essa história?”, “Vamos acabar com essa história.” Aí eu falei com o Blois; o Blois chamou esse cara: “Olha, é para ajudar os meninos, não é para atrapalhar!” O sujeito disse qualquer coisa e continuou mais um pouco. Aí o Herman disse: “Não quero mais ele.” Aí o Blois chamou e disse: “O sr. vai embora! Vai embora! Não quero mais!” (*risos*) Não tinha desses pudores de hoje.

NA- Ele enxotou o cara!

LF- Mas enxotou aos gritos! Porque o cara respondeu a ele e ele disse: “Ponha-se daqui para fora! Ponha-se daqui para fora!” Era assim a coisa. Era uma loucura, não é? As meninas que escolhia para secretárias, o Blois tinha que olhar para ver se eram elegante, se tinham pernas bonitas...

NA- Ele passava uma revista na tropa.

LF- . Mas era assim. Não tinha esse negócio de ser muito competente não. Tinha que ser bonita, charmosa e...

NA- Tinha que ser bonita. (*risos*)

LF- Assim que escolhia as secretárias. O Blois tem uma trajetória longa – eu não vou contar tudo – mas que termina no dia... Todo ano havia abertura dos cursos da Escola de Saúde Pública. É uma cerimônia pomposa, com todo mundo. Muitas vezes vinha ministro, secretário de saúde, vinham pessoas da área e tinha uma cerimônia de abertura dos cursos. Nesse ano, veio todo mundo, não tinha ministro, mas tinha secretário de Estado, tinha uma porção de coisa. E o Blois nunca que chegava. Uma hora de atraso, ele pára um Karman Guia – vocês se lembram do que era um Karman Guia?

NA- Claro!

LF- Um carro aberto.

NA- Maravilhoso. Eu era jovem, adorava aquele carro.

LF- Maravilhoso. Ele estava de camisa. Todo mundo naquele tempo de paletó e gravata...

NA- Todo mundo de terno!

LF- De terno, esperando. Ele de camisa, com a camisa aberta, de sapato sem meia...

NA- Playboy!

LF- Playboy! Pula por cima do carro! Não abre a porta. (*risos*) E puxa do outro lado uma garota linda! Com um decote cá no umbigo e uma mini-saia aqui em cima. (*risos*) Pega a garota pelo braço, passa pelo meio de todo mundo – Eu vi isso! Eu não estou contando história de lenda, porque às vezes eu conto também. Essa eu vi. Eu vi! Eu assisti! – Vai, senta na mesa, bota a garota do lado e abre os cursos, não chama ninguém para mesa. (*risos*) Bom, depois disso, durou um pouco mais de um mês, ele caiu. Porque ele fazia essas coisas, não é? Ele aprontava. Mas vá lá!

NA- Mas quem era o ministro?

LF- Eu acho que era o Leonel Miranda.

NA- Ele ficou aqui até quando?

LF- Uns três anos, uma coisa assim.

NA- De 1966 a 1970, não é?

LF- 1970. É. Mais ou menos. Algumas datas eu não tenho assim de memória.

NA- Como é o nome do ministro que era daqui?

LF- Rocha Lagoa! Não, isso é antes do Rocha Lagoa!

WH- É, o Rocha Lagoa entrou em 1970 no Ministério, da Saúde.

LF- O Rocha Lagoa foi o primeiro diretor aqui do Instituto.

WH- O Rocha Lagoa foi diretor do IOC de 1964 a 1969.

LF- É.

WH- Em 1970, ele era ministro da Saúde.

LF- É, então é isso. O Blois deve ter caído em 69. Essa história que eu estou contando é mais ou menos...

WH- Quando o Leonel Miranda saiu, não é?

LF- É, é.

NA- Deixa eu fazer uma pergunta com relação à Escola. Na verdade, Luiz, essa idéia de ‘nacional’, de Escola Nacional, aparece com a montagem da Escola aqui nesse lugar?

LF- Não, já existia com esse nome Escola...

NA- Já existia a idéia de Nacional. Era a única no país?

LF- Não! Tinha a Escola de São Paulo.

NA- Na Faculdade de Saúde Pública.

LF- Faculdade de Saúde Pública da USP

NA- E aqui no Rio de Janeiro?

LF- E aqui no Rio de Janeiro já tinha essa.

NA- É, as pessoas iam estudar em São Paulo ou então aqui na Escola.

LF- É, curso de Saúde Pública só tinha esse aqui.

WH- Eu queria te perguntar, Luiz Fernando, mais especificamente sobre o Departamento de Ciências Biológicas, quando você montou esse departamento, o que é que você pretendeu criar? Quer dizer, você disse que tinha a parte de pesquisa e tinha a parte dos cursos, não é? Que orientação você deu para esse departamento quando você assumiu isso?

LF- A orientação era a mesma da universidade. Quer dizer, tinha o compromisso dos cursos e em relação à pesquisa, sempre e até hoje, eu repito o que dizia o velho que fez Ribeirão Preto, fez Campinas. Como é?

NA- Zeferino Vaz!

LF- Zeferino Vaz! Zeferino Vaz dizia: “Para organizar um bom núcleo de pesquisa você escolhe um pesquisador competente e não atrapalha.” Eu escolhi quem eu quis para trazer para cá! Não tinha negócio de concurso, não tinha nada disso! Então veio: Herman Shatzmayr. Eu trouxe pessoal de Tóquio! Herman Shatzmayr, Ernesto Hofer, que era da...

NA- Bacteriologia.

LF- Da bacteriologia. O Akira que era garoto nesse tempo, era da...

NA- Microbiologia.

LF- ...de microbiologia. Estava iniciando. Trouxe o Sérgio Coutinho, foi diretor do IOC, meu colega de turma e uns que eram estudantes: Carlos Maurício, que está aí comigo até hoje, é um doutor, é importante.

NA- Sei. Mas os formados eram esses.

LF- Os formados, os mais velhos, éramos eu, Herman e o Sérgio. Era meu colega, é. Era mais próximo.

NA- O Hofer estava na bacteriologia?

LF- O Hofer também.

NA- Já estava no IOC?

LF- Estava no IOC e lá continuou. Ele veio para cá, deu uma colaboração e voltou. O Herman não, o Herman se desligou, ficou aqui. Porque depois transferiram quase todo o Departamento de Ciências Biológicas da Escola para o IOC, quando fizeram a Fundação, não é? E eu quase fui para lá.

NA- Agora, esse pessoal começou a trabalhar com o quê? Que laboratórios você montou? Cada laboratório é um, era isso?

LF- Cada laboratório era um.

NA- Mas que tipo investigação...

LF- O Sérgio trabalhava com toxicoplasmose, principalmente, que era um negócio importante na época; estava começando. Eu trabalhava com esquistossomose, helmintoses e essas coisas com as quais sempre eu trabalhei. Depois acabei trabalhando um pouco com Chagas também e outras parasitoses. O Herman tinha o laboratório de virologia que montou aqui, o de varíola fazia controle de varíola naquela fase final da erradicação da varíola, quando aparece aquela suspeita... Era ele que fazia os laboratórios de pesquisa em pólio, enterovírus e essas coisas. Cada um tocava a sua linha de pesquisa

NA- Eles ou você tinham trabalho de campo, nessa época ?

LF- Tinham trabalho de campo. Eu tive trabalho de campo, mas não exatamente naquela época, um pouco depois em Sumidouro. Foi o trabalho de esquistossomose que vai fazer – depois eu conto porquê – a passagem da parasitologia...

NA- Até então você trabalhava num hospital, não é? Você tinha um trabalho ligado à universidade que tinha a ver com o hospital. Da passagem de lá para cá, você acaba abandonando os doentes, “abandonando” entre aspas, não é?

LF- É.

NA- E cai na área de pesquisa mesmo, no curso. Não é isso?

LF- Mas é que lá, a coisa é mais misturada! Lá ...

NA- Lá na faculdade.

LF- ...tinha uma área de pesquisa, tanto que a gente trabalhava mais isolado e tinha os dois lados.

NA- Mas tinha os doentes também.

LF- Tinha os doentes, mas os doentes eram uma parte desse trabalho. Porque o laboratório lá, fazia os exames de rotina – eu contei porque eu acho importante – daí saiu aquela tese que eu mostrei a vocês. Tinha uma linha de pesquisa porque, afinal, depois a tese se desliga, a tese não, os exames, e entram numa lógica própria. Eu colaborava e participava em teses de outros companheiros que estavam estudando e tinha também tratamento, principalmente de esquistossomose. A questão da experimentação de novas drogas para esquistossomose. Naquele tempo, não tinha toda essa discussão ética que tem aí hoje na ordem do dia. Eu não quero entrar nisso porque senão a gente não acaba mais com essa história. Mas era uma das coisas que se fazia lá.

NA- Mas essas drogas eram desenvolvidas por quem?

LF- Não, eram drogas já prontas que a Organização Mundial de Saúde mandava pelos laboratórios.

NA- Privados.

LF- Não tinha um desenvolvimento químico do produto.

NA- No Brasil, não. Isso vinha de fora, dos laboratórios privados através da OMS.

LF- É. Da OMS vinham as drogas antes de serem lançadas no comércio, passavam...

NA- Claro. Tinha os testes clínicos, não é?

LF- Principalmente esquistossomose, porque o professor Rodrigues era a grande figura dessa linha de trabalho. Por isso, eu acompanhei o tratamento de esquistossomose desde drogas injetáveis - tinha que fazer eletrocardiograma, era uma das coisas que o Coura fazia, porque dava alteração de traçado - até agora as drogas em dose única para esquistossomose. Isso é sem dúvida um êxito.

NA- Nessa época, se pensava em vacina?

LF- Não, mas lá não trabalhávamos com vacina. Nós trabalhávamos com isso e com as linhas de pesquisa. Nós fizemos os primeiros trabalhos - não os primeiros, teve antes o Pellegrino, teve outros - em mostrar a doença de Chagas por transfusão de sangue. Esse foi um trabalho que eu fiz com outros e com a Maria Brasília Leme Lopes, que era a diretora do Instituto de Hematologia do Estado. Ela era irmã do padre Leme Lopes, do Tito Leme Lopes.

NA- Eu queria saber se você tinha trabalho de campo aqui.

LF- Ah, trabalho de campo, nesse momento inicial, não.

WH- Que pesquisa, propriamente, você estava desenvolvendo nessa época, Luiz Fernando?

LF- Nessa época, essa que eu te disse.

WH- Quer dizer, a mesma coisa que você desenvolvia lá no Hospital?

LF- A mesma coisa. O primeiro trabalho que nós publicamos aqui foi o estudo sobre os ovos de esquistossoma. Tinha um padrão morfológico que o professor Rodrigues tinha feito em biopsia retal. O primeiro trabalho que saiu foi sobre a morfologia desses ovos em função de tratamento e não para saber se o sujeito está curado ou não! Se os ovos que apareciam mostravam viabilidade da doença, quer dizer, se tinha verme vivo ainda ou não. Eu fiquei muito tempo ligado com meu mestre.

NA- Eu ia te perguntar isso. Na verdade, você não perdeu o contato?

LF- A ligação? Nunca! Nunca perdi. Sempre mantive a ligação lá e com o IOC também. Porque uma das coisas que eu sempre me preocupei é que, sendo parasitologista e estando aqui na Escola de Saúde Pública, eu não podia perder o meu contato com a parasitologia que era a minha especialidade! Isso eu sempre dizia, por exemplo, para o pessoal de estatística que veio para cá e o pessoal de ciências sociais. Esse é sociólogo, ótimo, está trabalhando aqui, mas a base, a metodologia, é de ciências sociais! Não pode ficar perdido aqui! Então eu tive sempre isso. Eu me mantive. Tanto que quando o Coura começou esses mestrados e doutorados dessa nova fase, eu era professor desse curso...

NA- Biologia parasitária

LF- Não! Muito antes! Medicina Tropical.

NA- Esse foi o primeiro curso que foi dado.

LF- Biologia parasitária é agora, na fase que ele vem para cá.

NA- Agora, quem é que trabalhava com esquistossomose quando você chegou lá no IOC?

LF- Ninguém. Mas isso eu disse a você. O IOC tem um Departamento de Helminologia, é Lauro Travassos. Mas eles faziam sistemática de vermes, só isso. Ninguém trabalhava com esquistossomose. Aqui? Nessa época? Não! Tem coisa para trás...

NA- Lobato?

LF- Mas o Lobato antes trabalhava com malária, com protozoologia. Depois é que ele volta com....

WH- Eu queria que você esmiuçasse mais essa questão, Luiz Fernando. Você falou num tema super importante, super interessante que é essa diferença entre a linha do Travassos que, como você diz, é sistemática, é classificação, e o que você fazia aqui, não é? Em linhas gerais, dentro da parasitologia, como é...

LF- Não, é diferente. Ela é diferente.

WH- Pois é, eu queria que você me explicasse melhor isso.

LF- Era diferente! Eram duas instituições separadas! Eu não trabalhava com eles. Quer dizer, eu sempre fui amigo da Delir, longuíssimos anos, mas ele tinha um enfoque na parasitologia que era..

WH- ... que era essa coisa da sistemática que você falou, não é?

LF- Ele fazia sistemática.

WH- Que você tinha uma outra forma de trabalhar dentro do mesmo campo da parasitologia...

LF- É.

WH- Queria que você me explicasse qual é essa diferença.

LF- É que o meu trabalho era mais aplicado, o meu trabalho era mais voltado para questões de parasitologia médica, digamos assim, enquanto que lá era zoologia ...

NA- Pura!

LF- Pura zoologia! Pura zoologia, é. Por isso que eu tinha dito a você que o Instituto Oswaldo Cruz, no início, dá respaldo ao trabalho básico, mas também dá resposta a questões sociais e doenças que estão acontecendo. Depois vai perdendo essa conexão. O Travassos contava que no começo, no tempo do Oswaldo Cruz, ele não ficava só fazendo sistemática em verme. Ele inoculava cavalo, fazia soro anti-pestoso e tinha um tempo para fazer aquele trabalho que ele fazia. Mas depois o Instituto vai se voltando para dentro de si mesmo e ganhando uma lógica própria. Isso não quer dizer que não tenha trabalhos importantes, mas perde inteiramente a conexão com a sociedade, com as doenças, com as coisas que estão ocorrendo. A helmintologia é inteiramente separada das questões de saúde pública.

NA- É. Por isso que eu te perguntei se você tinha algum trabalho de campo quando você vem para cá? Qual é a conexão do teu trabalho com as questões aplicadas? Como você está dizendo, você vinha disso, você trabalhava dentro de um hospital, não é?

LF- Esse trabalho da esquistossomose, de levantamento de verminose, foi publicado com o Hugo Tomasini. Ele era diretor da Unidade Sanitária. Então, a gente estava ligado.

NA- Já tinha, nesse momento, uma unidade sanitária?

LF- Já! Isso foi criado de início.

NA- Junto com o Blois.

LF- E ele valorizava muito a Unidade. Porque, nessa época, a idéia era de que a Unidade era o laboratório do sanitarista!

NA- Claro!

LF- Era o campo de prática do sanitarista. Hoje, a Unidade está meio dissociada; eu não vejo alunos de saúde pública irem lá e terem uma prática.

WH- Nessa época, eles já tinham essa prática?

LF- Nessa época tinha! Tinha aqui e tinha mais um outro posto em Jacarepaguá, para ter outro campo de prática.

WH- Com doentes e tudo?

LF- É! Uma unidade de saúde pública que atendia os doentes e tudo.

WH- Pois é, eu queria te perguntar justamente sobre essa relação com os alunos. No Departamento de Ciências Biológicas, você tinha um grupo que você constituiu, que desenvolvia pesquisas, cada um na sua área, como era a relação com os alunos? Porque tinha a parte dos cursos, propriamente ditos e tinha também os alunos dentro do laboratório, não é?

LF- Os alunos do Curso de Saúde Pública dentro do laboratório eram muito poucos. Eles vinham, tinham aula, tinham curso. A relação era muito boa! Eu fui homenageado várias vezes aqui pelos alunos!

WH- Mas eles se integravam na pesquisa?

LF- Não. Esses alunos vinham, faziam o Curso de Saúde Pública...

Fita 4 – Lado A

LF- É nesse ponto, é que eu digo a você, que houve um avanço significativo. As coisas melhoraram muito e para melhor! Se você analisar a pesquisa desde os anos 50, quando eu comecei, até hoje melhorou infinitamente! Melhorou, teve verbas, como não tinha antigamente. Hoje, todo mundo reclama mas é muito mais fácil que antes.

NA- É porque não foi estudante nos anos 50 como você foi.

LF- É muito mais fácil. Os estudantes, nesse tempo, deviam fazer um curso de saúde pública; a gente dava as nossas aulas. Eles tinham uma carga grande de doença parasitária e parasitologia e depois eles iam ter as outras aulas. A gente atraía alunos para cá, mas alunos de graduação, alunos de outros lugares. Quer dizer, eu tinha alunos, estudantes aqui, mas era estudante de faculdade!

WH- Daqui do Rio mesmo, das faculdades de Medicina, Ciências Biológicas?

LF- É, Farmácia, Biologia, Veterinária. A gente procurava atrair o sujeito que queria fazer parasitologia e abrir aqui um espaço para a parasitologia.

NA- Mas não no laboratório?

LF- No laboratório!

NA- Aí você selecionava?

LF- Escolhia, selecionava. Isso que eu respondi: era o aluno comum de saúde pública.

WH- Era o aluno comum. Ele não chegava a se integrar na pesquisa mesmo, porque ele estava com a carga horária...

LF- É, na pesquisa não, não. Isso é agora, isso é agora. Como é que a coisa anda? Num certo momento, a criação da Fundação Oswaldo Cruz... Essa história é a seguinte: o Rocha Lagoa queria trazer uma fundação para o Instituto Oswaldo Cruz, que estava com salários baixos, com pouca verba, etc, etc, etc. Aí mudou a legislação para poder fazer fundação. Porque houve uma época que foi um *boom* de fundações.

WH- Era a panacéia, não é?

LF- Era a panacéia. E o governo, o que fez? Para ser fundação precisava ter uma série de condições que o Instituto Oswaldo Cruz não tinha. Então, o Ministro Rocha Lagoa, o que fez? Ele pegou o Instituto Oswaldo Cruz e colocou dentro da Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública, que era aqui, que já existia. Depois mudou o nome, invés de Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública, chamou Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Ele pega o Instituto Oswaldo Cruz, coloca dentro da Fundação Ensino Especializado, que já existia.

NA- Que chamava-se FENSP.

LF- Que chamava-se FENSP, exatamente. E troca o nome para Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Então, fica numa coisa só, a Escola de Saúde Pública e o Instituto Oswaldo Cruz.

NA- E um monte de outras coisas...

LF- ...que vão entrando aos poucos.

NA- IPROMED. Instituto de Produção de Medicamentos...

LF- É, que era o Barragat que era essa coisa que vai ser hoje Far-Manguinhos.

WH- Far-Manguinhos e Bio-Manguinhos.

LF- É, mas isso vem aos poucos, Bio-Manguinhos vem depois, já vou chegar lá. Fica Fundação Oswaldo Cruz.

WH- O Fernandes Figueira vem também?

LF- O Fernandes Figueira vem. Vem uma porção de coisas, vai vindo aos poucos.

WH- Os centros regionais?

LF- É, também. Na realidade, é uma Fundação mas fica a Escola aqui, o Instituto lá, a coisa não se integra muito. Quem integra e faz a Fundação é o Vinícius da Fonseca! Sem dúvida nenhuma, ele é importante na criação da Fundação. Eu disse a vocês quando estavam entrevistando-o. Porque ele vem de fora, sem muito compromisso interno e com um prestígio muito grande com o Reis Veloso, que era o homem que mandava e que dava o dinheiro. Nesse momento, tem uma discussão grande: que o Instituto Oswaldo Cruz estava muito ruim, que era um cadáver...

NA- Insepulto?

LF- Insepulto e fedendo na Avenida Brasil.

NA- Essas palavras são do Ministro Paulo de Almeida Machado...

LF- Exatamente, exatamente. E aí vem um negócio de crescer a Fundação e tal. Aí, a comunidade científica indicou o Coura para ser o presidente. Começou o movimento, aí o Veloso bateu na mesa e disse: “Eu boto todo o dinheiro que precisar lá. Agora, eu quero ter um homem de confiança meu!” E botou Vinícius como presidente da Fundação.

NA- Mas por que é que o Veloso resolveu fazer isso? Qual é a sua opinião sobre isso?

LF- Era governo militar; e o governo militar era nacionalista, era o desenvolvimento científico e tecnológico. Dizem que a ditadura queria matar a cultura, a pesquisa e tal, não é verdade! Nunca se teve tanto dinheiro para pesquisa como no governo militar! (*batendo na mesa*) Você pega as verbas do CNPq, você vai ver isso lá! E eles tinham, porque vem daquela coisa toda de nacionalismo, desenvolvimento. Quem fez o CNPq? O Almirante Álvaro Alberto, Almirante. E fez para quê? (*batendo na mesa*) Para desenvolvimento, autonomia, negócio de

energia nuclear. Então era uma convergência dos militares com a ciência, sem dúvida nenhuma.

NA- Qual foi a reação? Você dizia que antes do Vinícius queriam colocar o Coura como presidente.

LF- É, mas foi de leve. Eu sei porque houve um momento em que o Coura me chamou. Nós fizemos todo um plano - ele pode até te contar isso diferente ou pode te contar em mais detalhes.

WH- Ele estava na faculdade.

LF- É, ele estava na faculdade, o velho Rodrigues tinha morrido e ele era o professor de Medicina Tropical.

WH- Ah! Ele assumiu o lugar dele.

LF- É, do velho. Eu sei que numa época, eu, o Coura e o Herman Schatzmayr fizemos todo um plano para a Fundação, o que é que devia ser e coisa. Isso ele conta a você com mais detalhes. Eu participei ajudando a ele. Mas aí veio o Vinícius com verbas (*batendo na mesa*), com recursos, e integrando, criando realmente uma Fundação. Daí por diante passa a ser uma Fundação de fato. Porque quando foi feita, no tempo do primeiro presidente, o Oswaldinho Cruz...

WH- Oswaldo Cruz Filho, não é?

LF- Filho, é.

NA- Depois do Rocha Lagoa foi o Oswaldo Cruz Filho.

LF- Não, como presidente da Fundação (*batendo na mesa*).

WH- Da Fundação, o Rocha Lagoa não foi!

LF- O Rocha Lagoa não foi. Vai ser ministro...

NA- É isso aí.

LF- Depois foi Oswaldo Costa (*batendo na mesa*). Nessa época é que veio o Vinícius. O Vinícius é importantíssimo nessa história.

NA- Agora qual foi a reação a essa entrada do Vinícius aqui dentro da Escola?

LF- Foi uma confusão danada, você pode imaginar! E não só na Escola, no IOC também.

NA- Quem era o diretor da Escola?

LF- O Oswaldo Costa.

NA- Diretor da Escola. O que é que aconteceu?

LF- Aconteceu que o Vinícius (*batendo na mesa*) veio com todo o furor e: “Vamos mexer!” E mexendo numa porção de coisas e houve reação, evidentemente. Na Escola, no IOC, na comunidade, a confraria toda...

NA- Se manifestou.

LF- Se sentiu... Como é?

WH- Atingida.

LF- É, atingida. E ele veio disposto. Aí, o que é que aconteceu?

NA- Quem era o diretor do IOC?

WH- Genard Nóbrega.

LF- Genard Nóbrega, grande figura também cardiologista. Aí aconteceu simplesmente o seguinte: o Oswaldo Costa teve um acidente vascular-cerebral e teve que se afastar. Aí foi substituído pelo Joir Fontes, uma grande figura! Um sujeito desses assim que não exhibe. Você não sabe, precisava privar da intimidade dele para ver que enorme sujeito ele era! Aí foi o Joir, o Joir teve um enfarte...

NA- Nossa! Um atrás do outro?

LF- É. Aí, fui eu ser o diretor, não é?

WH- Da Escola?

LF- Da Escola.

WH- Na época do Vinícius?

LF- Vinícius é. Aí o Vinícius me chamou lá e disse: “Olha, o Joir está doente, o Oswaldo está doente. Eu analisei as lideranças lá na Escola de Saúde Pública, você vê: o Arouca é muito à esquerda, eu não posso botar o Arouca, não dá; o Arlindo não é médico – Ele também meteu na cabeça que tinha que ser médico, já não tinha mais nada, mas ele achava – o Arlindo não é médico, então tem que ser você!” Aí vim, me juntei com o Arouca, com o Arlindo, tinha o Euclides nessa época, o Eduardo Costa. Eu fiquei de diretor e foi inferno! (*ri*) Foi complicado! (*risos*) Sim, porque eu fiquei por um dia, por uma semana e acabei ficando um ano, não é? Eu nunca disputei... A minha ambição profissional era ser professor titular e ter a minha linha de trabalho.

NA- Carreira universitária.

LF- Carreira acadêmica. Eu nunca disputei ser diretor e acabei diretor. Nunca disputei ser presidente da Fundação e acabei presidente da Fundação; pela razão que eu era o único dos vices de Arouca - era Morel, Arlindo, Akira não era vice mas enfim - que não disputou e acabou sendo eu; e acabei ficando três ou quatro meses como presidente da Fundação. Sempre numa hora complicada, nas horas mais complicadas!

NA- Hora de crise.

LF- Crise, é.

NA- Como é que foi a sua relação com o Vinícius?

LF- Foi boa, é, foi boa. Era difícil, ele também vinha com uma série de coisas, ele não era da confraria, falava uma língua diferente.

NA- Que língua?

LF- Ele era um economista. É um negócio, Nara...

WH- Planejador, não é?

LF- Planejador. Hoje eu entendo que foi ótimo. Mas, na época, não foi tão fácil assim. E, além de tudo, ainda tinha que dar conta aqui dos meus amigos. Porque um dos problemas que eu tinha...Hoje eu acho que foi ótimo para a Fundação, etc. Mas ele também jogava, não é? Aí já começou a ter movimento na Escola, porque aí a ditadura também já começou ...

WH- Era Geisel.

LF- É, Geisel. Exatamente.

NA- A distensão que chamavam.

LF- Já começou o negócio do Geisel, da distensão. Então, nós fizemos aqui - isso foi depois o Guilaro já era o presidente - (*batendo na mesa*) a homenagem aos cassados, aqui, nesse anfiteatro da Escola.

NA- Isso foi depois, foi Guilaro. Isso era Figueiredo?

LF- Isso era Figueiredo. Aí o Vinícius falava assim para mim -ele tinha um envelope: (*batendo na mesa*) “Está vendo aqui? É uma denúncia contra Euclides. O SNI está no pé de Euclides”.

NA- Euclides de quê?

LF- Euclides Ayres de Castilho, que hoje é professor na USP, fez concurso... Vinícius falava: “Agora, eu seguro. Você sabe que eu tenho prestígio, eu seguro. Agora, eu preciso que você segure lá!” Evidentemente, eu não podia ter a menor idéia se ele estava blefando, se era verdade, se tinha denúncia, ou se era um truque para evitar muito tumulto aqui e tal.

NA- Sabe o que ele nos mostrou? Só abrindo um parênteses – isso aí não precisa nem ser... *(pausa na gravação)* Ele não te mostrava?

LF- Ele não me mostrava! Mas, hoje, vendo depois houve reação no IOC também. Isso ele conta a você. Você vai ver. A relação é tensa, a relação é difícil! É alguém que vem de fora, que não conhece a área e que não...

WH- Não segue a tradição...

LF- Não segue a tradição e então cria uma coisa, que foi boa, mas foi...

WH- Nessa época, que você é diretor da ENSP, o que é que muda em termos concretos? Quer dizer, a gente sabe que, por exemplo, há uma integração, inclusive o muro que separava a ENSP do IOC cai, não é?

LF- Cai o muro. É, é.

WH- Mas em termos da ENSP, da estrutura dos cursos, o quê começa a se propor, a se fazer de novo aqui?

LF- Começa a pós-graduação, começa o mestrado, o doutorado. Eu e o Herman começamos dois cursos: um curso de mestrado em parasitologia e um curso de mestrado em virologia. Não era da Escola nem do IOC, porque o Vinícius achou que as duas instituições iam disputar essa coisa. Então, era da Presidência. Ora, era da presidência, não era de ninguém! Eu carregava aquilo na cabeça e o Herman também, porque era tudo na base: “Ô Fulano, dá aula para mim!” Era um negócio assim e funcionou. Quando o Coura veio, eu entreguei a ele. Eu disse: “Olha, Coura, você tem de tomar conta disso.” Aí, fez a Biologia Parasitária e tocou. Essa época é o início da pós-graduação oficial. Isso também tem uma história, que começa assim: durante o Rocha Lagoa, ele passou o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz para a Escola. Eu, que era o chefe do departamento, fiquei como coordenador do curso - eu e o Herman. Aí dizia: “O que é “Curso de Aplicação”? O que não é “Curso de Aplicação”? O que isso quer dizer?” Bom, demos o nome de “Curso de Iniciação à Pesquisa em Biologia”, que tinha uma parte comum do Gobert, que era o chefe da bacteriologia do IOC...

WH- Gobert de Araújo Costa, não é?

LF- Gobert de Araújo Costa, eu me dava com ele. Aí, chamamos de “Curso de Iniciação à Pesquisa em Biologia”, tinha uma parte comum de métodos gerais de laboratório, estatística; e depois separava, um grupo de alunos ia para microbiologia, e outro grupo para parasitologia.

Esse Curso foi muito bom. A Ana Maria, minha mulher, foi aluna desse Curso e foi aí que eu a seduzi. (*risos*) O Pedro Paulo, que hoje é importante, começou ...

NA- Isso foi em que época? Foi antes do Vinícius ?

LF- Isso é antes do Vinícius. Esse curso era muito bom, porque a microbiologia começou a fazer mestrado. Foi quando apareceram esses cursos de mestrado, doutorado. O Coura começou na Medicina Tropical, talvez um pouco depois ou um pouco antes. E o que acontecia era o seguinte: a gente orientava a tese desses outros cursos. Coura mandava tese para cá. A gente recebia alunos que estavam nesses cursos para se preparar para o mestrado de microbiologia ou de outra coisa, ou os alunos que eram reprovados. Ele disse: “Estamos investindo para fazer a nossa Instituição”. Aí nós fizemos o mestrado.

WH- Mas o Curso de Saúde Pública corria paralelo?

LF- O Curso de Saúde Pública corria paralelo e depois virou mestrado e doutorado em Saúde Pública. Por isso, que há o curso de Biologia Parasitária, é a fusão desses dois cursos.

NA- De Virologia e de Parasitologia.

WH- Que saíram desse Curso de Aplicação?

LF- Do Curso de Aplicação, que cresceu, virou dois mestrados e depois, com o Coura, fundiu e ficou no IOC, que era o lugar dele.

WH- Hoje, o curso está no IOC?

LF- É o lugar dele, tem de ser lá.

NA- É, mas o Coura veio já com o Vinícius da Fonseca?

LF- Não, com o Guilardo.

WH- Isso.

LF- Aí o Coura vem ser o vice...

NA- ...presidente do...

LF- É. Também não vem trazido pelo Guilardo, não! Vem num jogo.

NA- Qual é o jogo?

LF- De disputa, em que o Guilardo é o presidente, mas tem que engolir o Coura.

NA- Ah, é? O Guilardo é da Paraíba, não é?

LF- Como também o Guilaro não é o vice-presidente escolhido pelo Vinícius! O Vinícius vem presidente e tem que engolir o Guilaro.

NA- Mas quem foi que pôs o nome do Guilaro?

LF- A história que eu sei do Guilaro é que ele era médico do Exército, e na revolução de 64, ele foi ser reitor na Paraíba. E parece que foi um bom reitor, fez coisa e começou a se mexer nesse espaço político.

WH- E que o Vinícius também era paraibano, não é?

LF- Não! Vinícius é do Piauí ou do Maranhão.

WH- Não, é da Paraíba!

NA- E o Coura também é paraibano.

LF- O Coura é da Paraíba.

WH- Eu acho que ele traz o Guilaro.

LF- Não, não. Cada um se mexe por um lado; um ganha, mas tem que engolir o outro porque também tem força.

NA- É isso. Agora, o Coura veio porque foi o Guilaro que chamou? Foi isso?

LF- Não. Deixa ele contar isso para você porque ele conta melhor, mas não foi. Eu posso te dizer, não foi. Ele veio porque tinha força.

NA- Na universidade?

LF- No ambiente.

WH- Na comunidade científica.

LF- Na comunidade científica. Se não me engano, o Coura, nessa época era o presidente da Sociedade de Medicina Tropical. Tinha esse tipo de prestígio; e tinha relações políticas, também, no IOC e aí ele não ganha para ser presidente. O Guilaro, também, não foi trazido pelo Vinícius, não. Depois o Vinícius te conta.

NA- Já contou, já falou para gente! Porque o vice-presidente de Pesquisa do Vinícius ...

LF- Foi o Lobato. Por quê? Aí eu estava participando. Porque o Vinícius não era da área. Então, ele procurou alguém da área que lhe desse respaldo, com alto prestígio. Eu falei com ele do Lobato. Ele trouxe o Lobato como vice para ele ter um cientista de respaldo, não é?

NA- Agora, me diz uma coisa: tem esse clima de perseguição; a gente estava falando do que tinha o Departamento de Segurança Interna - acho que se chamava assim - do Ministério da Saúde, não é? O Vinícius foi obrigado, segundo ele, a colocar uma coisa semelhante aqui dentro, não é isso? Como é que esse pessoal da esquerda entra na Escola, nesse momento? Quer dizer, você é o diretor, nesse período do PESSSES/PEPPE quando eles estão entrando?

LF- Entra, entra.

NA- Mas você já era diretor nesse momento?

LF- Era. O pai dela entrou aqui quando eu era diretor da Escola. Quem me falou do Mario foi o Arouca: “Um cara colossal, genial! Um Hamilton! Um Hamilton!”

NA- Um argentino, um argentino! *(risos)*

LF- Argentino é o de menos, é um Hamilton! *(risos)* Descendente de Lady Hamilton, a grande paixão da vida do Lord Nelson, você sabe disso.

NA- Agora, como é que o Arouca vem para cá? Você conheceu o Arouca aonde?

LF- O Arouca veio no PEPPE/PESSSES, conheci o Arouca aqui. Veio o Arouca, veio uma porção de gente. Olha, o único sujeito que eu me lembro que bloquearam, e bloquearam mesmo, foi o Reinaldo Guimarães. A gente não conseguiu passar o Reinaldo. Entrou o Arouca, Ana Maria, entraram todos eles. Não houve aqui na Escola uma perseguição assim... Não sei como os outros vêm, estou dando uma coisa minha. Teu pai pode contar isso. A gente convivia aqui! Depois que veio pelo PEPPE/PESSSES, Arouca fez um concurso contra um general, ganhou o concurso e o general foi embora.

NA- Que general?

LF- Um general que fez concurso para professor titular de Planejamento.

WH- O mesmo concurso, a mesma vaga do Arouca?

LF- Disputou com o Arouca! Disputou aquela vaga e o Arouca ganhou. Eu era diretor, nunca recebi pressão...

NA- Sim, mas você não teve nenhum constrangimento da parte do famoso coronel lá do Vinícius? Como é que se chamava esse setor de segurança interna, eu esqueci o nome?

LF- A impressão que eu tinha, era que esse coronel que tinha aqui...

NA- Você nunca teve nenhum constrangimento com isso?

LF- Não.

NA- Ele nunca falou nada com você, coisa nenhuma?

LF- Nunca falou nada comigo. E eu tenho a impressão que lá na hierarquia militar, ele não era muito...

NA- Prestigiado (*ri*)

LF- Claro! O cara prestigiado ia para um lugar alto! Um cara mandado para a Fundação Oswaldo Cruz era um sujeito... “Está bom, pediram. Bota esse cara lá!” Porque a Fundação pagava esses caras. Eles tinham salário. Esse coronel, quem mandou embora foi Arouca. Mas aí, já na abertura. Isso eu me lembro. “Ah, vamos mandar embora!” Mandou chamar o coronel e mandou embora. Porque a Fundação pagava.

WH- Isso já em 1985, ele como presidente da Fundação.

LF- Quando o Arouca foi presidente, é. Mas não era um grande constrangimento. Não tenho essa sensação, embora muita gente diga... eu não vi.

NA- Mas o Vinícius falou para a gente que a Escola era um foco de agitação política infernal! (*risos*) Que ele tinha problemas com o IOC, mas a Escola de Saúde Pública era um problema político e que algumas pessoas aqui, ele conseguia conversar, mas que outras eram insuportáveis. Uma das pessoas que ele podia conversar era você. (*risos*). Ele disse isso.

LF- Bom, foi ele que me escolheu para diretor. Eu não me candidatei...

NA- Que você era sujeito moderado, sensato e que podia conversar. Mas que havia um problema político de enfrentamento com ele. Não seu, mas de outras pessoas....

LF- É...

NA- Você não registra isso? Não tem nada para comentar sobre isso?

LF- Tinha tensões, tinha...

NA- Mas a respeito de quê ?

LF- Desliga. Desliga que eu vou contar uma história. (*interrupção da fita*)

NA- Vamos voltar um pouquinho ao seu trabalho. Você chegou a mencionar, ainda há pouco, que você fez um trabalho de campo e que aí você derivou para esse trabalho.

LF- Eu quero falar do que é importante para mim! Do que é a minha grande obra científica! A minha grande obra científica, eu trouxe aqui para mostrar para vocês. É o seguinte: eu trabalhava com esquistossomose, como eu disse a vocês. A idéia clássica é que a esquistossomose mansoni veio da África com o tráfico de escravos e aqui se implantou. Um

dia, como eu gosto de história, encontrei um artigo do professor Caio Benjamin Dias, um trabalho das *Memórias* da década de 40, coisa assim, que levantava a hipótese que a esquistossomose mansoni fosse autóctone do continente americano. Ele argumentava com uma série de evidências circunstanciais e coisas assim desse tipo: um negócio de um quadro clínico que Marcius descrevia nos índios e que podia ser varizes esofagianas, distribuição de escravos e tal. Um negócio complicado mas que me fascinou porque era herético, inteiramente herético, ao contrário de tudo o que todo o mundo dizia. Eu fiquei pensando naquilo, gostei daquilo e disse: “Como é que se poderia dar uma resposta clara, definitiva e decisiva a isso?” Era encontrar ovos de *Schistosoma mansoni* em material, em cocô pré-colombiano. Isso existe, são os coprólitos. Quando o arqueólogo faz as escavações, tem ponta de flecha, tem pintura de pedra e tem cocô.

NA- Claro.

LF- Não podia deixar de ser. Então, eu disse: “Se eu acho ovo de *schistosoma* em coprólitos antes da vinda de escravos e da descoberta, é porque ela já estava aqui antes”. Porque, na pesquisa científica, eu gosto da resposta clara, direta, não é? Eu não tenho muita paciência para essas coisas que ficam complicadas, discutindo, e argumentam e contra-argumentam e não acaba. Eu gosto do troço direto, claro. Aí, entrei em contato com os arqueólogos, descobri que eles tinham coprólitos que não acabava mais e não tinha muita gente que quisesse estudar esse troço. Eu trazia todo um embasamento em parasitologia e medicina tropical e trabalhava com esquistossomose. “Manda o cocô para mim, que eu quero.” E aí, a gente começou essa linha de trabalho que é a paleoparasitologia. Esse nome fui eu que inventei com esse sentido; e que gosto de ter inventado porque quando eu era menino, eu li um livro do Richet que diz: “Anafilaxia é um termo que eu criei.” Engraçado porque ele estava viajando no iate do príncipe de Mônaco e fez umas experiências com tentáculos de actínia e a 2ª injeção em vez de proteger, como se esperava porque estava imunizando, desencadeiava um choque anafilático, funcionava ao contrário do que se esperava. Eu gostava daquilo, então eu criei o termo. Depois o Carl Reinhart resolveu que ia ser arqueoparasitologia. Era uma discussão inteiramente imbecil, boba, sem sentido nenhum, mas a gente se empenhou nisso e acabou prevalecendo paleoparasitologia.

NA- Agora, esses arqueólogos eram de onde?

LF- Daqui, brasileiros! No começo, daqui, depois é que começou a vir material...

NA- Arqueólogos da Escola Nacional?

LF- Quem mandou o primeiro material foi Maria Beltrão. Sabe quem é?

NA- Sei, do Museu Nacional.

LF- Maria Beltrão é do Museu. Depois, mandou Oldemar, aqui do Instituto Brasileiro de Arqueologia, que fica no Capão do Bispo numa casa velha dos tempos de 1700. (*tosse*). Depois, uma porção de gente começou a me mandar esses coprólitos. Então, realmente, Nara, a gente queria um troço novo, um troço que não estava se fazendo. Tinha para trás alguma

coisa, evidentemente sempre tem. Há uma grande figura nesta história toda, que está aqui⁵, é Armand Ruffer, um inglês que vai para o Egito em 1910 e começa a estudar múmias egípcias. Esse é pioneiro. De maneira que aí a coisa foi crescendo. Até hoje eu nunca encontrei os tais ovos de *schistosoma*. Isso começa em 1978, 1979, e nunca mais mexi com outra coisa que não fosse isso.

NA- Mas o que é que isso tem a ver com o seu trabalho de campo aqui por perto?

LF- Não, isso era outra coisa.

WH- Sumidouro?

LF- Sumidouro.

NA- Ah, Sumidouro! Não tinha nada a ver com isso?

LF- Não, tinha porque foi um passo. O passo foi o seguinte: lá, eu estava estudando esquistossomose de roedores. Qual era a importância epidemiológica dos roedores? E foi nessa época que a gente leu esse artigo e resolveu estudar. A ligação é essa. Aí eu larguei Sumidouro, entreguei à Diana Maul para fazer a tese de mestrado dela e fui me meter nisso. Eu vou dar de presente a vocês, está aqui: *Paleoparasitologia no Brasil* e se vocês tiverem curiosidade, o 1º artigo, o resto são artigos científicos, não interessam. Esse é presente (*entrega livro às entrevistadoras*)

NA- Obrigada...

LF- Acontece que no começo, isso ganhou uma certa comicidade. A gente era herege, custou a se impor, porque diziam: “Ah, isso é besteira de Luiz Fernando, com cocô de múmia”. Até que num congresso de parasitologia, o Lobato e o Deane, que eram a comissão julgadora, disseram: “O trabalho mais original que tem aqui é o do Luís Fernando”. Aí, eu ganhei aquela medalha que está ali: a Medalha Samuel Pessoa de melhor trabalho apresentado no Congresso de Parasitologia em Belo Horizonte, em 1980 ou coisa que o valha. Aí, pouco a pouco foi entrando na ortodoxia e acabou entrando aqui nessa *History of Anthropology*. Eu dou para você a xerox – Vaidade é justo, não é?, não sou de falsa modéstia. Depois vocês vêm.

WH- *History of Anthropology*

LF- É, tem eu, Adauto... Depois enviaram gente da França para fazer entrevista com a gente. Está muito bem feita esta entrevista, por uma jornalista francesa, sobre o trabalho da gente: *O Testamento da Múmia*, Laboratório de Paleoparasitologia da Fundação Oswaldo Cruz. Esse também fica com vocês (*entrega o livro às entrevistadoras*). Bom, deixa eu fazer a propaganda. Aí, sai esse cara que escreveu esse livro *Who Gave Pinta to the Santa Maria*. É um jogo: Pinta é o nome do navio do Colombo e o nome da doença, da pinta. Ele faz um livro sobre migrações e doenças. Desowitz é um grande parasitologista, que, num certo momento,

⁵ O entrevistado aponta para o retrato de Armand Ruffer.

monta muito isso aqui em cima do nosso trabalho e cita textualmente: “*The brazilian paleoparasitologist Luiz Fernando Ferreira and his colegs...*” Aí foi a coroação, não precisou mais.

NA- Mas isso aí é um artigo da coletânea...

LF- É um livro, um livro.

Fita 4 – Lado B

LF- Aí a paleoparasitologia andou, não descobri o negócio da esquistossomose - continua a coisa – mas, em compensação, descobrimos, por exemplo, o que foi a tese do Adauto sobre ancilostomose. Até então, se admitia que o *Ancylostoma Duodenale* veio da Europa e o *Necator Americanus* da África. O Adauto mostrou, na tese dele, que já tinha ancilostomose aqui há 7000 anos no Piauí, nas escavações da Nied Guidon. Tinha há 3500 anos em Minas. Bom o bicho estava aqui e aí foram se desenvolvendo esses trabalhos. Tinha uma série enorme de trabalhos publicados.

WH- Quer dizer que vocês saíram da questão específica da esquistossomose em função do novo material, que eram os coprólitos?

LF- É, coprólitos.

NA- Agora, esse tema ou esse campo de estudo - é um campo de estudos, não é? - tinha similar em outro lugar do mundo, nesse momento?

LF- Isso começa mais ou menos na mesma época. Eu, aqui, o Carl Reinhart que hoje está em Nebraska, é um americano; tem Andrew Jones na Inglaterra; tem Patrick Horne no Canadá. São umas cinco ou seis pessoas. A gente começa isso e, em pouco tempo, começa a estabelecer uma comunicação...

NA- Mas o interesse deles não era a esquistossomose?

LF- Não, é estudar coprólito! O nosso também! A esquistossomose é uma hipótese dentro da coisa. E aí, a gente começa a manter...

NA- A fazer intercâmbio...

LF- A fazer um intercâmbio. O Carl Reinhart vem para cá - não sei se vocês conheceram. É um americano inteiramente louco! (*risos*) Daqueles americanos que são adaptados ao trópico e desadaptados à cultura americana; então, estabeleceu, em pouco tempo, uma amizade com a gente...

NA- Raízes profundas...

LF- Raízes profundas e tal. Agora está querendo vir de novo.

NA- E ele trabalha com o quê? Estuda os coprólitos?

LF- Coprólitos nos Estados Unidos.

NA – Mas qual é o tema?

LF – É o que acha. Aí você tem hipóteses mas é o que acha. Agora, o último paleo é o Marcelo, que entrou agora no doutorado e que está estudando esses coprólitos. Para que isto serve? Serve, primeiro, para você fazer a história, a evolução da doença; serve para rastrear migrações pré-históricas - é o projeto do Marcelo - porque determinados parasitos não passam em determinadas regiões. Por exemplo, essa ancilostomose que vai estar há 7000 anos no Piauí, não pode ter sido trazida por esses que migraram pelo norte, por Berlinge. Essa é a grande teoria. A ortodoxia, até certo ponto, diz que o homem entrou na América vindo pelo norte, passou pelo Estreito de Bhering, desceu. Esse é um sujeito que tinha um peso muito forte, chamado Alex Hudlica.

NA- Hudlica. De que origem?

LF- É um americano, antropólogo, médico. Ele mostra e defende as migrações. A gente nunca pretendeu negar essas migrações. As migrações existem, mas a gente diz que quem trouxe o *Ancylostoma* para a América não veio lá por cima. Porque esse *Ancylostoma* é o chamado geohelminto: um bicho que depende de passar no solo para poder evoluir e infectar novos indivíduos. O ciclo dele só se mantém dentro de determinada temperatura, solo, etc. Esses que vieram lá por cima, mesmo que tivessem saído da Ásia com o *Ancylostoma*, perdem os parasitas no meio do caminho. O bicho morre na barriga pois tem uma vida de três anos e não transmite porque o ovo, no chão, desaparece. Então, serve para isso. Nós viemos nessa série de trabalhos, o Adauto fez mestrado, fez doutorado, etc, e eu fui me empolgando com isso. É um negócio novo, eu gosto porque é efetivamente novo. A gente está trazendo contribuição; não é aquele trabalho que você faz e fica repetindo. Chegou num certo momento em que apareceu o PCR e a biologia molecular...

NA- Nos anos 80, não é?

LF- É, um pouco depois.

NA- Em 73 inventaram o método.

LF- Aqui depois. Tem que conversar com o Morel. Quando apareceu o PCR e a biologia molecular se desenvolveu, nós passamos a usar a técnica, associados com os biólogos moleculares. Isso começou com o Morel, depois o Morel viajou e hoje é o Otávio Fernandes um biólogo molecular lá da Medicina Tropical, do Coura; a Ana Carolina, do Departamento

de Genética, tem uma menina que é nossa, a cubana, filha da professora de geografia, que está sempre aqui.. .como é? Está ali o retrato da menina... é linda além de tudo. É uma cubana lindíssima!

NA- Ah! É bonita.

LF- Alena! Está com a Ana Carolina. Então articulamos com esse pessoal da biologia molecular, e começamos a trabalhar com eles.

NA- Eles vão pegar o seu material?

LF- Não, já estamos trabalhando! Podemos fazer diagnóstico de doença de Chagas, no Chile, há 2000 anos atrás. Esse trabalho que já está aceito para publicar na *Acta Tropyca*.

NA- Eu estou pensando uma coisa, se for totalmente absurda e burra, você me fala!
Essa teoria leva você a pensar o seguinte: se não veio migração, se essas doenças não apareceram por essa migração que veio do norte, qual é a origem, então, desse homem americano, por exemplo, no Piauí?

LF- Não, porque teve gente que veio por mar, nesse caso veio por mar.

NA- Não, mas é preciso que você fale...!

LF- A nossa idéia é de que os que chegaram com parasita vieram por mar; foram bater ali pelo Chile. Agora, a gente tem muito pouco dado...

NA- Veio pelo Pacífico ou pelo Atlântico?

LF- Pacífico, é a hipótese.

NA- Da Ásia para o Pacífico chega até aqui.

LF- Ásia, Austrália, Polinésia e chega aqui.

NA- Continente americano.

LF- Isso não é nosso! Paul Rivet já tinha falado nisso; a Beth Meggers falou nisso; várias pessoas levantaram essa hipótese da entrada por mar, o que não quer dizer que não tem...

NA- Que não tenha sido por terra, é claro!

LF- ...não tenha havido... Esse é um terreno muito discutível. Agora tem o negócio da mulher do tipo negróide...

NA- Ah! A primeira brasileira: Luzia.

LF- Luzia! Porque a mais antiga, que é da África... O homem, ao que tudo indica, surge na África, na Garganta de Oldweis; eles encontraram um homem chamado Lucio. E aqui, chamaram Luzia. Este é um terreno controverso. A verdade é que, durante uma época, a ortodoxia definia que o homem mais antigo era de 20.000 anos na América do Norte e 10.000 anos na América do Sul. Quer dizer, ele entrou lá e desceu. Só que agora você começa a ter datações...

WH- A própria Maria Beltrão está questionando isso, não?

LF- Bom, a Maria Beltrão questiona. Se eu estou bem lembrado, Maria fala de 400.000! Maria é uma das pessoas mais notáveis que eu já conheci na minha vida, tenho uma admiração por ela. Você conhece ela, não?

WH- Eu estive aqui quando ela veio uma vez olhar o terreno. Tinha um sítio arqueológico, ela veio procurar o sambaqui...

LF- O sambaqui. Maria é fabulosa!

WH- E a gente saiu pelas estradas lá fora, pelas trilhas lá fora de Manguinhos com ela. Você estava também.

LF- Maria, você se lembra? Porque os arqueólogos aqui trabalham com muita dificuldade. Eles é que escavam, vão lá e tal. Aquele Padre Rohr, aquele cara picareta, solitário, tal... Mas Maria, não. Maria lembra os filmes de Aghata Christy. O marido de Aghata Chrysti era arqueólogo. Em vários filmes, ela sentada, elegantíssima (*risos*), com aquele capacete...

NA- E a Maria parece mesmo com ela.

LF- Maria no campo, na escavação, de manhã usa uma roupa, de tarde outra, para jantar outra (*risos*). É um charme só. Mas Maria faz datações mais antigas, é discutível.

NA- De 20.000 e de 10.000.

LF- É. Aí começou andar para trás. Tem o Chile de 33.000 anos, já inteiramente aceito. E tem o da Nied Guidon, que é de 50.000 no Piauí. Hoje a gente está muito articulado com Nied Guidon, ela trabalha na área de São Raimundo Nonato, no sul do Piauí. Ela encontrou... e é discutível, nem todos aceitam...

NA- Encontrou o que, lá?

LF- Pois é, eu vou te contar. A Nied aparece na televisão toda hora.

NA- Teve uma notícia dela esse ano no jornal.

LF- Agora! Não está comemorando os 500 anos? Não tem o negócio do fogo dos índios, o fogo dos pretos e o fogo dos brancos e que vão juntar os 3 fogos? No fogo dos índios, Adauto

estava lá, apertando a mão do Fernando Henrique; a Nied levou o Fernando Henrique para lá. A discussão é porque não tem esqueleto humano de 50.000 anos, não tem. Mas tem uma fogueira. E essa fogueira comprova que tinha...

NA- Uma comunidade...

LF- ...pessoas que fizeram a fogueira. Alguns contestam, dá uma discussão sem fim: porque não era fogueira, era pedra de incêndio de raio... Aí, são as discussões dos arqueólogos. Mas ela fornece material para a gente...

NA- Mas os coprólitos estavam lá.

LF- Os coprólitos estavam lá.

NA- Mas você pode distinguir um coprólito humano e animal?

LF- Posso, posso.

NA- Você trabalha com qualquer um?

LF- Foi feita uma tese só para fazer isso: distinguir coprólito humano de animal. A tese da Márcia Chang, que trabalha aqui, foi para isso. A cada etapa você tem que fazer uma porção de coisa, é complicado.

NA- Com que tipo de técnica você consegue distinguir essas coisas físicas?

LF- Não, você distingue, em primeiro lugar, pelo tamanho! Tem cocô deste tamanho, tem cocô pequenininho...

NA- Não, mas não tem aquela coisa de carbono que se usava...

LF- Isto é para datação. Carbono 14 é para datação, para você dar o tempo.

NA- Biologicamente, você tem como distinguir isso?

LF- Sim. E também pelos restos alimentares e até pelos parasitas que você acha! Têm parasitas que são ...

WH- Basicamente humanos ou animais.

LF- Acho que tem, nesse livrinho que eu te dei tem o negócio na Márcia; na introdução eu faço esse charme, conto a história da paleoparasitologia. Depois tem uma série de trabalhos, não sei se vão interessar a vocês. Mas eu estava dizendo, então, que paleoparasitologia era um troço muito bom, porque eles me mandam o coprólito. O arqueólogo é que escava, eu não escavo, recebo aqui, já datado. As técnicas de exame são muito simples, essas lâminas que vocês estão vendo aí, faz uma reidratação do material, olha no microscópio e vê os ovos.

WH- Como que fosse atual, com as mesmas técnicas?

LF- Com as mesmas...

NA- E se encontra o quê?

LF- Os ovos dos parasitas, principalmente ovos dos parasitas.

NA- Que tipo de parasitas?

LF- *Ancylostoma*, *Thricuris*, *Enterobius vermicularis*, *Oxyurus*, que dá coceira na bundinha das crianças. Vários.

NA- São comuns, existem ainda hoje?

LF- Comuns, é. Só o *Schistosoma* é que não aparece.

WH- Você ainda não encontrou? Está procurando?

LF- Ainda não encontrei. Eles me gozam: “Continua, continua!” E eu vou continuar.

WH- Continua procurando.

LF- Porque têm três esquistossomoses. A hipótese é essa: tem uma esquistossomose japônica, no oriente principalmente; tem uma esquistossomose mansoni, na América; e na África, têm duas esquistossomoses, a hematóbia e a mansoni. Eles dizem que na África tinha a mansoni e a hematóbia e veio para cá. Mas eu ainda não me convenci. Até porque, nas múmias egípcias, o que você encontra é só hematóbia, não encontra a mansoni. Agora, no último congresso de múmia não acharam a mansoni, mas eu ainda não me convenci totalmente.

WH- O trabalho de vocês, Luís Fernando, é restrito a populações brasileiras?

LF- Não, não. Eu recebo material de onde vem, eu examino. Na Argentina, tinha uma moça que mandava; no Uruguai agora tem gente que manda; da Itália... Porque eu recebo também cocô de animal, aí já são os paleontólogos que mandam, quando eles acham.

WH- Agora, é interessante isso, porque o teu laboratório virou uma referência nesse tipo de trabalho, não é? Não têm outros grupos...

LF- Têm, mas têm poucos. Quer dizer, trabalhando sistematicamente nisso temos nós, temos o Carl Reinhart, temos um outro grupo na Virgínia que é do Gertner, um argentino que foi para os Estados Unidos e se radicou lá, com outro americano. Aí a gente mantém essa coisa. Agora, isso começou a crescer, porque na França apareceram duas moças, uma em Rennes e outra em Perpignan. Começa a manter correspondência... (*tosse*)

NA- A sua primeira articulação para fora do Brasil foi com o americano?

LF- A minha primeira articulação foi com esse cara. Era um sujeito inteiramente louco e esse escocês Aidan Cockborn, aqui está ele, (*mostra a foto*) com Dianinha Maul, que vocês conhecem e eu, no tempo em que usava bigode. Isso é em 1981.

WH- No Congresso Brasileiro de Parasitologia.

LF- Foi aí que eu ganhei esse prêmio, em BH. Saímos da heresia, da brincadeira do cocô de múmia e entramos na ortodoxia e começamos a publicar nas revistas. Já publiquei nas *Memórias*.

NA- Ele tinha trabalho já feito?

LF- Esse cara é muito interessante, porque, ele era um escocês e dizia assim: “Você sabe por que eu estudei medicina? Eu estudei medicina porque o meu pai morreu na Guerra.” Então, o governo inglês deu estudo a ele.

NA- Espera aí, Luiz Fernando, fala aqui senão vai dar. Bota o quadro no lugar...

LF- Botar o quadro no lugar é que é o negócio. (*pausa na gravação*) Aconteceu o seguinte: a gente mandou a correspondência; ele estava reorganizando a *Paleopathology Association*, nos Estados Unidos, com ramificações; e ele era um sujeito muito interessante porque sabia uma porção de coisas, tinha trabalhado com o jardim zoológico. Ele era médico; tinha sido médico do exército inglês na África. E eu era presidente da Sociedade de Parasitologia e trouxe ele para cá. E aí resolveram fazer um programa para ele se divertir e inventaram de leva-lo para ver o negócio de batucada e samba...

NA- Mulher, mulata?

LF- É. Mulata, não! Era Martinho da Vila. Levamos. Aí ele chegou, foi lá ficou assim dez minutos ouvindo aquilo, porque ele gostava de música. Depois disse assim, “Olha, eu vou sair, eu quero ir embora. Está muito chato isso. O negócio é o seguinte: a letra eu não entendo e batucada, os meus negros na África batem muito melhor do que esses de vocês”. Porque ele era médico do exército na 2ª Guerra, na Inglaterra, foi para a África etc. Enfim, é só para dar uma idéia do tipo.

NA- Mas ele não trabalhava especificamente com paleoparasitologia?

LF- Paleopatologia. Paleopatologia em geral, esse negócio de osso e essa coisa toda. A gente mandou para ele o primeiro trabalho; ele respondeu e tal. E eu, como era presidente da Sociedade, fiz o congresso, trouxe ele. O primeiro contato da gente no exterior. E ele abriu o mundo para gente; ele gostou. Ele tinha muito interesse em divulgar a paleopatologia e a paleoparasitologia é uma parte da paleopatologia. E daí, a gente começou a mandar artigos para ele e ele publicava. E a coisa foi andando.

NA- No Brasil, existe algum outro sítio importante como esse no Piauí, que você tenha recebido coprólitos?

LF- Sim, desse de Minas, que foi da tese do Aduato. Eu recebi, uma época, muito material do Norte do Chile que deu trabalhos muito bons. O Norte do Chile é uma região onde nada entra em putrefação porque é seca - o Deserto de Atacama. Então começamos a nos articular, primeiro com o professor Lautaro Nuñez, um arqueólogo que mandava material para a gente; depois, com o Museu. A universidade do Deserto de Atacama tem um museu, que começou com os jesuítas que andaram por lá. Eles começaram a juntar, era meio amador. A gente tinha uma articulação muito grande com esse grupo. Aí nós ampliamos isso com a vinda da Sheila, que trabalha com osso.

NA- Osso?

LF- Faz diagnóstico em osso. Nós fazíamos em parasita. Até porque, a experiência que a gente tinha era em parasitologia. E aí, o grupo foi crescendo, tem agora uma porção de meninas fazendo mestrado e doutorado nessa área. A área cresceu, veio a junção com o biólogo molecular, que abriu uma possibilidade, quer dizer: “Eu vou catar o pedaço de DNA do parasita”. E agora, tem a Lígia, que está fazendo uma tese aqui com a gente e com o Otávio Fernandes, para tentar levar as técnicas para osso. Porque até agora a gente faz diagnóstico em tecido. Se você conseguir em osso, as possibilidades aumentam porque o que mais tem é osso. Aqui na América, não tinha mumificação artificial. Aqui no Brasil, essas mumificações são naturais (*tosse*). Aqui tem dos Andes, tem do frio, congela, e algumas outras práticas. As regiões secas é que conservam bem, por isso é que o Cockborn dizia para mim que o grande segredo da mumificação do Egito - aquele negócio de segredo da múmia - era a região desértica. E ele dizia porque a mumificação era um negócio caro. Aqueles reis pagavam fortunas! Os sujeitos cobravam. Então, tinha preço para vários tipos de mumificação. Heródoto conta isso tudo. E quem era pobrezinho pagava muito pouco. Então, eles pegavam uma gaze e jogavam lá. O Cockborn trabalhou no Egito, examinou múmias egípcias e disse: “Essas múmias estavam bem conservadas”, e não tinham feito muito...

WH- Muito tratamento, não é?

LF- Tratamento complicado. Eu fui ler também sobre múmia, me diverti muito e tal. E tem uma história muito boa também nessa época. (*pausa na gravação*). Deixa eu dar para vocês o que a gente publicou na *Ciência Hoje*. É um artigo de divulgação dos caçadores de micróbios, aquele nome mítico do livro do Paul de Kruif, a “Paleoparasitologia Molecular”. A *Ciência Hoje* pediu isso e a gente mandou. Toma de presente.

NA- Está ótimo. Vou ler.

LF- O único que não é presente é esse. E como eu estou dando presente, você sabe que eu, além de ser cientista, também me dedico à literatura. Eu não sei se vocês chegaram a ver *Poetas de Manguinhos* e *Prosa de Manguinhos*.

NA- Esse eu conheço porque você me deu. Agora, esse daqui eu não conheço não.

LF- Bom, tanto em *Poetas de Manguinhos* quanto em *Prosas de Manguinhos*, só vale à pena ler Ludovicus Tercius Guanabarinus. O resto é o resto, é presente também. E esses dois são presentes também. Aqui têm os discursos que eu fiz sobre Gaspar Vianna, Adolpho Lutz, Lauro Travassos e tal, vai como presente para a Casa de Oswaldo Cruz. E esse número da revista é presente também. Esse aqui não, porque eu só tenho esse. Bom, mas vamos lá.

NA- Você falou que isso começa falou nos anos....?

LF- Isso começa em 1979 e vem até hoje. Eu nunca mais quis saber de outra coisa.

NA- Abandonou de vez a esquistossomose, não é?

LF- De vez, é. Só paleo. Um sujeito que é muito importante nisso é o Adatao. Eu sempre costume dizer que, quando eu estava começando esse troço, o Adatao apareceu aqui.

NA- Adatao é médico?

LF- Adatao é médico; era da universidade, da cadeira de Parasitologia, muito boa. Aí, apareceu Adatao e disse: “O professor Otílio me mandou para fazer o doutorado aqui com o senhor”. Nesse tempo, ele era mais respeitoso comigo, hoje não é mais. O Otílio era um velho amigo meu, professor de Parasitologia. Adatao estava lá com ele e veio discutir a tese. Eu disse: “Eu estou começando um troço novo”. Conteí a história para ele: “Você quer?”, “Eu quero.” Aí, eu vi, que tinha um valor enorme. Eu disse: “Olha, você está correndo um risco muito grande. Porque nós estamos começando. O que isso vai dar? Eu já fui professor titular, já fui diretor da Escola, eu não tenho nada a perder se não der certo. Agora, você, tem. Se não der certo, como é que vai ficar sua tese?” Ele disse: “Não, eu quero assim mesmo.” É importante o mérito dele. Ele fez duas teses aqui. Fez o mestrado, defendeu no IOC. Foi a primeira tese dele de Biologia Parasitária, do IOC. E depois defendeu doutorado aqui, na Escola de Saúde Pública, sobre ancilostomose.

NA- Eu quero voltar um pouquinho para trás, paralelamente à parte científica, nesse período de passagem da ditadura militar para a democracia, quando veio o Arouca e você foi um dos vice-presidentes, não é? Eu queria que você falasse um pouquinho disso.

LF- Por quê? Porque o Arouca gosta de mim! Porque nós somos amigos! Única e exclusivamente...

NA- Você era vice-presidente de que?

LF- De ensino. Foi só por isso! Eu podia fazer várias versões. Uma das versões é que no jogo de forças políticas e equilíbrio, eu tinha força. Não, não é verdade! É porque ele era meu amigo! Dizem as más línguas - ou as boas línguas - que Arouca teve dificuldade em convencer os correligionários do partido dele, na época, a me engolir. Ele era do Partido Comunista. Eu nunca fui político.

NA- Mas era anarquista.

LF- Eu era anarquista. Mas anarquista está sempre mal com todo mundo! Você sabe que o Príncipe Kropotkin estava mal com o Czar e depois ele ficou mal com Lenin, não é? Arouca me chamou porque gostava de mim, era meu amigo. Eu tinha uma amizade muito grande com Arouca e com o teu pai também. Teu pai faz parte disso, o Arlindo. Depois andaram brigando. Brigou com o Arlindo, o Arouca, não é? Mas também eu nunca briguei, nunca participei disso. Então o que há, é uma amizade fraterna muito forte.

NA- Construída aqui dentro?

LF- Construída aqui dentro. Arouca veio para cá e aí foi se estabelecendo uma amizade muito grande. Depois veio o Mário. O Mário é um grande amigo. Agora a gente tem se visto pouco, porque ele está aposentado, não é?, resolveu se aposentar. Eu não. Por que o Arouca me chamou? É isso, não deu para fantasiar com mil explicações heróicas. O que houve foi isso. O Arouca me chamou e eu fui ser vice-presidente de Ensino do Arouca.

NA- Você tinha também boas relações com o pessoal do Instituto Oswaldo Cruz, não é?

LF- Muito boas, porque eles são contemporâneos. Eu tinha relação desde o tempo da Parasitologista. Isso para mim foi muito bom. Talvez, se eu tivesse me metido num laboratório de parasitologia numa instituição aonde só se trata de parasitologia, eu tivesse ficado com uma visão mais restrita. Aquela coisa de confraria, eu nunca tive. Então, eu era parasitologista numa cadeira de Medicina Tropical, onde tinha clínica. Depois, eu fui ser parasitologista na Escola de Saúde Pública, o que me obrigava a estar sempre em contato com os parasitologistas nas outras instituições como na Faculdade de Medicina, na Faculdade de Farmácia - o professor Rui Gomes de Moraes era catedrático de parasitologia e eu estava sempre com ele - no IOC, na Faculdade Fluminense de Medicina, onde tinha parasitologia. Porque eu fui fundador da Sociedade Brasileira de Parasitologia.

NA- Quando foi isso?

LF- Ah, eu não me lembro, mas fui presidente dessa Sociedade também. Se você quiser data tem no currículo.

NA- Agora, me diz uma coisa, você nunca teve vontade de ir para o Instituto Oswaldo Cruz? Porque o pessoal do Coutinho, o Herman, essa turma toda depois se transferiu para o IOC, quando o Vinícius chegou. Que aconteceu com o seu departamento?

LF- Vou te contar. Eu era garoto, tinha o Instituto Oswaldo Cruz. Quando aconteceu esse concurso para a cadeira de Medicina Tropical, eu fiz o concurso, era importante para mim, fiquei lá. Quando eu vim fazer o curso de entomologia aqui, o Hugo Souza Lopes disse: “Não, vem para cá, fica aqui estagiando”, mas aí eu já estava na cadeira de Medicina Tropical. Isso é uma coisa particular. Aqui, foi o seguinte: a idéia do Vinícius era acabar o Departamento de Ciências Biológicas da Escola de Saúde Pública, porque juntou com o IOC. Biologia é no IOC. Começou a ir todo mundo para lá. Foi o Herman, o Sérgio Coutinho, o Jarbas e eu ia

também para lá. Aí, foi quando deu essa confusão e eu fui ser diretor da Escola de Saúde Pública. Como eu fiquei de diretor, eu fui ficando. Daí, isso aqui foi ficando vazio. O Maurício, que ficou aqui comigo nessa época arranhou uma verba, nós fizemos uma reforma aqui e eu perdi o interesse de ir.

WH- E depois, em seguida, veio a paleoparasitologia.

LF- É. Eu fico amigo deles, estou sempre lá, mas assim, passar...

NA- E se te transferirem para lá?

LF- Se me perguntar hoje? A não ser que fechem esse Departamento, que tenha essa briga... Mas do contrário, eu gosto daqui.

NA- Que briga?

LF- Não. A questão do Departamento de Ciências Biológicas na Escola de Saúde Pública é uma coisa controversa. O próprio Arouca me disse: “Eu acho que não tem que ter Departamento de Ciências Biológicas na Escola de Saúde Pública.” Por quê? E é até fácil de entender.

Fita 5 – Lado A

LF- O Departamento de Ciências Biológicas da Escola de Saúde Pública vem de uma época em que saúde pública tinha uma carga... Eu não sou contra, não vou dizer: “Que absurdo acabar com esse Departamento!” Agora eles querem, outra hora não querem. Eles são sanitaristas, eu não sou sanitarista. Era uma época que, no curso básico de saúde pública, a gente dava aula de parasitologia e de microbiologia que não acabava mais. Esse curso, quando era no IOC, tinha parasitologia, tinha microbiologia. Com as mudanças, passou a ter menos. Hoje, a minha participação no curso é a orientação de tese. A gente dá um curso de paleoparasitologia, paleopatologia, história de doenças no sentido de diagnóstico de doenças. Eu sempre disse e digo para seus amigos da Casa de Oswaldo Cruz: “Paleoparasitologia é história!” Eu provo. Isso é provocação que eu faço com o Gadelha. Só que é uma história objetiva! Não é essa complicada, que vocês interpretam...

NA- É científica.

LF- ...a nossa, não, você lê ali, direto! Eles me chamam de positivista, mas isso é uma brincadeira com o Gadelha. Hoje, os alunos de saúde pública não têm curso de parasitologia. Não tem nada há muito tempo.

WH- Parasitologia saiu e vocês não têm mais relação direta com os alunos aqui da ENSP, não é?

LF- Na ENSP, com quem vêm fazer mestrado e doutorado, sim, nesse sentido de orientação de tese...

NA- De orientação de tese e o curso sobre a história das doenças!

LF- Esse curso. Mas, quer dizer, diminuiu. Resumindo: quando eu vim para cá, a Escola de Saúde Pública tinha, naturalmente, um lugar para um professor de parasitologia, como eu disse a vocês. Por isso que eu vim para cá. Isso desapareceu. E mais ainda: com a integração com o IOC, você tem o IOC fazendo a pesquisa biológica. Agora, eu sempre gostei daqui. Essa Escola de Saúde Pública, quando eles querem organizar muito, e botar ordem, e muita coisa, eu digo: “Deixa!” O Blois dizia assim: “Um pouco de bagunça não faz mal a ninguém.” E eu costumo dizer que essa Escola tem um grau de liberdade tão grande que até paleoparasitologia você pode estudar! O que pode parecer um absurdo, numa escola de saúde pública. Mas enfim, enquanto eu puder fazer! Eu comecei a me habituar aqui, tem esses retratos todos, e não fui para o IOC. Eu cheguei a ter uma sala lá onde era o laboratório do Muniz.

NA- Júlio Muniz?

LF- Júlio Muniz, está aqui. E essa aqui era a placa que estava na porta do laboratório (*mostra a placa*). Você conheceu o Júlio Muniz?

NA- Não, só ouvi falar. Ele trabalhava com imunologia de Chagas, não é isso?

LF- É, foi o cara que fez a reação de precipitina para diagnóstico de fase aguda para doença de Chagas. O Júlio Muniz tinha morrido e o Vinícius tinha me dado esse laboratório: “Você se instala aí”, “Está bom.” Mas aí eu fui ser diretor e fui ficando. Depois, o Vinícius não ia mais continuar como presidente, ele também não forçou mais nem nada. Eu fui ficando por aqui e fui compondo um grupo grande. Porque aí veio Sheila; a gente se integra muito com o Coimbra. Você conhece o Coimbra, que estuda índio?

NA- Ah, sim! Carlos Coimbra.

LF- É, o Coimbra e o Ricardo.

NA- Sei, Ricardo Santos.

LF- ..que faz coisas aqui com Marcos Chor, é antropólogo. Então, o negócio dos índios tem uma integração com a gente. Aí ficou um grupo grande, ninguém me chateia e eu até que prefiro ficar aqui.

NA- Na realidade, é um modelo de ensino e profissionalização do sanitarista. O que mudou? Eu estou te perguntando, porque não tenho certeza disso: isso mudou com esse movimento,

que a gente chama de movimento de reforma sanitária? Foi nesse momento, por exemplo, que as ciências biológicas foram se afastando da profissionalização do sanitarista, Luiz?

LF- É, isso começa daqui....

NA- Mas só para você ver que interessante: você falou que Blois vem para cá e introduz aqui as ciências sociais.

LF- Cria o Departamento de Ciências Sociais. Eu não tenho de cabeça as datas em que a Escola de Saúde Pública de São Paulo começa com essa questão de ciências sociais. Mas eu tenho a impressão que aqui é o primeiro lugar onde se cria um Departamento de Ciências Sociais para a área de saúde.

NA- As ciências sociais estão se aproximando dos sanitaristas e a biologia, a parasitologia vai se afastando, não é? É um movimento...

LF- É, porque a saúde pública, até uma certa época, era basicamente doença parasitária. Você vê que em Manguinhos há uma integração: Oswaldo Cruz é sanitarista, mas é bacteriologista; o Chagas é sanitarista e está lá cuidando da malária na estrada de ferro, mas também faz laboratório. Então, o laboratório está muito integrado. Num certo momento, vem a idéia de que a doença é biológica, a doença é uma questão biológica. Então, por isso é o médico que cuida da saúde pública e essa coisa toda. Se vocês procurarem, vão encontrar pioneiros, vão encontrar movimentos, e também datas, eu não sei. Mas aí, enfim, começa a se perceber... Aliás, pioneiros vocês vão encontrar naqueles ingleses lá de 1700: Chadwick...

WH- O Virchow

LF- O Virchow! Bom, mas de qualquer maneira, eu estou me referindo mais ao que chega aqui, saúde pública é coisa de médico. Pouco a pouco acaba chegando, por mais que demore. Então, começa-se a ter a idéia que para estudar as condições de saúde, precisa das ciências sociais. E aí começa a vir essa gente de economia, de ciências sociais, de tudo, não é?

NA- O movimento das ciências sociais é paralelo ao afastamento da biologia, não é isso?

LF- É. É um movimento que corre paralelo.

NA- É um movimento contemporâneo. E a minha pergunta é se isso começa com essa geração do Arouca? Se aparece nos anos 70? Você não tem idéia disso assim muito claramente, não é?

LF- Eu acho que sim, eu acho que sim. Porque eu vou ver isso aqui na Escola de Saúde Pública. Na faculdade de Medicina nem se...

NA- É, mas o Blois trouxe isso antes, montou o departamento aqui.

LF- Pois é, o Blois monta aqui o Departamento de Ciências Sociais. E quem ia chefiar era o Carlyle. O Carlyle chegou a ser convidado, apresentou currículo, aquela história que eu contei. Mas aí parece que o Carlyle preferiu ser secretário de Saúde no Piauí e não veio. Aí, veio Sérgio Lemos. Porque aí começa-se a ter uma preocupação com as condições sociais de vida definidoras de doença e não mais um negócio puramente se tem parasita, tem doença.

WH- É mais na linha do Mário Magalhães da Silveira, não é? De todo esse grupo desenvolvimentista...

LF- É, por isso que eu estou dizendo: tem Mário Magalhães, tem para trás.

WH- O próprio Gentile, não é?

LF- Gentile... Mas o que eu quero dizer é que isso, institucionalizado como um local aonde existem professores dando aula, eu identifico aqui e mais ou menos concomitante, um pouco antes ou um pouco depois, São Paulo, porque...

WH- Samuel Pessoa também tinha um pouco isso, não é? Você podia falar um pouco dele.

LF- Samuel Pessoa tinha. Samuel Pessoa era um sujeito fabuloso! Samuel Pessoa era o catedrático de Parasitologia da USP. E Samuel Pessoa tinha um prestígio brutal. Agora, Samuel Pessoa era voltado para as questões de saúde pública! Ele vem da área de higiene. A livre-docência dele era de Higiene. Eu estou falando uma coisa de ouvido, assim de época, se tiver trocado, você conserta.

WH- Nessa época que você estava na Medicina Tropical, não chegou a ter contato com ele?

LF- Samuel Pessoa? Sim! Conhecia. Samuel Pessoa era uma figura que todo mundo...

NA- O Rodrigues era amigo dele?

LF- Não sei se era amigo, mas ele vinha aqui. Samuel vinha examinar concurso aqui, lá... E com esse negócio da Sociedade de Parasitologia... Era uma figura única! Tanto que têm os *Estudos Médico-Sociais* que ele escrevia. Nessa coisa, Samuel já estava. Ao mesmo tempo, todo mundo estudava parasitologia no livro do Samuel Pessoa. Eu ainda tenho, está aqui: Samuel Barnsley Pessoa!

WH- A bíblia?

LF- Era a bíblia. Todo mundo sabia isso.

WH- *Parasitologia Médica*.

LF- *Parasitologia Médica*.

NA- Até eu já li!

LF- Você já leu isso aqui?!

NA- A gente tem lá no Departamento.

LF- Depois chegou a sair uma última edição com o professor Amílcar.

NA- Isso! Eu li a do Amílcar.

LF- Aí, ele morreu e o Luiz Rey fez um livro.

NA- Tem a edição do Luiz Rey agora, não tem?

LF- Tem, está circulando agora. O Rey foi discípulo dele. Ele fez uma escola. O Samuel Pessoa tinha uma coisa que era de época: chega um certo momento em que a divisão entre esquerda e direita, a postura política, implicava no afastamento das pessoas; Samuel Pessoa era do Partido Comunista, no entanto, tinha entre os mais queridos e que indicou para Ribeirão Preto, o Pedreira de Freitas, que era congregado Mariano, não é? E naquele tempo não tinha... isso está bem para trás, aquele negócio de Igreja com esquerda era bem... Era uma figura marcante. Mas ele era catedrático de Parasitologia, não era catedrático de Higiene. Mas era uma Parasitologia voltada... era um pouco a minha linha..

WH- Era um pouco a linha do Rodrigues da Silva também?

LF- Era a do Rodrigues, que não era professor de Parasitologia mas de Medicina Tropical, que era a cadeira do Carlos Chagas. Mas enfim, era isso.

NA- Agora, me diga uma coisa: na última entrevista eu saí daqui pensando no Rodrigues da Silva. Eu queria que você falasse um pouco dessa trajetória do Rodrigues da Silva. Na verdade, ele era titular da cadeira de Medicina Tropical. Como é essa trajetória dele? Como é que ele tinha escolhido isso? Você sabe essa história, da trajetória profissional dele? Não?

LF- Não sei muita coisa não. Eu sei que ele faz um caminho da clínica para a pesquisa. Ele era gastroenterologista e, como gastroenterologista, estudava parasitoses. Porque aquilo passa por aquela discussão da gente. Estudava esquistossomose, foi quem mais estudou esquistossomose neste país. Desde a questão do tratamento que eu contei para vocês...

NA- Ele tinha alguma relação com o José Pelegrino?

LF- Eu conheci o Zé Pelegrino...

NA- Mas ele, o Rodrigues?

LF- Esse curso que eu fui fazer com o Lobato, lá em Belo Horizonte, era o seguinte: tinha uma parte básica dada pelo Lobato; tinha umas aulas que o professor Rodrigues vinha dar; que o Pelegrino vinha dar; que esses outros vinham dar. Eu conheci Pelegrino aqui...

NA- O Brener não estava nesse curso, não?

LF- O Brener é aluno comigo. O Pelegrino foi dar aula no curso de protozoologia, não era de esquistossomose não, era só protozoologia, só protozoário. Esquistossomose é verme, é fora. E o Zigman foi colega do curso.

NA- Porque o Pelegrino trabalhou com esquistossomose, não é?

LF- Trabalhou com uma porção de coisas.

NA- Bom, aí o Rodrigues sai da clínica e vai para a parasitologia.

LF- Ele vai ser professor. Ele já trabalhava com essas coisas aplicadas.

NA- Ele nunca passou pelo Instituto Oswaldo Cruz?

LF- Eu não sei. Você pode perguntar ao Coura. Ele pode completar essas informações sobre o professor Rodrigues. Acho que não! Até onde eu sei, não. Eu acho que ele estudou em Toulaine, era amigo do Bivar.

WH- Estudou aonde?

LF- Lá nos Estados Unidos, na Universidade Toulaine. Bivar é o que substitui Faust, um grande parasitologista, também. Era assim um pouco o Samuel Pessoa. Tinha livros, editava livros, essa coisa toda. Mas eu não sei te dizer tudo do currículo dele, das coisas dele. Sei que era um cara que trabalhava com esquistossomose sempre. Trabalhou com amebíase, trabalhou com calazar. Estudava essas doenças com esse enfoque médico. Foi ser professor e montou esse grupo: eu, o Coura, o Argento, Léa.

NA- Essa pergunta tem a ver com o que nós falávamos anteontem. Na verdade, a grande escola de medicina tropical brasileira - sem contar a Bahia, evidentemente, no século passado - deste século vinte é o Instituto Oswaldo Cruz, não é isso? Até um certo momento, a referência é o Instituto Oswaldo Cruz. A partir de um certo momento, como nós vimos com você quando era estudante, já não era mais. Quer dizer, na Faculdade de Medicina havia se criado um grupo. Eu quero saber se ele é o sucessor de Chagas, de Oswaldo Cruz, no âmbito da medicina tropical na faculdade.

LF- Deixa eu te contar.

NA- Se é ele ou não é ele? Porque a cadeira de Medicina Tropical criada pelo Chagas... Não sei se o Chagas ocupou a cadeira até a sua morte, eu acho que sim...

LF- É! Deixa eu contar a história porque, às vezes, não dá para dar uma resposta assim: “pá, pá, é, não é!” Vamos tentar compor juntos.

NA- É só para você entender por que é que eu estou te perguntando isso. Como é essa linhagem na Faculdade, entendeu?

LF- Eu já entendi. A cadeira de Medicina Tropical é criada para o Carlos Chagas. Ele ganha muito prestígio, então cria-se a cadeira de Medicina Tropical que funciona no Hospital São Francisco, no Pavilhão Carlos Chagas. Ele é o catedrático e a grande figura nessa linha é o Evandro Chagas, que é filho e um homem brilhante. O Lobato trabalhou com ele, o pai da Ana trabalhou...

NA- O Deane...

LF- O Deane, a Maria, o Nery Guimarães - pai do Reinaldo.

NA- Felipe Nery Guimarães, pai do Reinaldo. O Evandro morreu cedo.

LF- É. Eu vi o desastre de avião.

NA- Mas você era criança!

LF- Era criança e estava brincando no jardim da casa da minha avó, quando eu morava na rua Clarisse Índio do Brasil.

NA- Isso! Ali perto, foi aonde aconteceu o acidente.

LF- O acidente foi na praia de Botafogo. Eu estava brincando no jardim e vi aquele avião, e vi o outro avião rodar em volta e o avião bater! Eu vi isso! Eu era menino pequeno!

NA- Que coisa incrível!? Foi testemunha do acidente?

LF- Testemunha do acidente. E isso me fascinava, porque o avião caiu na Praia de Botafogo, que não era o que é hoje, que tem o Aterro. Ela vinha muito mais próxima. O corpo do piloto de um dos aviões caiu no parque do colégio Juruena, onde eu estudei muitos anos depois. E o que me atraía na época, havia uns escafandros que desciam, porque o avião caiu no mar. Então foram tirar os corpos, foram tirar pedaços de avião, e eram aqueles escafandros das histórias de Júlio Verne, uns caras ficavam em cima tocando uma manivela, que era para baixar... Eu me lembro dessa história. Mas a história da cadeira é o seguinte...

NA- Sim, mas o Evandro ocupou a cadeira?

LF- Não. Não. Quando Chagas morreu, abriram um concurso. Meu pai contava que vieram figuras muito eminentes disputar esse concurso. Foi disputado por 10 candidatos, era uma coisa assim. Eu sei porque ouvi falar, era menino pequeno. O Evandro concorreu nesse concurso. E aí contavam que quem ganhou esse concurso não foi o Evandro, foi o professor Joaquim Moreira da Fonseca. Tinha umas aulas que eram públicas, a defesa de tese era pública. Diziam as más línguas que no dia em que o professor Moreira da Fonseca foi dar a aula, a viúva do Miguel Couto chegou e sentou; porque esse Moreira da Fonseca era assistente

do Miguel Couto. E que aí todo mundo disse: “Bom, agora, esse vai ganhar”, porque o prestígio do Miguel Couto era um negócio inacreditável! Meu pai já estava doente, já estava mal e ele contava que conheceu Miguel Couto. Ele sempre contava a mesma história, ele repetia. O Miguel Couto chegava muito cedo na enfermaria. Meu pai era estudante e também chegava cedo, também para...

WH- Conversar?

LF- É. Aí, dizia assim para mim: “Um dia Miguel Couto botou a mão no meu ombro e disse: vem cá menino, vamos examinar juntos esse doente.” Ele lacrimejava.

WH- Ficava emocionado?

LF- Ficava emocionado contando que Miguel Couto botou a mão no ombro dele. A admiração que ele tinha pelo Miguel Couto naquele tempo era um negócio. Miguel Couto era catedrático na Escola de Medicina, como uma porção de outros, mas ele era diferente dos outros! Na sala da congregação, no tempo da Praia Vermelha, tinha uma placa na cadeira em que Miguel Couto sentava. Ele encarnava aquela figura do médico que era um grande cientista, que era um sacerdote. Tem uma história clássica – eu conto para vocês, depois se não interessar vocês tiram – Noite fria e chuvosa. Batem à porta: “O professor Couto está?”, “Saiu”, “Vai demorar?”, “Acho que sim. Ele foi à Saúde ver um doente.” A Saúde era o bairro dos pobres, dos miseráveis, então, Miguel Couto atendia os pobres. Era também um modelo de época. Tem uma história muito engraçada: Miguel Couto tinha sessenta e poucos anos - a minha idade - e foi à Itália. Lá, foi visitar Cardarelli que tinha 97 anos, na casa dele. Bateu na porta: “O professor Cardarelli?”, “Não está, ele saiu para ver um pobre”. A mesma coisa. Aí, o Cardarelli voltou, eles conversaram, etc. Na hora da despedida, o Miguel Couto disse assim: “Professor, espero estar aqui na comemoração do seu centenário.” O Cardarelli era um gozador, dizem que ele olhou bem o Miguel Couto de alto a baixo e depois disse assim: “O sr. está bem conservado, é provável que o senhor possa vir” (*risos*). Essa é a história. Mas aí, o que acontece é que ganhou esse professor Moreira da Fonseca, que era um bom clínico, mas que evidentemente não era um homem de pesquisa, era um clínico! Aquela cadeira ficava no meio do caminho. A clínica podia ir para cá ou ir para lá. Se fosse o Evandro, tinha dado um caminho. Joaquim Moreira da Fonseca foi por muitos anos o professor de doenças tropicais.

NA- Quando você entrou...

LF- Tinha saído o Moreira da Fonseca. O professor Rodrigues estava regendo a cadeira, fez o concurso, que era um concurso complicado e ficou. E aí eu fiz esse tal concurso para monitor, que eu já contei para vocês. Deixa eu voltar para a tua pergunta, para não fugir. Com o Chagas, a Faculdade de Medicina era integrada com Manguinhos. Tanto que no Hospital São Francisco tinha um laboratório freqüentado pelo pessoal de Manguinhos, para fazer autópsia, enfim, esse negócio da rotina que dá material para estudo. O Lacorte me contava. “Não, eu dava um tempo lá, no laboratório do Hospital São Francisco”. Lá isolava as bactérias, essas coisas todas. Tinha uma integração. Com o Moreira da Fonseca, desintegra inteiramente. E depois, com o professor Rodrigues, recupera alguma coisa. Mas não tem uma ligação direta com Manguinhos.

NA- O Rodrigues recupera, talvez, pelo lado da pesquisa?

LF- Não! Recupera a linha, mas não uma relação direta com Manguinhos, ele não tinha, não.

NA- Agora, eu tenho uma outra perguntinha para fazer. Você tem alguma outra coisa, senão eu vou mudar.

WH- Tem um tema que a gente não tocou: você falou na nossa primeira entrevista que você foi chefe do Departamento de Helminologia do IOC, não?

LF- É, eu sinto um orgulho enorme de ter sido chefe desse departamento!

NA- Que período foi esse?

LF- Quando o Coura era diretor do IOC! O Coura já foi diretor uma vez, ele acumulava a Vice-presidência de Pesquisa e a direção do Instituto. Foi na época do Guillard. Aí, eu fui ser o chefe.

NA- Mas por que ele te chamou para ser o chefe?

LF- (*rindo*) Porque era meu amigo! Porque gostava de mim.

NA- Não, não é só por isso. O que estava acontecendo dentro da Helminologia? Quem estava lá trabalhando?

LF- Esse pessoal... quase todos que estão lá. Bom, por quê? Primeiro, porque o grupo do departamento era muito meu amigo. Eu tinha examinado tese de mestrado, de doutorado da Delir, do Joaquim, do Roberto, deles todos. Do Roberto, eu examinei mestrado e doutorado. Da Delir não me lembro se examinei o mestrado, mas doutorado examinei. Então, eu tinha uma ligação muito grande com eles. Por outro lado, o Coura, que era o diretor, me chamou para ser chefe do Departamento, eu fiquei muito orgulhoso. É um título que eu me orgulho muito.

WH- Luiz Fernando, você tinha dito que o Departamento de Helminologia é um pouco a herança da escola do Travassos..

LF- Ainda é...

WH- Era muito mais voltado para a sistemática. Quando você entra lá, com essa visão que você tem da parasitologia mais ligada a coisas aplicadas, às coisas médicas da saúde pública, você consegue mudar?

LF- Nem tento.

WH- Nem tenta.

LF- Não, não. Eu era menino lá! Era gente já tarimbada! Você não consegue. É ingênuo você achar que ia chegar e encontrar um grupo de pesquisa consolidado, com uma tradição: “Agora vamos mudar” Nem tentei.

NA- Pois é, agora o convite...

LF- Agora, quem mudou – deixa só eu fazer um parênteses, para não esquecer - foi a Miriam Tendler. Ela não era daqui, a Miriam era do INERu. Quando o INERu se integra, a Miriam abre essa nova linha aplicada, que é o negócio da vacina da esquistossomose. Eu também examinei o mestrado e o doutorado da Miriam. Foi minha aluna no mestrado, na Medicina Tropical, eu dava aula de Parasitologia. Eu dava uma parte de parasitologia no mestrado de Ciências Biológica e depois ainda orientava e examinava tese. Toda essa coisa. A Miriam é um outro grupo que estuda vacina, e a tal proteína que imuniza. Conhece? O trabalho da Miriam é muito importante.

NA- É, tem uma vacina dela e do Naftale.

LF- É. Lá brigaram, o Naftale...

NA- É, mas eles fizeram um trabalho juntos.

LF- É, porque a vacina é uma proteína que imuniza para esquistossomose e para fascíola hepática. Aí entram, talvez, algumas coisas que podem interessar a vocês, quando me perguntam sobre as mudanças. Você tem uma linha de pesquisa, Wanda, que ao invés de publicar, tem que esconder para registrar patente. Eu digo isso porque eu fui examinar, há pouco tempo, o concurso para o Departamento de Helminologia do IOC, e tinha uma menina que trabalha com a Miriam. Ela estava competindo, acho que tinham uns três competindo ali, no final. Ela tinha menos trabalho do que os outros. Mas ela diz: “Eu não posso publicar porque é patente”, esconde o resultado. Para registrar patente, é diferente de trabalho acadêmico, essa coisa toda. É isso que eu digo a você. Aí, eu vou fazer aqui uma provocação para o Coura. Você ainda vai estar com ele?

NA- Vou.

LF- Você diz que eu mando essa provocação para ele. Ele diz o seguinte: que é os 100 anos do Instituto, não são os 100 anos da Fundação. Tudo bem, é verdade. Agora, o que o Instituto fazia no período de apogeu, não é o que o Instituto faz hoje, é o que a Fundação faz hoje! Vacina, remédio, saúde pública, até história. Aragão escrevia história, Olímpio escreveu. O Joaquim Venâncio formava gente como o Politécnico. Joaquim Venâncio formava pessoal, o pessoal adorava, ele ensinava, não é? Uma vez, o Chico Trombone - que você conheceu - disse para mim: “Dr. Luiz Fernando, isso eu sei. Eu aprendi com Joaquim Venâncio.” Aquele orgulho que a gente tem do médico, ele tinha. Você lembra disso.

NA- É, eu tenho o depoimento dele gravado.

LF- Então, isso é só para provocar o Coura. Você diz que eu fiz essa provocação.

NA- Só para encerrar esse assunto da Helminologia, eu vou te fazer uma última pergunta: se você foi para lá sem tentar – você disse que seria uma ingenuidade da sua parte tentar mudar a linha de trabalho daquelas pessoas – por que o Coura te convidou então?

LF- Porque eu fazia helmintologia, eu tenho os meus títulos tupiniquins: Academia de Medicina Militar, presidente da Sociedade de Parasitologia, professor titular, enfim. Tenho...

WH- Prestígio, não é?

LF- E porque ele é meu amigo, também. Por isso ele me chamou. Pergunta a ele também: “Por que você chamou o Luiz Fernando?” Sei lá! Por que eu aceitei? Porque eu senti um orgulho enorme de chefiar a Escola do Lauro Travassos. Aí, são coisas muito emocionais que saem da racionalidade. Fiquei orgulhoso, tanto que eu aceitei. Eu sabia que eu não ia mudar, que não ia transformar. Eu fui conduzindo aquilo como era. Não podia pegar a Delir, minha amiga de 50 anos - 50 não, que ela vai ficar danada, ela diz que não tem essa idade, ela é mais moça que eu - e dizer: “Delir, agora vamos mudar a linha!” Isso não funciona. Se você quer mudar a linha, que pegue outras pessoas, que façam outras pesquisas.

NA- Claro.

WH- É, porque apesar de você ter uma outra linha de trabalho no seu departamento, você tinha relação com outras pessoas, vocês trocavam em termos do trabalho científico mesmo.

LF- Eu vou explicar. Às vezes eu esqueço de falar e isso é importante. Quando eu falei de paleoparasitologia eu não falei nisso. O que acontece é o seguinte, Wanda: quando acho um bicho para fazer diagnóstico, eu sempre recorro a eles porque são os sistematas. Eles sabem classificar bicho. Então, eu tenho trabalhos de paleoparasitologia publicados junto com eles. Além da amizade de muito anos - isso tudo que eu contei - tem uma articulação, porque afinal eu faço helmintologia e eles também. Eu vejo por um lado, mas chega uma hora em que tem um denominador comum.

WH- Você precisa também da sistemática.

LF- Eu preciso da sistemática. E com uma complicação. É o que eu sempre digo a eles: “Vocês têm o bicho inteiro e eu só tenho o ovo, na maioria das vezes”. Ah, eu vou contar isso, não vou me dar à falsa modéstia: tem um bicho – esse é um outro grande orgulho que eu tenho, às vezes eu esqueço - com o meu nome até. Eu tenho um orgulho enorme disso. Chama-se *Strongyloides ferrerai*. Foi a Delir, junto com os outros, quem descreveu. É uma espécie nova e deram o meu nome porque não é um bicho de gente...

NA- Animal...

LF- É de animal. Eu trouxe, eles descreveram a espécie, e deram *ferrera* para mim. Eu fico muito orgulhoso...

Fita 5 – Lado B

LF- Eu trabalho junto com eles. E tem uma amizade também de anos e anos.

NA- Eu queria, antes dessa última pergunta, te fazer uma penúltima pergunta: por que você criou a Sociedade de Parasitologia?

LF- Não fui eu, foi um grupo de pessoas!

NA- Sim, mas qual era a intenção?

LF- A Sociedade de Parasitologia é o seguinte: tinha a Sociedade de Medicina Tropical. Eu sou fundador naquelas condições que eu contei, porque o meu mestre disse: “Vem!” Eu nem sabia o que era. “Assina!” Está bem, mandou. Naquele tempo não se discutia. Assinei e depois recebi uma placa: “Ao professor Luiz Fernando, nos 30 anos...” Eu não fiz nada. Eu só fui viajar. O Argento, meu amigo, meu companheiro, não teve esse título de fundador porque quando o professor Rodrigues disse: “Vai.” Ele disse: “Professor, é que eu marquei o casamento”. Ele não tem porque ele casou naquele dia e não foi. “Mas que besteira, vai casar, isso é besteira, menino!”

NA- Mais importante é fundar a Sociedade.

LF- É fundar a Sociedade. Mas aí ele mesmo desistiu, deixou Argento casar e não ir na fundação do Centro. Bom, mas dentro da Sociedade de Medicina Tropical tinha um grupo que era de laboratório, eram os parasitologistas. Nesse grupo - eu já estava mais maduro, mas também não seria o líder desse negócio - tinha dr. Lobato, tinham outros mais velhos do que eu.

NA- Quem mais?

LF- Tinha dr. Lobato, Mauro Pereira Barreto, nessa Sociedade de Parasitologia. Acho que tinha o professor Amílcar Vianna Martins, eu não sei se Naftale estava nisso, não me lembro...

NA- Tinha mineiros lá?

LF- Tinha uns mineiros lá...

NA- Aluizio Prata não estava, não?

LF- Aluizio Prata estava na Medicina Tropical, não na parasitologia. A parasitologia era do grupo de laboratório. Eu não me lembro, mas era meia dúzia de pessoas, também! Hoje, no último congresso em Poços de Caldas tinham 600 pessoas. Hoje eu já não conheço mais ninguém. Era meia dúzia, todo mundo se conhecia. Bom, por quê a Sociedade? Porque eram as pessoas mais voltadas ao laboratório, que tinham uma série de questões muito biológicas e que a Sociedade de Medicina Tropical ia engolindo, não era o núcleo dela. A Sociedade de Medicina Tropical era de médico, e se buscava também uma integração com os parasitologistas veterinários, com quem eu tive e tenho até hoje - hoje menos - uma ligação muito forte, porque eu participei da fundação do mestrado e doutorado de Parasitologia Veterinária.

NA- Do Quilômetro⁶?

LF- Do Quilômetro. Hugo Rezende, que era muito meu amigo, esteve aqui comigo: “Vou fazer, me ajuda”, “Está bom”. Então, eu participei. Tanto que depois, quando eu fui presidente da Sociedade organizei um congresso onde a parasitologia médica já estava integrada com a veterinária. Porque é parasita! Não faz mal se está no homem, se está no boi, no cavalo, mas é parasita. O pessoal da parasitologia de plantas, porque também é um problema... Têm tudo em comum. Então foi esse o movimento. Agora, o que eu fundei mesmo, aí fui eu porque já estava velho, foi a Sociedade de Paleopatologia.

NA- Você não falou nisso, porque você faz uma diferença entre paleopatologia e paleoparasitologia.

LF- Paleoparasitologia é o meu trabalho. Agora, ele é uma parte da paleopatologia. Aí, nós fundamos e agora é a Sheila quem está...

NA- Quando foi? Você não sabe?

LF- Está difícil.... 1991!

NA- Ah, recente! Tem um grupo grande⁷, umas dez pessoas. Isso foi aqui no Rio?

LF- Grupo de trabalho de criação da Sociedade Brasileira de Paleopatologia.

NA- Vocês se reúnem? Têm congressos?

LF- Congresso não tem. Tem reunião. Agora anda meio parado e a Sheila é que vai reativar isso. É uma mulher terrível! Mexe, faz e vai. Foi ali, na rua do Bispo, como é aquela universidade que tem lá?

NA- Sei, a Gama Filho?

⁶ Refere-se à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

⁷ A entrevistadora refere-se a uma fotografia mostrada pelo depoente que retrata o grupo de trabalho de criação da Sociedade de Paleopatologia

LF- Não! Não é a Gama Filho, não! Estácio de Sá. Porque lá estava havendo o Congresso da Sociedade de Arqueologia, aí nós aproveitamos as pessoas que estavam lá. Essa fui eu que puxei, fui o primeiro presidente, fui essa coisa toda.

WH- Agora, é só para o grupo do Brasil?

LF- É, Sociedade Brasileira.

NA- Existe uma internacional?

LF- Existe. É essa *Paleopathology Association*.

WH- Que você faz parte?

LF- Sim, sou sócio. Recebo uma revista. Esse é da Miss Cochwar, porque quando Aidan morreu, ela...

WH- Ela assumiu?

LF- Eles fizeram um livro juntos. Ele disse: “Eu rabisco assim qualquer coisa, quem bota assim tudo bonitinho é ela.” Ela é curadora de um museu de Chicago. Ela não é médica, não.

NA- Ele era escocês mas radicado nos Estados Unidos, não é isso?

LF- É. Radicado. É um sujeito muito engraçado.

NA- Eu queria fazer duas perguntas finais. Já que a gente está falando em paleopatologia, eu queria que você me dissesse o seguinte: qual é a perspectiva desse campo de estudo? Porque você, na verdade, é um pioneiro nesse campo de estudos. Qual é a sua opinião a respeito disso? Como você vê o futuro disso, não é? Que questões podem ser exploradas a partir daí e na interface não só com a biologia, mas com as outras ciências, inclusive na História?

LF- É, na História. Está aí nesse livro que eu te dei. Ela faz interface com a genética, a biologia molecular, arqueologia, antropologia. É uma ciência que integra tudo isso. Quer dizer, ela usa conhecimento dessas áreas todas e abre caminho para várias coisas. Por exemplo agora, com esse negócio do DNA. Os parasitologistas discutem, por exemplo, como é que evoluiu o *Trypanosoma cruzi*, como é que começou o parasitismo. Primeiro era um bicho que foi parasita de insetos, de invertebrados, depois passou para o homem. Isso é uma teoria. Mas tem outra teoria que diz que não, que primeiro era pelo tubo digestivo de vertebrados, depois passou para os invertebrados. Bom, quando você abre esse campo, você tem possibilidade de olhar isso e ver como evoluiu. Uma das coisas que atrai o Otávio e o pessoal da biologia molecular é que você pode estudar evolução de DNA, como é que esse DNA andou. Então, você tem perspectivas no campo biológico, no campo de doença, de história de doença, no campo das migrações. Elas servem para rastrear migrações. Enfim, são esses vários campos, é um campo interdisciplinar que vai... Ela é tão interdisciplinar que você até tem que aprender

técnicas de ocultar cadáver, técnicas de contrabando (*risos*) e todas as técnicas marginais. E conto duas histórias: uma é quando eu vinha com o Adauto com essas múmias, já contei isso?

WH e NA- Não...

LF- Essas múmias têm uma história.

NA- Elas são de onde?

LF- São de Montes Claros, perto de Montes Claros, Itacambira. Nós fomos buscar essas múmias em Itacambira. Eu tinha um amigo, o Chicão, da Rural, do programa de ... A Wanda conhece, é um amigo de Mário.

WH- ... do programa de Montes Claros, o PIASS Montes Claros na década de 70, não é?

LF- É, por aí. Aí, nesse tempo, quem financiava as pesquisas de Paleoparasitologia era a Fundação Ludovicus Tercius Guanabarinus, não é?

NA- (*ri*) Ou seja, seu próprio bolso, não é?

LF- Ludovicus como o rei de França. Minha mãe sempre dizia: “O rei que foi santo” Ela escolheu para mim um nome de santo. Guanabarinus foi a província lusa aonde eu nasci e Tercius, porque quando eu estudei em Paris, os companheiros diziam: “Primus Aristóteles, secundus Aquinenses, tercius Guanabarinus” (*risos*) Numa seqüência apenas cronológica, e não de competência filosófica. A gente tinha pouco dinheiro, então fomos de ônibus, eu e a Dalva, até Belo Horizonte. Em Belo Horizonte, Chicão me emprestou um jipe e fomos a Montes Claros. Dessa vez, nós fomos visitar a Berenice e a Berenice tinha morrido 15 dias antes.

WH- A Berenice, da doença de Chagas?

LF- O primeiro caso de Chagas...

WH- O primeiro caso de Chagas diagnosticado.

LF- ...a menina, é. Então, pegamos as múmias. Fomos fazer outras coisas e trouxemos essas múmias embrulhadas num cobertor. Mas o jipe deixou a gente outra vez na rodoviária de Belo Horizonte. Era véspera de carnaval. Ficamos sentados na rodoviária de Belo Horizonte: eu, o Adauto e três múmias, não é? (*risos*) Eu disse: “Adauto, se alguém descobre esses defuntos, até provar que nós não matamos...” Quando chegou na hora de pegar o ônibus, o chofer dizia: “Não, essa bagagem o sr. tem que botar embaixo”, “Mas de jeito nenhum!” Aí teve uma discussão: “Não, mas o que é?”, “Não é nada, mas quebra” Eu ia dizer que era múmia? E a outra vez, eu vinha dos Estados Unidos e em Richmond tem um amigo meu, esse argentino, o Henrique Gershman, que trabalha com isso. O Henrique me deu uns coprólitos para examinar - ele já tinha examinado lá e era para eu examinar aqui. Era uma porção de potinhos de plástico e o coprólito estava em pó. Joguei aqueles pozinhos na mala e vim embora. Quando cheguei

aqui no aeroporto, mandaram eu abrir a mala. A minha mala não tinha muita coisa, eu me orgulho de ser o sujeito que viaja com a menor bagagem do mundo! Quer dizer, eu ia viajar: sapato é o que está no pé, calça e paletó é o que está no corpo e eu só levo então camisa, cueca e meias, que dá para três ou quatro dias (*ri*) de acordo com o clima. Mas eu tinha uma mala pendurada aqui, ninguém vai me checar e tal. Aí veio uma mulher que parecia um sargento. Disse: “Abre.” É bom abrir, com aquelas cuecas fedorentas, que já tinha usado uma porção de dias, (*risos*) e, no meio daquilo, acharam aqueles potes: “O que é que é isso?”, “Isso é material de pesquisa.” E aí começou uma coisa. “Mas são coprólitos, minha senhora.” E a mulher: “Que são coprólitos?” E acabou enchendo, eu disse: “É cocô de múmia. Estou trazendo cocô de múmia!” E a mulher ficou uma fúria. Ela achou que eu estava gozando. A minha sorte é que esse Rubens, que está aqui na entomologia, sabe quem é?

WH- Trabalha lá com o dr. Sebastião.

LF- É. O Rubens é veterinário e dava plantão na Inspeção Sanitária. O Rubens vinha passando, eu disse: “Rubens vem cá, me salva! Senão eu vou para a cadeia!” Ele riu, ele era amigo da mulher, aí eu me safei. Então, têm essas coisas da pluridisciplinariedade da paleoparasitologia.

NA- Agora, me diz uma coisa, você falou que você estudou em Paris?

LF- Não, isso é uma brincadeira! Não estudei em Paris. Isso é uma brincadeira.

NA- Seu pseudônimo...

LF- Não, é para ter graça, senão a história perde a graça...

NA- Agora, minha última pergunta. Você disse que nunca teve nenhuma militância política, não é? E como é essa história do anarquismo na sua vida? É um *hobby*, é uma leitura, o que é? Não é uma militância?

LF- Não! A história do anarquismo não era uma coisa vivida. Era fantasia de garoto.

NA- Leitura?

LF- É. Nunca fui anarquista, nunca joguei pedra.

NA- Pois é, então não teve essa militância.

LF- Isso era influência do Sávio. Isso vai se prorrogar. Quando o Blois fazia essas loucuras todas, o Sávio era amigo do Blois. Ele era da idade do Blois, nós todos éramos muito mais jovens. Ele era o intermediário quando a gente queria qualquer coisa, apertar o Blois para conseguir qualquer coisa. E era muito amigo. A gente éramos eu, Hugo Tomasini, Jorge Valadares, Maurício Pinho Gama, que depois foi para Brasília. Era um grupo que estava começando ainda. O Sávio era um sujeito fascinante, estou devendo escrever a história dele um dia. Ele tinha essa coisa de anarquista e contava histórias. Nunca fui militante. Tinha amigos militantes, como fui homenageado nessa turma do...

WH- Luíz Tenório?

LF- Luíz Tenório, como fui do Arouca. Eu vivi uma situação também muito engraçada. Eu lamento, não consigo contar isso com o heroísmo que outros contam, eu acho engraçado. Essa é a grande militância da minha vida. Era o seguinte: a mulher do Hugo Tomasini tinha uma amiga que havia se ligado com um rapaz que era revolucionário. Isso na época braba, 64, por aí. Tinha as crianças. Aí, ele disse: “Puxa, precisava esconder esse rapaz.” Mas isso era brabo, não era só de falar, era exército ou desses grupos...

WH- Da linha armada, não é?

LF- Da linha armada. Ele não sabia muito esse negócio de Marx, nem queria saber! Ele queria brigar, treinava. Era um sujeito até muito simpático, já tinha sido padre também. Aí, o Hugo diz assim: “Mas não pode botar lá na minha casa – o rapaz estava fugindo – você pode deixar lá?” Bom, um amigo pedindo: “Está bem”. Então, veio o cara para lá.

NA- Para a sua casa?

LF- É, eu morava com a Dayse nesse tempo, a minha primeira mulher, tinha filhos, etc. E aí, o cara veio. Tudo bem. Mas chegou um dia em que a mulher ficou com saudade do cara, não é? (*risos*). Está bom, aí veio a mulher e vieram as crianças. Claro! A casa tem dois andares. Daqui a pouco, aquilo virou uma casa. Porque a Dayse, minha mulher, era um tipo doméstico. Esse negócio todo, foi ver se a criança estava mamando direito. E a Dayse se metia. No fim não tinha nada de revolucionário!

NA- Era uma família! (*risos*)

LF- Tinha uma mãe que queria dar leite: “Vem cá, vem tomar o leite, esse leite não serve”, se metendo e tal, e ficaram lá conosco. Um tempo muito agradável, mas não tinha nada de revolucionário. Tinha uma mulher mais velha que era a Dayse, eu fui dando... Eles eram jovens. Depois eu vim a saber que essa moça era irmã da Maria Eulália.

NA- Lobo!

LF- Lobo, filha do Lobo ...

NA- Fernando Lobo. Fernando Lobo não, do professor da faculdade!

LF- Não! Aqui de Manguinhos, foi diretor do hospital esse Lobo.

NA- Não, a Maria Eulália Lobo que eu conheço, é uma historiadora. Não é essa?

LF- Não. A Maria Eulália Lobo que você conhece, que é uma historiadora, era mulher do Bruno Lobo, que foi meu professor na Escola de Medicina. Essa é outra história. Aliás, eu estive com essa mulher uma vez na vida. Mas é fascinante! Você conheceu, Nara?

NA- Maria Eulália? Ela é muito conhecida. Eu trabalhei com a filha dela.

LF- Essa mulher é fascinante! Eu conversei com ela uma vez na Academia de Medicina, teve uma reunião. E o marido dela gostava muito de mim, era amigo do meu pai, essa coisa toda. Ficamos conversando. Não, é outra Maria Eulália Lobo. Porque o pai foi daqui, trabalhou aqui comigo, depois se aposentou. Mas enfim.

NA- Você estava falando da sua militância.

LF- Ah, sim. Esse casal é metralhado muito tempo depois. Primeiro um, depois o outro, naquele negócio de romper aparelho, de abrir aparelho à bala. Parece que primeiro morreu o rapaz. Eram muito juvenzinhos. E depois a irmã dessa Maria Eulália, que era minha amiga. E a Maria Eulália cuidou dessas crianças. Bom, o encontro com a Maria Eulália, a identificação, foi muitos anos depois. Esse eu conheci criança. A Dayse dando leite, providenciando, passou a ter mamadeira circulando dentro de casa!

NA- Agora eu queria encerrar com a seguinte coisa – não dá para a gente terminar a entrevista sem te perguntar sobre a tua ascensão à Presidência da Fiocruz. Quer dizer, como é que foi isso? O Arouca saiu e, naquele meio tempo, você assumiu a Presidência da Fiocruz. Você viu o próximo presidente que foi o Akira?

LF- Não, não. Foi o seguinte, eu conto para vocês. Houve uma eleição na Fundação que o Akira ganhou. Foi a eleição que concorreu o Morel, o Arlindo...

NA- Isso foi depois. Você entrou quando o Arouca saiu, não foi?

LF- Não. Eu sei que teve uma eleição...

NA- Era Arlindo, Morel e Akira.

LF- É, e Akira foi eleito. Eu sei que depois do Arouca, eu fui vice-presidente do Akira: “Não, você fica.” Mas aí, vem o governo Collor.

NA- Em noventa.

LF- E o governo Collor não aceitava o eleito. Porque pelo regulamento, não tinha eleição. O que aconteceu? Demitiram o Akira. O Akira estava na presidência, saiu o Akira. Aí, não ficou ninguém. E era para ficar o Akira, que tinha sido eleito. Aí, o Dilton, que era o advogado...

WH- Da assessoria jurídica, não é?

LF- ...da assessoria jurídica disse: “Não”. Eu era o único que não tinha me candidatado. Eu me lembro dessa história. O Dilton disse: “Não, você é o mais antigo vice-presidente. Então você tem que assumir.” Quer dizer, o mais antigo porque eu fui nomeado um dia, o Arlindo dois dias depois, o Morel três dias depois. Aí ficou aquele negócio: a Fundação acéfala, o ministro

não nomeava - o ministro era aquele do Paraná, Alcenir Guerra. Está bom. Aí, eu sentei lá e comecei a responder por aquele troço.

NA- Foi à revelia do ministério?

LF- Foi. Depois é que eles vão me nomear. Aí, vem o coisa e: “Assina aqui a folha de pagamento”, “Caramba! Como que eu vou assinar a folha de pagamento?” É um inferno esse troço! Eu sofri! Como eu sofri! “Assina aqui para pagar não sei o quê”, “Mas o que eu vou assinar?”

WH- Quem era o Chefe de Gabinete?

LF- Era aquele Antônio - esqueci o nome dele, às vezes eu vejo ele. Teu pai estava lá, estava todo mundo! Aí, começou o negócio. Aí, os meus amigos queridos reuniam e diziam: “Não, você vai a Brasília, tem que falar com o Ministro”. Eu digo: “Não vou coisa nenhuma, se ele quiser, ele que venha cá”. Não é bazófia, Nara. É que eu não queria aquele troço! Se eu quisesse, eu ia bajular ministro. Mas eu não queria. Então eu dizia: “Eu não vou.” Aí o jornalista começou a fazer muita intriga. Eu disse à Cristina Tavares: “Eu só falo com um sujeito.” Era um rapaz que botava o que eu dizia, porque os outros... Eu sei que ficou uma complicação. Aí o Ministro mandou um para vir falar comigo. Eu disse ao cara: “Olha, vamos acertar isso. Eu não quero isso, não estou fazendo questão” Mas a coisa arrastou. Um dia o Ministro Alcenir veio. Eu pessoalmente até gostei do Alcenir. É um cara que todo mundo fala mal. Eu estou dando a vocês a minha maneira de ver. Ele olhava olho no olho e falava: “É assim, porque eu quero que seja assim!” Ele foi honesto. Ele disse o seguinte: “Eu até queria nomear o Akira - ele nomeou o Akira - tem um currículo bom. Eu quero, mas eu não posso porque o Collor não quer que nomeie quem foi eleito, não quer manter a eleição, quer quebrar isso. Então, eu não posso” E ele falava isso olho no olho. Ele era claro. Aí, veio a história da demissão. Se lembra dessa história? A Fundação tinha que demitir. Aí ele dizia para mim: “Olha, o sr. faz a lista de demissão.” Eu dizia: “Eu não faço. Eu não vou demitir”. Eu sei que um dia, outra figura engraçada, um irmão desse PC...

NA- Farias?

LF- Farias, que era o chefe de gabinete do Alcenir... Esse sujeito é uma dama, é uma delicadeza. Eu fui a Brasília. Aí, tinha um sujeito que eu não ia com a cara e disse: “Não, o sr. tem que demitir”, “Pois eu não vou demitir ninguém!” Comecei a dizer desaforo a esse outro. Aí, vem esse irmão do PC Farias e o Moreira Nunes. O Moreira Nunes sacou que eu estava disposto a dizer desaforo e ir embora. Aí vem esse sujeito com uma delicadeza: “Não, professor, o senhor tem toda a razão”. Sabe assim? Atenuando. Era médico, não é o deputado que dizem que matou... Mas o sujeito era uma dama, tinha um charme. E acalmaram essa história e eu não demiti ninguém. Nem eles me cobraram mais de demitir ninguém. Nem foi ninguém demitido, não é? Fazendo um rápido parênteses. Eu tenho duas histórias de demissão no serviço público, pelo menos na Fundação: uma é essa que eu já contei e a outra é do tempo em que o Lobato era vice-presidente. É muito engraçada. Tinha que demitir: “Vamos demitir, vamos demitir e tal”. Então, fizeram uma lista desse tamanho. O pessoal da Helmintologia ficava com medo de ser demitido, porque vem com aquela história de que esse trabalho não

tem importância prática. A lista começou a diminuir. No fim, tinha um sujeito na lista. Você sabe dessa história? Você conheceu esse sujeito?

WH- Não, mas já ouvi essa história.

LF- Era um imbecil! Um incompetente, dizem que um mau caráter. Bom, esse vai. Um dia, o cara foi atravessar ali na Central do Brasil, foi atropelado e morreu! (*risos*) Aí, ninguém foi demitido.

NA- Essa história é ótima. Mas eu queria saber o seguinte: você ficou quanto tempo então?

LF- Aí eu fiquei lá uns três meses.

NA- Você foi nomeado pelo Alcenir?

LF- Não, saiu uma nomeação interina. Eu fui presidente interino. E comecei a conversar diretamente com o Alcenir e ele a me entender. Ele dizia: “Você tem que arranjar uma pessoa para botar aqui, eu não quero isso!” E ele dizia: “Não, eu estou vendo” E ele falava, olho no olho. Depois disseram que ele roubou bicicleta, não tem um negócio assim? Eu sei que no trato direto, era um sujeito com quem eu me entendi. E tinha aquele que era vice-presidente, aquele do Paraná...

NA- Do Collor?

LF- Não, aqui da Fundação. O Raichman!

WH- Ah! Raichman!

LF- Raichman. Também me dava bem com o Raichman.

NA- Foi o Alcenir quem botou o Raichman aqui?

LF- O Alcenir botou o Raichman, botou um vice dele. A coisa foi indo até que, um dia, eles decidiram nomear o Herman⁸. Era um sujeito que tinha prestígio, tinha nome. O Herman assumiu e eu saí fora. Eu fiquei uns dois meses, três meses, nem me lembro mais!

NA- Foi um pouco mais.

LF- Um pouco mais? Mas era um negócio complicado! O pior troço do mundo era você assinar. E amanhã vinha alguém dizer que você não podia assinar, não é? Dava aquela paranóia, não é? Vou ter que devolver esse dinheiro, aonde que eu vou tirar esse dinheiro? Vão me meter na cadeia! Eu fui tocando, depois saí. Agora, daqui por diante, quer dizer, desde esse troço eu não aceito absolutamente nenhum cargo administrativo! Eu não sou nem chefe de departamento, eu não sou coordenador de curso, eu não sou nada. Digo que estou velho para

⁸ O entrevistado refere-se a Herman Schatzmayr.

isso. É charme. Então, agora eu sou um modesto professor da Escola de Saúde Pública, só isso. Não sou mais nada nem quero mais nada. Estou com 41 anos de serviço público, não quero me aposentar e faço essas coisas que eu contei para vocês. Inclusive quando o Adauto foi, agora, no negócio dos fogos encontrar o Fernando Henrique, eu disse a ele: “Manda um recado meu. O recado é o seguinte: acabar com a compulsória dos 70 anos - porque com 70 anos você cai na compulsória, e isso é um absurdo! E você reforça com um poema de Goethe”. Você sabe que Goethe era um sedutor, ele vivia seduzindo as mulheres. Para você seduzir a filha de uma ex-namorada, existem muitos casos na literatura. Agora, a neta é difícilíssimo. *(risos)* O Goethe estava seduzindo ou tentando seduzir a neta de uma ex-namorada. E como a moça vacilasse um pouco, ele fez um poema, dizendo uma porção de coisas e tem uma frase que eu guardei assim: “Olha, se aos 22 anos eu fui capaz de escrever o *Wherther*, do que é que eu não sou capaz aos 72?!” *(risos)*